



LÉON DENIS

O GÊNIO CÉLTICO

E

O MUNDO INVISÍVEL

" O passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode esquecê-lo totalmente, mas esse passado ficará sempre registrado no seu íntimo. Porque assim, como ele é, ele próprio, em cada época, ele é simultaneamente o produto e o resumo de todas as épocas anteriores.

FUSTEL DE COULANGES
(A Cidade antiga.)

NOVA EDIÇÃO
CONFORME A EDIÇÃO DE 1927
UNIÃO ESPIRITUALISTA FRANCESA E FRANCÓFONA

O GÉNIO CÉLTICO

E

O MUNDO INVISÍVEL

Traduzido do original por:
JOANA

SITE ESPÍRITA

<http://ideiaespirita.blogspot.com/index.html>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
PRIMEIRA PARTE – OS PAÍSES CÉLTICOS	8
I – ORIGEM DOS CELTAS. - GUERRAS DOS GAULESES. - DECADÊNCIA E QUEDA. - NOITE LONGA; O DESPERTAR. - O MOVIMENTO PAN-CÉLTICO.	8
II – A IRLANDA.....	21
III – O PAÍS DE GALES. A ESCÓCIA. A OBRA DOS BARDOS.....	26
IV – A BRETANHA FRANCESA. – RECORDAÇÕES DRUÍDICAS.	33
V – AUVERGNE. VERCINGETORIX, GERGOVIE E ALESIA.....	40
VI – LORRAINE E VOSGES. JOANA d’ARC, ALMA CÉLTICA.....	49
SEGUNDA PARTE – O DRUIDISMO.	58
VII – SÍNTESE DOS DRUIDAS. AS TRÍADES. OBJECÇÕES E COMENTÁRIOS.....	58
VIII – PALINGENESIA: PRÉ-EXISTÊNCIAS E VIDAS SUCESSIVAS. A LEI DAS REENCARNAÇÕES.....	69
IX – A RELIGIÃO DOS CELTAS, O CULTO, OS SACRIFÍCIOS, A IDEIA DA MORTE.	97
X – CONSIDERAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS. PAPEL DA MULHER. A INFLUÊNCIA CÉLTICA. AS ARTES. LIBERDADE E LIVRE ARBITRIO.	108
TERCEIRA PARTE – O MUNDO INVISÍVEL.	115
XI – A EXPERIMENTAÇÃO ESPÍRITA.....	115
XII – RESUMO E CONCLUSÃO.	125
XIII – MENSAGENS DEVIDAS AOS INVISÍVEIS.....	129
Nº 1 - FONTE ÚNICA DAS TRÊS GRANDES DIVULGAÇÕES: BUDISTA, CRISTÃ E CELTICA.....	131
Nº 2 - EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS....	133
Nº 3 - MESMO ASSUNTO.....	135
Nº 4 - CELTAS E ATLANTAS.	137
Nº 5 - SOBRE A ORIGEM DA CORRENTE CÉLTICA	137
Nº 6 - A CORRENTE CÉLTICA E O CARÁCTER FRANCÊS.....	139
Nº 7 - ANALOGIA DO IDEAL JAPONÊS COM O CELTISMO.....	140

Nº 8 - MÉTODOS ESPIRITUAIS DOS DRUIDAS.	142
Nº 9 - VARIEDADE DAS RAÇAS HUMANAS.....	144
Nº 10 - O RAI0 CÉLTICO. (<i>Sequência</i>)	147
Nº 11 - MÉTODO DE COMUNICAÇÃO ENTRE ESPÍRITOS E HUMANOS.....	148
Nº 12 - ORIGEM E EVOLUÇÃO DA VIDA UNIVERSAL.....	150
Nº 13 - FORÇAS RADIANTES DO ESPAÇO; O CAMPO MAGNÉTICO VIBRATÓRIO.....	153
Nº 14 - O CELTISMO E A NATUREZA. A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO.....	156
Nº 15 - JEANNE D'ARC, ESPÍRITO CELTICO, ANUNCIADO POR JULES MICHELET.....	159
Nº 16 - O CELTISMO NA CONSCIÊNCIA FRANCESA.	161

INTRODUÇÃO

No meio da crise que sofremos, o pensamento inquieta-se, interroga-se; ele procura as causas profundas da dor que atinge todas as formas da nossa vida social, política, económica, moral. As correntes de idéias, de sentimentos, de interesses colidem violentamente, e dos seus choques resulta um estado de perturbação, de confusão, de desordem que paralisa toda a iniciativa e se traduz numa impotência para encontrara a solução. Parece que a França perdeu a consciência de si mesma, da sua origem, do seu génio, do seu papel no mundo.

Enquanto que outras raças, essencialmente realísticas, perseguem um objectivo muito mais preciso, tanto mais determinado quanto mais material é, a França sempre hesitou, ao longo da sua história, entre duas concepções opostas. E, por aí se explica o carácter intermitente da sua acção.

Tão depressa ela se diz Celta como apela a esse espírito de liberdade, de verticalidade, de justiça que caracteriza a alma do Gaulês. É à intervenção desta, ao despertar do seu génio, que é preciso atribuir a instituição das comunas na Idade Média e a obra da Revolução. Às vezes ela se crê latina e, desde logo, vão reaparecer todas as formas de opressão monárquica ou teocrática, a centralização burocrática e administrativa, copiada dos romanos, com as habilidades, os subterfúgios das suas políticas e os vícios, a corrupção dos povos envelhecidos.

Acrescentem à volta destas concepções a indiferença das massas, a sua ignorância das tradições, a perda de todo o ideal. É às alternâncias destas duas correntes que é necessário atribuir a oscilação do pensamento francês, as projecções, as bruscas reviravoltas da sua acção através da história.

Para reencontrar a unidade moral, a consciência de si mesma, o sentido profundo do seu papel e do seu destino, ou seja tudo aquilo que torna as nações fortes, bastaria à França que afastasse as teorias erróneas, os sofismas pelos quais se falseou o seu julgamento, obscurecido o seu caminho, e retornar à sua própria natureza, às suas origens étnicas, ao seu génio primitivo, em suma à tradição Celta, enriquecida pelo trabalho e pelo progresso dos séculos.

Porque a França é Céltica, não há qualquer dúvida neste ponto. Os nossos mais eminentes historiadores o atestam e, com eles, grande número de escritores e pensadores entre os quais os dois Thierry, Henri Martin, J. Michelet, Ed. Quinet, Jean Reynaud, Renan, Emile Faguet e tantos outros. Se nós somos latinos, disseram eles, pela educação e pela cultura, nós somos Celtas pelo sangue, pela raça.

Arbois de Jubainville repetiu-nos isso muitas vezes, tanto nos seus cursos do Colégio de França, como nos seus livros: “Há 90 por cento de sangue gaulês nas veias dos franceses. ”Com efeito, se abrirmos a história, aí veremos que após a queda do império, os Romanos voltaram em massa a atravessar os Alpes e deles muito pouco restou na Gália. As invasões germânicas passaram como um vendaval no nosso país; só os Francos, os Visigodos, os Borgonheses aí se fixaram tempo suficiente para se fundirem com os elementos autóctones. Além disso, os Francos não eram mais que trinta e oito mil, enquanto que a Gália contava com cerca de cinquenta milhões de habitantes.

Podemos perguntar-nos como uma tão vasta região pôde ser conquistada com tão fracos meios. Isso o Sr. Ed. Haraucourt, da Academia francesa, explica-o num substancial artigo publicado na revista “la Lumière”, de 15 de Janeiro de 1926, e do qual falaremos mais tarde.

Todos os que guardaram no coração a memória das nossas origens gostam de reconstituir glórias e reveses desta raça inquieta, aventureira que é a nossa, recordar os infortúnios e provas que lhe granjearam tantas simpatias. A todas estas páginas famosas, escritas sobre o assunto, eu não teria pensado acrescentar fosse o que fosse se não tivesse tido um novo elemento a oferecer ao leitor para elucidar o problema das nossas origens, ou seja a colaboração do mundo invisível. Com efeito, é devido à incitação do espírito de Allan Kardec que eu realizei este trabalho. Aí encontrarão a série de mensagens que nos foram ditadas por incorporação, em condições que excluem qualquer fraude. Durante estas entrevistas, Espíritos libertos da vida terrestre, trouxeram os seus conselhos e os seus ensinamentos.

Tal como se verá nas suas mensagens, Allan Kardec viveu na Gália, no tempo da independência e aí foi druida. O dolmen que, por sua vontade, se ergue sobre o seu túmulo em Père- Lachaise, tem por lá um sentido exacto. A doutrina espírita que o grande iniciador condensou, resumida nas suas obras através das comunicações dos espíritos, obtidas em todos os pontos do globo, coincide, nos seus aspectos fundamentais,

com o druidismo e constitui um retorno às nossas verdadeiras tradições étnicas, amplificadas pelo progresso do pensamento e pela ciência e confirmadas pelas vozes do espaço. Esta revelação marca um das fases mais elevadas da evolução humana, uma era fecunda de penetração do invisível no visível, a participação de dois mundos numa obra grandiosa de educação moral e de transformação social.

Nesta perspectiva, as suas consequências são incalculáveis. Ela oferece ao conhecimento um campo ilimitado de estudos sobre a vida universal. Pelo encadeamento das nossas existências sucessivas e a solidariedade que as une, ela torna mais clara, mais rigorosa a noção dos deveres e das responsabilidades. Ela mostra que a justiça não é uma palavra vã e que a ordem e a harmonia reinam no Cosmos.

A que devo eu atribuir este grande favor de ter sido ajudado, inspirado, dirigido pelos Espíritos dos grandes Celtas do espaço? Segundo o que Allan Kardec me disse, eu próprio vivi, no oeste das Gálias as minhas três primeiras existências humanas e conservei sempre em mim as impressões das primeiras épocas. É por isso que eu, na vida actual, aos dezoito anos, assim que li *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, tive a intuição irresistível da verdade. Parecia-me escutar as vozes longínquas ou interiores falando-me de mil coisas esquecidas. Todo um passado ressuscitava com uma intensidade quase dolorosa. E tudo o que eu vi, observei, aprendi desde então, não fez mais do que confirmar esta primeira impressão.

Este livro pode pois ser considerado, em grande parte, como uma emanção desse Além para onde em breve eu vou regressar. A todos aqueles que o lerão possa ele trazer uma radiação de nosso pensamento e da nossa fé comum, um raio do alto que fortalece as consciências, consola as aflições e eleva as almas em direcção a esta fonte eterna da verdade, da sabedoria e do amor que é Deus.

PRIMEIRA PARTE

OS PAÍSES CÉLTICOS

CAPÍTULO I

ORIGEM DOS CELTAS. - GUERRAS DOS GAULESES. - DECADÊNCIA E QUEDA. - NOITE LONGA; O DES- PERTAR. - O MOVIMENTO PAN-CÉLTICO.

Nos primórdios da História nós encontramos os celtas estabelecidos numa grande parte da Europa. Donde vinham eles? Donde eram originários? Alguns historiadores colocam o berço da sua raça nas montanhas do Taurus, ao centro da Ásia Menor, na vizinhança do Chaldéens. Tornados numerosos, teriam cruzado a Ponte - Euxin (mar Negro) e penetrado até ao coração da Europa. Mas, hoje em dia, esta teoria parece ter caído em desuso tal como a hipótese dos Arianos.

O Sr. Camille Jullian, do Colégio de França, na sua mais recente obra "História da Gália", fixa em seiscentos ou oitocentos anos antes da nossa era a chegada à Gália do Kymris, ramo mais moderno dos celtas. Eles vinham, segundo ele, das margens do Elbo e das costas do Jutland, afugentados por um maremoto que os tinha forçado a emigrar para o Sul.

Chegados na Gália, eles encontraram um ramo mais antigo dos celtas, os Gaëls que se encontravam fixados aí desde há muito tempo e que eram de estatura mais baixa, e geralmente morenos, enquanto que os Kymris eram grandes e loiros. Estas diferenças são ainda apreciáveis no Armorico* onde as costas do Oceano em Morbihan, são povoadas de homens pequenos e morenos, misturados com elementos estrangeiros, atlânticos ou bascos que se fundiram com as populações primitivas enquanto que os da Costa - Do - Norte ou do Canal da Mancha possuem habitantes de mais alta estatura aos quais se vieram juntar os celtas bretões corridos da enorme ilha pelas invasões anglo-saxónicas.

* (o nome **Armorique** era o nome dado na Antiguidade a uma vasta região costeira que se estendia de Pornic perto de Nantes à Dieppe no norte do país de Caux. Ela cobre a actual região da Bretanha, o noroeste do País do Loire e todo o litoral normando. Estava povoada por tribos célticas reagrupadas numa Confederação armoricana.) *Notas de Tradução*

As observações do Sr. C. Jullian encontram-se confirmadas pelo parentesco das línguas célticas e germânicas, semelhantes pela sua estrutura, pelos seus sons guturais, o abuso das letras ásperas, como o K, o W, etc. No meio das correntes migratórias, que se cruzam e se entrecruzam na noite pré-histórica, a ciência encontra um método mais preciso nos estudos linguísticos para reconstituir a filiação das raças humanas.

Reconstituiremos apenas a traços largos a história dos Gauleses. Sabe-se que os nossos antepassados, durante séculos, encheram o mundo com o barulho das suas armas. Ávidos de aventuras, de glórias e de combates, não podiam resignar-se a uma vida discreta e tranquila, e partiam para a morte como para uma festa, tão grande era a sua certeza do além.

Conhece-se as suas numerosas incursões na Itália, na Espanha, na Germânia até ao Oriente. Invadiam os seus vizinhos e, pela lei do retorno, foram invadidos em seguida e reduzidos à impotência.

A alma da Gália encontra-se nas suas instituições druídicas e bardas. Os druidas não eram somente os padres, mas também os filósofos, os cientistas, os educadores da juventude. Os ovates * presidiam às cerimónias do culto, e os bardos consagravam-se à poesia e à música. Exporemos mais adiante o que era a obra e o verdadeiro carácter do druidismo.

* sacerdotes - (a palavra **ovate** é um título (ou grau) do movimento néo-druídico contemporâneo. É a deformação da palavra **vate** (profetas, que faz vaticínios) que, com o druida e o bardo compunham a classe sacerdotal dos Celtas da Antiguidade). *Notas de Tradução*

No início da nossa era os Romanos tinham já penetrado na Gália, subido o vale do Reno e, após terem ocupado Lyon, avançavam até ao centro do país.

Os Gauleses resistiram com energia e infligiram às vezes pesadas derrotas aos seus inimigos; entretanto, eles encontravam-se divididos e,

muitas vezes, não ofereciam senão resistências locais. A sua coragem, levada até à temeridade, o seu desprezo pela arte da guerra e pela morte colocava-os em desvantagem. Combatiam desordenadamente, nus até à cintura, com armas mal oleadas, contra adversários cobertos de ferro, astuciosos e pérfidos, fortemente disciplinados e apetrechados de um material considerável para a época.

Vercingétorix, o grande chefe arverne, * apoiado pelo poder dos druidas, consegue num dado momento levantar a Gália inteira contra César, e uma luta grandiosa se desenrola. Criado pelos bardos, Vercingétorix possuía as qualidades que se impõem à admiração dos homens, e que lhes impõem a obediência, o respeito. O seu amor pela Gália aumentava com o progresso crescente dos exércitos romanos.

* arverne - *povo celta da Gália transalpina*- Nota de Tradução

Que diferença entre Vercingétorix e César! O herói gaulês, cheio de fé no poder invisível que governa os mundos, sustentado pela sua crença nas vidas futuras, tinha por regra de conduta o dever, por ideal a grandeza e a liberdade do seu país.

César, profundamente céptico, não acreditava senão na sorte. Tudo neste homem era astúcia e cálculo; uma sede imensa de dominação devorava-o. Após uma existência de vícios, crivado de dívidas, vinha à Gália procurar na guerra os meios para aumentar a sua fortuna. Ele cobiçou sobretudo as cidades ricas, e depois de as haver despojado com pilhagens, viam-se longas escoltas a encaminharem-se para a Itália e a levar o ouro gaulês aos credores de César.

É necessário recordar que em matéria de patriotismo, César, perjura, destrói as liberdades romanas e oprime o seu país. Certamente, não negaremos o génio político e militar de César, mas devemos à verdade recordar que este génio estava manchado por defeitos vergonhosos.

E é nos escritos deste inimigo da Gália que se vai frequentemente procurar a verdade histórica! É nos seus *Comentários*, escritos sob a inspiração do ódio, com a intenção evidente de se enaltecer aos olhos dos seus concidadãos, que se estuda a história da guerra da Gália. Mas dois autores romanos, Pollion e Suétone, confessam eles próprios que esta obra está recheada de inexactidões, de erros voluntários.

Em resumo, Gauleses, ardentes, entusiastas, impressionáveis, tinham beneficiado da corrente céltica, desta grande corrente, veículo de elevadas inspirações que, desde as primeiras eras, tinham reinado em todo o noroeste da Europa. Tinham-se impregnado dos eflúvios magnéticos do solo, destes elementos que, em todas as regiões da terra, caracterizam e diferenciam as raças humanas.

Mas o seu fulgor juvenil, a sua paixão pelas armas e pelos combates tinha-os conduzido demasiado longe, e as perturbações causadas à ordem e à marcha regular das coisas recaíram pesadamente sobre eles em virtude desta lei soberana que atrai, sobre os indivíduos assim como sobre os povos, todas as consequências das obras que eles realizaram. Porque tudo aquilo que fazemos recai sobre nós através dos tempos em chuvas ou raios, alegrias ou dores, e a dor não é o agente mais eficaz da educação das almas e da evolução das sociedades.

*

* *

O druidismo dedicava-se sobretudo a desenvolver a personalidade humana, tendo em vista a evolução que lhe é assinalada. Cultivava as qualidades activas, o espírito de iniciativa, a energia, a coragem; tudo o que permite enfrentar as provas, a adversidade, a morte com uma autoconfiança total. Este ensino desenvolvia no homem ao mais alto grau o sentimento do direito, da independência e da liberdade.

Em contrapartida, acusaram-no de ter negligenciado demasiado as qualidades pacíficas e os sentimentos afectivos. Os Gauleses sabiam-se iguais e livres, mas eles não tinham uma consciência suficiente desta fraternidade nacional que assegura a unidade de um grande país e constitui a sua salvaguarda na hora do perigo.

O druidismo tinha necessidade deste complemento que o cristianismo de Jesus lhe trouxe. Falamos do cristianismo primitivo, ainda não alterado pela acção dos tempos, e que, nos primeiros séculos, apresentava tantas analogias com as crenças célticas dado que reconhecia a unidade de Deus, a sucessão das vidas da alma e a pluralidade dos mundos. É por isso que os Celtas o adoptaram com tanto ardor, porque estavam melhor preparados pelas suas próprias aspirações. Ainda no século IV, pode-se ver pela controvérsia de São Jerónimo com o Gaulês Vigilancius, de São Bertrand de Comminges, que a grande

maioria dos cristãos desta época admitia a pluralidade das existências da alma.

Imbuídos da ideia de que eram animados por um princípio imperecível, todos iguais nas suas origens, nos seus destinos, os nossos antepassados não podiam suportar nenhuma opressão. Por isso, as suas instituições políticas e sociais eram eminentemente republicanas, democráticas. E é nelas que é preciso procurar a fonte dessas aspirações igualitárias, liberais, que são uma das faces do nosso carácter nacional.

Todos os Gauleses tomavam parte na eleição do Senado, que tinha por missão estabelecer as leis. Cada república elegia os seus chefes temporários, civis e militares. Os nossos antepassados não conheceram as diferenças de casta. Faziam emanar os direitos dos homens da sua própria natureza, da sua imortalidade que os tornava iguais por princípio. Eles nunca se teriam preocupado com o facto de que apenas um guerreiro, mesmo um herói, pudesse apoderar-se do poder e impor-se ao povo. As leis gaulesas declaravam que uma nação continua acima dum homem.

No momento em que César penetrou na Gália, graças à acção dos druidas e do povo das cidades, preparava-se a unidade nacional. Se a paz tivesse permitido o cumprimento destes grandes projectos, as repúblicas gaulesas, unidas por laços federativos, como os cantões suíços ou os Estados Unidos da América, teriam formado, desde estas épocas remotas, uma poderosa nação.

Mas as dissensões, as rivalidades dos chefes, comprometeram tudo. Uma aristocracia tinha-se formado gradualmente nas tribos. Graças às suas riquezas, certos chefes gauleses tinham sabido rodear-se de numerosos grupos de seguidores, de partidários, com a ajuda dos quais influenciavam as eleições e perturbavam a ordem pública. Constituíram-se partidos. Para triunfar dos seus rivais, alguns apoiavam-se no estrangeiro, daí resultando a separação da Gália, seguida da sua servidão.

Salienta-se muitas vezes que, em troca da sua independência perdida, a Gália recolheu grandes vantagens da dominação romana. Sim, sem dúvida, Roma trouxe aos nossos antepassados certos progressos materiais e intelectuais. Sob a sua influência abriram-se estradas, criaram-se monumentos, construíram-se grandes cidades. Mas tudo isso ter-se-ia criado provavelmente mais tarde, sem Roma, e tudo isso não substituía a liberdade perdida.

Quando a guerra terminou, dois milhões de Gauleses tinham sucumbido nos campos de batalha. Roma impusera um tributo anual de 40 milhões de sestercios.*

* (do Lat. *Sesterciu*) s. m., moeda romana de cobre, equivalente a um quarto de denário, ou dois asses e meio. - *Nota de Tradução*

A Gália, esgotada de homens e de dinheiro, prostrou-se, agonizante, sob o machado dos oficiais romanos.

Depois, quando as novas gerações cresceram, quando a Gália sarou as suas dolorosas feridas, o astro de Roma começou a empalidecer. Do fundo dos bosques e dos pântanos da Alemanha, semelhantes a grupos de lobos famintos, os Francos acorreram como ratos. Quem eram na realidade estes Francos que deram o seu nome à Gália? Bárbaros, como este Arioviste que se vangloriava de ter permanecido catorze anos sem dormir sob um tecto. Os Francos formavam uma tribo de raça germânica e não eram mais que trinta e oito mil. Mas, em vez de transmitir à Gália a sua crueldade, fundiram-se nela. No entanto, os Gauleses não fizeram mais do que trocar de opressores. Os Francos dividiram entre eles a terra e implantaram o feudalismo. Estes reis indolentes e cruéis, estes senhores nobres da Idade Média, duques, condes e barões, eram na sua grande maioria Francos ou Borgonheses, e os seus instintos rudes faziam recordar a sua origem.

Se a dominação romana, que durou quatro séculos, trouxe à Gália alguns benefícios, por outro lado, a sua ávida administração consumou a sua ruína destruindo-lhe toda a capacidade de resistência.

É o que o Sr. ED. Haraucourt, da Academia francesa, nos explica num artigo ao qual emprestamos as linhas seguintes publicadas numa das nossas destacadas revistas:

“É devido a eles (os Romanos) e não aos bárbaros que a Gália morreu. Morreu da sua organização interna que foi uma desorganização sistemática, ela pereceu corroída pelo excesso burocrático e pelo imposto, enfraquecida por leis que absorviam a sua riqueza, suprimiam o seu trabalho e arruinavam a sua produção. Os invasores apenas vieram para terminar a obra dos legisladores.”

Quando nos dizem que os nossos antepassados foram os Romanos ou os Francos, protestamos com toda a nossa alma. Todas as grandes e nobres faces do carácter nacional, recebemo-las dos Gauleses. A generosidade, a simpatia pelos fracos e oprimidos, provêm deles. Esta força que nos faz lutar e sofrer pelas causas justas, sem esperança de retorno, este

desprendimento que nos leva a apoiar os povos dominados nas suas reivindicações, estas tendências sem igual em nenhum outro povo, tudo isso nos vem dos nossos heróicos antepassados. Apesar da longa ocupação romana, apesar da invasão dos bárbaros do Norte, o nosso carácter nacional está ainda impregnado do velho espírito céltico. O génio da Gália ilumina para sempre o nosso país.

*

* *

Durante a longa noite da Idade Média, o ideal céltico pôde parecer esquecido, mas subsistia e permanecia latente na consciência popular. Druidas, bardos foram banidos da terra das Gálias e passaram na ilha da Bretanha. Aqui, os nobres, os senhores dividem-se em partidos rivais e esgotam-se em lutas intestinas. O pobre povo das cidades e dos campos permanece curvado sob uma pesada tarefa, absorvido pelas preocupações materiais, e frequentemente sofre de fome e de miséria.

No entanto, o cristianismo tendo penetrado na Gália, em certa medida, suavizou estes males. Representava um benefício, um progresso; a religião de Jesus adaptava-se bem à fraqueza humana; se a lei que trazia do amor e do sacrifício tivesse encontrado aplicação, poderia satisfazer os anseios das almas e a redenção da humanidade.

Com o objectivo do aperfeiçoamento moral a religião cristã reprimia a vontade, a paixão, o desejo, tudo o que constitui o eu, o próprio centro da personalidade. A doutrina céltica, ao contrário, empenhava-se em desenvolver no ser todo o seu potencial de raciocínio, inspirando-se nesta lei da evolução sem termo, sendo a ascensão da alma infinita. A alma cristã aspira ao descanso, à beatitude no seio de Deus, enquanto que a alma céltica empenha-se em desenvolver os seus poderes interiores a fim de participar num aperfeiçoamento crescente, de círculos em círculos, na vida e na obra universais.

A alma cristã é mais amante, a alma céltica é mais viril. Uma procura ganhar o céu pela prática das virtudes, pela abnegação e pela renúncia; a outra quer conquistar *gwynfyd* colocando em acção as forças que dormem no seu interior. Mas todas duas têm sede do infinito, da eternidade, do absoluto. A alma céltica acrescenta-lhe o sentido do invisível, a certeza do além e o culto fervoroso da natureza.

Mas muitas vezes estas duas almas coexistem ou melhor, sobrepõem-se nos mesmos seres. É o caso de muitos dos nossos compatriotas; neles estas duas almas ignoram-se ainda, mas fundir-se-ão um dia.

É necessário recordar que a doutrina do Cristo, também ela, tinha perdido em muitos aspectos o seu sentido primitivo? A França encontrou-se perante um ensino teológico que tudo tinha restringido, reduzindo as proporções da vida a uma só uma existência terrestre, muito desigual, de acordo com os indivíduos, para os colocar a seguir numa imobilidade eterna. As perspectivas do inferno tornaram a morte mais temível. Fizeram de Deus um juiz cruel que, tendo criado o homem imperfeito, o punia por esta imperfeição sem reparação possível. E daí provêm os avanços do ateísmo, do materialismo que, a longo prazo, fez da França uma nação maioritariamente céptica, desprovida de força moral, desta fé robusta e iluminada que torna fácil o dever, a prova suportável e atribui à vida um objectivo prático de evolução e de aperfeiçoamento.

O jugo feudal e teocrático pesou durante muito tempo sobre ela, depois, chegou a hora em que reconquistou a sua liberdade de pensar e de crer. Então quis-se passar pelo crivo toda a obra dos séculos e, sem separar o que era bom e belo, sob pretexto de crítica e de análise, entregámo-nos a um trabalho obstinado de desagregação. Num determinado momento, não se vislumbrava no domínio do pensamento, senão escombros, nada daquilo que tinha feito a glória do passado restava de pé e nós nada mais possuíamos que a poeira das ideias.

Escritores de mérito, pensadores conscienciosos aplicaram-se profundamente nas suas obras a exaltar o valor e o prestígio do druidismo, mas o fruto dos seus trabalhos não penetrou nas camadas profundas da nação. Vimos mesmo com admiração universitários, membros distintos do ensino, unirem-se numa causa comum com os teológicos para denegrir, ridicularizar as crenças dos nossos antepassados. O trabalho secular de destruição foi tão completo, a noite foi tão profunda sobre as suas concepções que raros eram aqueles que ainda apreciavam a força e a beleza.

Seria uma grande prova de fraqueza, e por consequência uma desgraça para a França, o ficar desprovido de noções precisas sobre a vida e sobre a morte, conformes às leis da natureza e às intuições profundas da consciência. Durante séculos ela tinha esquecido as suas tradições nacionais, perdido de vista o génio da sua raça, bem como as revelações dadas aos seus ancestrais para dirigir a sua marcha para um objectivo elevado.

Afirmava, esta revelação, que o princípio da vida no homem é indestrutível, que as forças, as energias que se agitam em nós não podem

ser condenadas à inacção, que a personalidade humana é chamada a desenvolver-se através do tempo e do espaço para adquirir as qualidades, as novas potencialidades que lhe permitirão desempenhar um papel sempre mais importante no universo.

E eis que esta divulgação se repete, se renova. Como nas épocas célticas, o mundo invisível intervém. Depois de quase um século, a voz dos Espíritos faz-se ouvir sobre toda a superfície da terra. Ela demonstra que, duma maneira geral, os nossos antepassados não tinham sido enganados. As suas crenças encontram-se confirmadas pelos ensinamentos d'além-túmulo em tudo o que se refere à vida futura, à evolução, à justiça divina, em suma, sobre o conjunto das regras e das leis que regem a vida universal.

Graças a esta luz, o infinito abriu-se para nós até às suas mais íntimas profundezas. Em vez de um paraíso beato e dum inferno ridículo, nós entrevimos o imenso cortejo dos mundos, que são as muitas estações que a alma percorre na sua longa peregrinação, na sua ascensão para Deus, construindo e possuindo em si própria a sua felicidade e a sua grandeza pelos méritos adquiridos. Em lugar da fantasia ou do arbitrário, por toda a parte se apresentam a ordem, a sabedoria e a harmonia.

E é por isso que às gerações que se erguem e procuram um ideal susceptível de substituir as pesadas teorias escolásticas, nós diremos: acedam connosco a estas duas fontes, que não são senão uma, confundindo-se na sua identidade; acedam às fontes puras onde os nossos ancestrais mergulharam o seu pensamento e a sua alma. Beberão aí a força moral, as qualidades viris, o ideal elevado sem os quais a França seria condenada a uma decadência irremediável, à ruína e à morte!

*

* *

Durante séculos os Celtas ocuparam na parte ocidental da Europa a mesma posição. Repelidos pelos bandos germânicos no continente, nas ilhas britânicas pelas invasões anglo-saxónicas, eles tinham perdido a sua unidade mas não a sua fé no futuro. A Gália tinha-se transformado na França, e a sua língua original apenas se falava na península armoricana. Quanto às ilhas, os Celtas encontravam-se repartidos em quatro povos ou grupos diferentes, separados por braços de mar ou largos estuários: são a Irlanda, a alta Escócia, o País de Gales e a Cornualha.

Que força moral, que vontade obstinada não foi necessária a esta raça céltica para manter a sua língua, as suas tradições, o seu excelente carácter! A história das perseguições sofridas pela Irlanda durante dez séculos é impressionante. O uso do gaélico era proibido e cada criança que pronunciava uma só palavra na escola era punida com o chicote.

E contudo a Irlanda, pela sua tenacidade, triunfou da opressão inglesa. Hoje, a Irlanda reconstituiu a sua língua primitiva. É o único país onde os seus acentos ecoam como linguagem oficial. Os Celtas do outro lado da Mancha e, nós, não temos mais o mesmo verbo, mas temos o mesmo pensamento; sem nos falarmos compreendemo-nos sempre.

Na Bretanha francesa a perseguição foi mais moral que religiosa. Todos os emblemas do druidismo, todos os nomes sagrados dos antigos Celtas foram substituídos pelos símbolos católicos e pelos nomes de santos. As mais ínfimas lembranças do culto ancestral foram minuciosamente expurgadas.

Nos tempos modernos, é aos Galeses que pertence o mérito de ter provocado o despertar da alma céltica, ou seja de ter impulsionado uma corrente de opinião que, aproximando as ramificações dispersas da raça, restabeleceu o contacto entre todos.

O movimento pan-céltico, que tende a fazer convergir para um objectivo comum os recursos e as forças dos cinco grupos célticos, nasceu no País de Gales por volta de 1850. Desenvolveu-se rapidamente e as suas consequências prometem ser vastas e profundas.

Desde há mais de 50 anos, que apesar da grande guerra, a situação dos Celtas se modificou para melhor. A Irlanda reconquistou a sua independência; o principado do País de Gales e a ilha de Man possuem a sua completa autonomia; a Escócia trabalha eficazmente para efectivar a sua; só a Bretanha francesa permaneceu estacionária.

O principal objectivo a atingir era a salvaguarda das línguas célticas, paládio da raça inteira. A Irlanda conseguiu-o; os outros dialectos recuperam também a força e o vigor nos seus respectivos meios. Os professores que os ensinam são subvencionados pela Liga Céltica. Este assunto suscita unanimidade no impulsionamento, de início, literário e artístico, mas que se torna, pouco a pouco, num movimento filosófico e religioso.

A partir de 1570 uma assembleia solene, dita *Eisteddfod*, foi presidida por William Herbert, Conde de Pembroke, o grande proprietário da literatura gaulesa e o mesmo que fundou a famosa biblioteca de néo-

gaulês do castelo de Rhaglan, destruída mais tarde por Cromwell. Numa outra reunião, realizada em Bowpyr, em 1681, sob a direcção de Sir Richard Basset, os membros do Congresso procederam a uma revisão completa dos antigos textos bardos: *Leis e Tríades*. Os *Eisteddfodau* sucederam-se regularmente desde 1819. O *Gorsedd* que os prepara, organiza e dirige, é um instituto livre recrutado em todas as classes da sociedade. Foi, no início, um Tribunal de Justiça sustentado pelos druidas. Apesar dos eclipses temporários e das perseguições manteve-se ao longo dos séculos e é ainda ele, actualmente, que preside ao movimento geral pan-céltico. No último século este movimento acentuava-se, os *Eisteddfodau* de Abergavenny, os de Caer-Marthen reuniam numerosos representantes das cinco grandes famílias célticas. Lamartine enviou-lhes a sua adesão sob a forma dum poema. Eis a primeira estrofe:

“E a seguir nós vos dizemos: “Ó filhos das mesmas praias!
 “Nós somos um ramo do antigo gládio vencedor;
 “Olhemos nossos olhos, nossos cabelos, nossos rostos;
 “Podemos reconhecer-vos na têmpera do coração?»

Depois veio o Congresso Saint-Brieuc, reunido sob a convocação de Henri Martin, de H. do Villemarqué e um Comité de célticos de renome. Outras delegações célticas passaram a Mancha para confraternizar com os Bretões franceses.

Como retribuição, o Congresso de Cardiff recebeu a visita de vinte e um dos nossos compatriotas. Em 1897 os delegados gauleses foram enviados a Dublin para participar na restauração do *Feiz-Céoil* no hotel da cidade de Dublin, sob a presidência do governador civil Sir James Henderson, Lorde Castletown, descendente dos antigos reis celtas, que pronunciou estas palavras:

“A Liga pan-céltica, que teve a iniciativa do Congresso, propõe-se unicamente reunir os representantes dos Celtas de todas as partes do mundo, para manifestar perante o universo o desejo de preservar a sua nacionalidade e de cooperar na manutenção e no desenvolvimento dos tesouros da língua, da literatura e da arte que lhes legaram os seus antepassados comuns.»

Associações célticas fundiam-se na França, o ensino superior ganhava lugar de destaque na história e na literatura célticas. Cadeiras especiais eram fundadas na Sorbonne, no Colégio de França, em 1870 em Rennes e em Poitiers.

A Revista céltica foi criada e não cessou de aparecer, em Paris, sob a grande direcção de Gaidoz e de Arbois de Jubainville. Após a publicação das obras famosas de Henri Martin, Jean Reynaud, A. Thierry, um marinheiro famoso, o almirante Réveillère, pôde escrever:

“É na ordem das coisas que os Celtas, mais cedo ou mais tarde, se agrupam de acordo com as suas afinidades, constituem-se em federações para a defesa das suas fronteiras naturais e para a propagação dos seus princípios. É necessário que o panceltismo se torne uma religião, uma fé... A obra da nossa época é dupla. É em primeiro lugar a renovação da fé cristã apoiada na doutrina céltica da transmigração das almas, única doutrina capaz de satisfazer a inteligência pela crença no aperfeiçoamento indefinido da alma humana numa série de existências sucessivas. O segundo, é a restauração da pátria céltica e a reunião num só corpo dos seus membros hoje separados.»

A França enviou algumas vezes estes célebres *Eisteddfodau* seus representantes. Aí compareceram sucessivamente os Srs. Henri Martin, Luzel, H. de Villemarqué, Blois, Boisrouvray, Rio de Francheville e, mais recentemente, Srs. Braz, Goffic, etc. Por toda a parte, as delegações francesas foram recebidas com grandes honras, alojadas em castelos ou ricas casas burguesas. Quando elas desfilavam nas ruas das antigas cidades gaulesas ou à entrada dos *Eisteddfodau*, os seus tocadores de gaita-de-foles à frente, tocando o hino nacional gaulês, a *Marcha dos homens de Harlech*, as multidões ovacionavam-nas. No entanto, que contraste com estas delegações escocesas, compostas desses higdlanders de elevada estatura, com as suas potentes gaita-de-foles, e como perto delas as nossas tinham fraca aparência!

A propósito desta *Marcha dos homens de Harlech*, o Sr. Goffic recorda um facto histórico bastante tocante. Na batalha de Saint-Cast, quando o exército inglês desembarcava nas costas da Bretanha, uma companhia de fusileiros gauleses avançava ao encontro dos homens do duque de Aiguillon que defendiam o solo nacional. Destas filas, um cântico se ouviu, no qual os Gauleses reconheceram o hino céltico. Imediatamente, pararam hesitantes, surpreendidos. O oficial inglês que os comandava interpelou-os severamente, dizendo-lhes: “Têm medo?” - “Não, responderam eles, mas pela forma como cantam estas pessoas nós reconhecemos homens da nossa raça. Nós também somos Bretões!»

A música céltica, de uma melancolia penetrante, é rica e variada; os seus hinos, as suas melodias, os seus cânticos populares são extremamente antigos e o Sr. Goffic está convicto de que os grandes compositores alemães aí foram recolher inspiração. É certo que Haendel viveu muito tempo em Inglaterra e conheceu as melodias populares

gaulesas e escocesas. Certas partes de Haydn e Mozart assemelham-se muitíssimo às antigas músicas de há dois ou três séculos.

Estes *Eisteddfodau*, pelo seu cerimonial, podiam parecer ultrapassados e suscitar a troça de certas críticas ignorantes, mas vejamos o que escreve a este respeito uma testemunha ocular:

“Aqueles que viram no círculo de pedras sagradas levantar-se o arquidruída, grande ancião branco de colar em ouro maciço, a cabeça aureolada com folhas de carvalho dourada, e que o ouviram salmodiar sobre a multidão, inclinada e descoberta, a oração solene *Gorsedd*, aqueles que repararam sobretudo na emoção religiosa desta multidão, no vasto soluço que a agitava, quando o arauto desenrolava a lista fúnebre dos bardos falecidos, depois o entusiasmo que a redireccionava e a iluminava completamente, quando este mesmo arauto entoava o hino nacional gaulês: **a Terra dos Antepassados**, retomado em unísono por um coro formidável de vinte mil vozes, aqueles não mais sorriram do espectáculo e compreenderam a magia poderosa, a fascinação misteriosa que continua a exercer sobre a alma impressionável dos Gauleses.»

Desde a grande guerra que a propaganda céltica conheceu um novo desenvolvimento. A Liga céltica irlandesa organiza festas e reuniões solenes periódicas, primeiro em Dublin, depois em cada uma das cidades da Irlanda. No País de Gales, muitas *Eisteddfodau* se sucederam. A de 1923 foi presidida pelo arquidruída do País de Gales assistido por um arquidruída australiano e outro da Nova Zelândia.

Estes detalhes demonstram-nos que o movimento céltico se propagou até aos antípodas. Por toda a parte as multidões célticas agiam com paixão a estas assembleias onde se cultivam os desafios poéticos e musicais, as improvisações oratórias. E por estas manifestações renovam-se e afirmam-se incessantemente a vitalidade da raça, a sua vontade de continuar unida num pensamento elevado e sério, unida num ideal comum!

Assim se realiza o sonho céltico previsto pelos bardos. Através das graves vicissitudes da sua história, a raça céltica sempre afirmou a sua vontade de viver, a sua fé inabalável em si própria e no seu futuro e isto sobretudo nas horas em que tudo parecia perdido. Mas a sua obra é puramente pacífica. O que se agita no fundo da sua alma, não é uma necessidade de poder material, é apenas o sentimento da sua nobre origem e o dos seus direitos.

Tal como o disse Lorde Castletown: “A ideia céltica é uma ideia de concórdia e de fraternidade e isso está escrito por toda a parte nas lendas e nos dogmas filosóficos da raça.»

Todos os iniciados sabem que o Celtismo renovador trará à Europa este complemento da ciência e da religião que lhe falta, ou seja um conhecimento mais elevado do mundo invisível, da vida universal e das suas leis. Está nele, com efeito, o único meio de atenuar o declínio das raças brancas, orientando a sua evolução para um objectivo mais elevado e para um destino melhor.

CAPÍTULO II

A IRLANDA

A história da Irlanda através dos séculos foi apenas um longo martírio. As perseguições sofridas obrigaram metade da população a expatriar-se, a trocar por terras remotas a ilha verdejante tão cara aos corações célticos. Em menos de um século caiu de oito milhões para quatro milhões de habitantes. É desde então que se encontram Celtas espalhados por todas as partes do mundo.

Esta ilha é contudo, vimo-lo, o único país onde a língua céltica se revestiu de um carácter e de uma forma oficial. Rica, flexível, variada nas suas expressões, esta língua deu origem ao nascimento de uma literatura abundante na qual se reflecte toda a alma irlandesa, móvel, impressionável, sensível ao excesso, apaixonada por todas as grandes causas.

Frequentei durante algum tempo, no Colégio de França, o curso de literatura céltica de Arbois de Jubainville. Havia entre nós muitos Irlandeses que ouviam com avidez o relato das proezas do seu herói nacional Couhoulainn. Seguíamos o texto gaélico a partir de um livro alemão, porque não existia tradução francesa e esta escassez não se encontra somente - é necessário confessá-lo para nossa vergonha? - neste tipo de estudos.

O professor ensinava-nos que os manuscritos em língua gaélica remontam até ao século V, e se enumerarmos todos os que foram publicados até ao XV^o constata-se que constituem matéria para um milhar de volumes.

Desta obra volumosa emanam duas grandes fontes de inspiração, às quais os escritores irlandeses frequentemente recorreram. Primeiro, são as *Epopéias primitivas*, recolha de factos heróicos relativos à luta, longa e comovente, dos insulares contra os Saxões invasores e opressores. É dela que os combatentes da última guerra da independência extraíam os exemplos e as memórias que inflamavam a sua coragem, mantendo o seu entusiasmo patriótico.

Mais tarde, é a *História lendária dos bardos* e das *Triádes* que, na ordem filosófica e religiosa, são como uma espécie de Bíblia para o

mundo céltico e cuja paternidade é comum à Irlanda e ao País de Gales. Esta história foi registada através da escrita apenas no século VIII, ou pelo menos não se possui manuscritos mais antigos. Mas está provado que estes cantos e estas Tríades eram transmitidos oralmente de boca em boca, desde há séculos, e que a sua origem perde-se na noite dos tempos; sabe-se que o ensino esotérico dos Druidas era ministrado apenas aos iniciados e que se podia transcrevê-lo apenas sob a forma duma escrita vegetal, simbólica, cujo segredo era comunicado apenas aos adeptos.

Foi apenas quando o poder dos druidas terminou e que os bardos foram perseguidos que se pensou em recolher este conhecimento e em divulgá-lo.

*

* *

Reencontra-se o vestígio destas elevadas inspirações em toda a obra literária da Irlanda, aliado a este culto ardente da natureza que é uma das formas do génio céltico. A sua rica poesia reflecte o encanto penetrante desta ilha verdejante com as suas florestas profundas, os seus lagos sombrios, os seus horizontes de brumas e as costas abruptas, recortadas, onde a onda lança a sua queixa eterna.

Por toda a parte flutuam enxames de almas: elfos, gnomos, duendes, génios tutelares ou maléficos aos quais se misturam as almas dos mortos, os espíritos dos defuntos que o seu líquido material, as suas paixões, os seus ódios, os seus amores conectam à terra e que vagueiam à espera duma nova reencarnação, porque, neste ponto, os textos são formais, a Irlanda acreditava na pluralidade das existências humanas.

Em todas as épocas, e mais talvez do que em qualquer outro país, a Irlanda teve a intuição, o sentido íntimo e profundo da vida invisível, do mundo oculto, deste oceano de forças e de vida, povoado de inúmeras multidões cuja influência se exerce em nós e, de acordo com as nossas disposições físicas, nos protege ou nos perturba, nos entristece ou nos anima.

É por isso que, na história da Irlanda - como na Escócia - as bruxas desempenham um grande papel. Os próprios santos possuem poderes misteriosos que poderíamos identificar com o magnetismo e com o dom da mediunidade. Para nos convenceremos disso, pode-se ler as biografias do santo Patrich (Pedro) e do santo Colomban (Columbano), proprietários da ilha.

Duas belas e nobres figuras destacam-se da multidão dos escritores e poetas irlandeses contemporâneos. Porque é uma verdadeira multidão que um subtil escritor: S. Téry, passa em revista no seu consciencioso e fascinante estudo sobre o movimento literário na ilha.

Destas duas grandes figuras uma é a de W. B. Yeats que é considerado como o líder do renascimento das letras irlandesas e o maior dos poetas de língua inglesa do nosso tempo. “Penetrado de influências gaélicas, extrai a sua inspiração das antigas fontes nacionais, exprime a alma nostálgica e apaixonada da Irlanda.»

Entrando na intimidade do grande poeta, S. Téry define-o de uma maneira original: “Yeats e a sua mulher, como tantos Irlandeses, são adeptos das ciências ocultas, estas pessoas convivem com os espíritos e fantasmas como o fariam com antigos conhecidos, eles inclinam-se curiosamente sobre os abismos do desconhecido, movimentam-se com êxtase no meio dos fenómenos misteriosos dos quais nos desviamos, porque nos arrepiamos com o que não compreendemos. A sua musa, porque é celta, gosta de rodear-se de velas. Toda a obra de Yeats está envolvida num vago misticismo, ressentindo-se do interesse que lhe inspirou a teosofia, as ciências ocultas.»

Um outro escritor de elevado talento exerce uma influência não menos considerável sobre o seu país; é Georges Russell, considerado “a consciência da Irlanda”. S. Téry apresenta-o nestes termos:

“Pelo ascendente de uma personalidade magnética, de uma vida pura, duma alma perfeita, ele reuniu em redor dele tudo o que havia de inteligente e de nobre na Irlanda, ele multiplicou a inspiração de todos, ele comunicou-lhes a sua chama.

“O misticismo de Yeats é tão poético, instintivo, como o de Russell é consciente, reflectido. Das vagas aspirações sentimentais da raça celta para o desconhecido, o mistério do mundo, Russell fez uma filosofia, um princípio de acção. Também ele é um adepto das ciências ocultas, mas, sempre que o inquirimos sobre as suas relações com o invisível, mostra-se cheio de discrição. Quando o pressionamos, diz apenas: “O que sei é pouca coisa, eu descobri que a consciência pode existir fora do corpo, que podemos às vezes ver pessoas que estão muito longe, que pode-se mesmo falar-lhes a centenas de quilómetros: a mim próprio, falaram-me dessa maneira. Sei por experiência que seres sem corpos físicos podem agir sobre nós profundamente. Um deles incorporou em mim, e enquanto aquilo durou, parecia-me ser sacudido por raios eléctricos. Eu estou convencido que me recordo de vidas passadas, e dialoguei com amigos que também se recordavam: falámos mesmo em conjunto dos lugares por onde

tínhamos vivido. E vi também seres elementares, e olhei-os como se fossem os meus companheiros de descoberta ...» S. Téry *A Ilha dos Bardos*, pág. 131

A obra de Russell é rica em fugas para o Infinito e para o Além. É por isso que ele escreve no cabeçalho do seu primeiro livro, *Para a Pátria*: “Sei que sou um Espírito e que parti anteriormente do Eu ancestral para as tarefas ainda não terminadas, mas sempre invadido pela nostalgia do país natal. ” E afirma as existências sucessivas “que há muitas etapas, conduzindo para a sabedoria, a purificação na essência divina”.

A estes dois nomes de escritores célebres, Yeats e G. Russell, poderíamos acrescentar um grande número de outros menos conhecidos, porque a literatura da Irlanda é uma das mais ricas da Europa pela variedade e pelo valor das obras que a compõem. Ela exprime com uma sensibilidade refinada, e simultaneamente com uma grande força, as aspirações, os sonhos, as alegrias e as angústias da alma céltica.

Através da história dramática desta ilha que soube, pelos seus próprios meios, e sem nenhum socorro externo, reconquistar a sua independência, reencontramos, sob a pluma dos seus escritores, este mesmo gosto pelos mistérios do Além, pelo sentido escondido das coisas, por este sentimento profundo do oculto que caracteriza esta raça.

Sob as luzes do Cristianismo aparece a alma primitiva dos antigos Celtas. Ela vibra na poesia gaélica como as cordas da harpa de Ossian. O mundo invisível é para os seus bardos uma realidade viva, e se lhes acontece às vezes emprestar-lhe nomes e formas fantasistas, não reconhecem menos, sob os seus aspectos diversos e variáveis, a sobrevivência e imortalidade da alma humana.

Todavia, actualmente, o sentimento do oculto tomou na Irlanda contornos mais nítidos e mais precisos. Revestiu-se de uma forma experimental, tornando-se uma ciência, um método que tem as suas regras e as suas leis. Neste país, como em todo o Ocidente, os fenómenos de além-túmulo são agora observados, estudados por técnicos familiarizados com os métodos de laboratório, e que prosseguem estas experiências num rigoroso espírito de controlo com uma atenção escrupulosa.

Os resultados obtidos pelo professor Crawford de Belfast, com a Menina Goligher, tiveram uma grande repercussão. Mas a obra mais importante nesta ordem de factos é certamente a de Sir W. Barrett, professor na Universidade de Dublin, membro da Academia real das ciências, e um dos fundadores da Sociedade de pesquisas psíquicas de Londres, da qual foi presidente honorário. O seu livro *No Limiar do*

Invisível, traduzido em francês e publicado em 1923, é um dos mais notáveis que foi escrito sobre este vasto assunto^[1]. Resume, de uma forma clara e com uma grande profundidade de observação, os frutos de metade de um século de observações e de experiências. Em vez de recomendarmos absolutamente a leitura desta obra, por nos faltarem as palavras suficientes, limitando-nos a citar as suas belas conclusões:

[1] Livraria Payot, 106, boulevard Saint-Germain, e às Edições Jean Meyer, 8, rua Copernic, Paris.

“A Mudança mais radical do pensamento desde a era cristã será, provavelmente, a aceitação pela ciência da imanência do mundo espiritual. A fé cessará de oscilar esforçando-se por conceber a vida do invisível, a morte destronará o terror que inspira aos próprios corações cristãos, os milagres não mais parecerão relíquias supersticiosas de uma idade bárbara. Pelo contrário, se como eu creio, a telepatia é indiscutível, se os seres da criação se influenciam uns aos outros sem a voz nem a palavra, o Espírito Infinito cuja sombra nos envolve será, sem dúvida, revelado no decorrer dos séculos aos corações humanos capazes de responder-lhe.

“A algumas almas privilegiadas foram concedidas a visão interior, a clarividência, a palavra inspirada, mas todos percebemos às vezes uma voz interior em nós mesmos, fraco eco desta vida mais vasta que a humanidade exprime lenta, mas seguramente, à medida que os séculos se escoam. Para todos os que estudarão estes fenómenos unicamente do ponto de vista científico, o ganho será imenso, tornando mais evidente a solidariedade humana, a imanência do invisível, o domínio do pensamento e do espírito, em suma, a unidade transcendente e a continuidade da vida.

“Nós não estamos separados do Cosmos nem perdidos nele: a luz dos sóis e das estrelas chega-nos a todos, a força misteriosa da gravitação une as diferentes partes do universo material num todo orgânico; a mais pequena molécula e a trajectória mais longínqua estão sujeitas ao mesmo meio. Mas acima e para além destas relações materiais está a solidariedade do espírito. Assim como o significado essencial e a unidade de um raio de mel não estão na cera das células, mas na vida e no objectivo comum dos seus construtores, do mesmo modo o verdadeiro sentido da natureza não está no mundo material, mas no espírito que lhe dá a sua interpretação, que suporta e une, que excede e cria o mundo fenoménico, através do qual cada um de nós passa um instante.»

CAPÍTULO III

O PAÍS DE GALES. A ESCÓCIA. A OBRA DOS BARDOS.

Era uma terra grave, austera, imponente este País de Gales antes que a indústria moderna o ferisse de chaminés de fábricas, perfurada de inúmeros buracos de minas, escurecendo o seu céu de espessos fumos. Hoje ainda se pode seguir os vestígios da acção das forças subterrâneas que esculpiram as suas colinas, ergueram as suas montanhas como este Snowdon, este monte Sagrado que domina toda a região, excede os mil metros de altitude e cuja origem vulcânica é evidente.

Por toda a parte o escorrer de lavas e de pórfiro alternam com as rochas e os terrenos vulcânicos e formam estas camadas desconcertantes que a geologia designa pelo nome de cambrianos que foi o nome primitivo da região.

Ao relevo das suas montanhas o País de Gales do Norte junta a graça dos vales e a abundância dos caudais.

A Escócia também conheceu e conservou o vestígio das manifestações deste poder que ergueu estes cumes abruptos. Foi ele que elaborou estas muralhas de granito, de basalto, de pórfiro que limitam o canal caledoniano e se prolongam até à costa da Irlanda sob a forma duma colunata imensa conhecida sob o nome “de Calçada dos gigantes”.

A Escócia tem muito da poesia, da beleza triste e severa dos seus lagos, das suas charnecas e dos seus planaltos solitários, semeados de urzes rosas e de musgo de todas as cores. A parte setentrional está erizada de picos, frequentemente envolvidos pela bruma, mas tão imponentes quando surgem iluminados pela cor púrpura do pôr-do-sol ou pelos raios pálidos da lua.

Acrescentemos as penínsulas escarpadas que se prolongam longe do mar, os promontórios incessantemente batidos pelas vagas e ter-se-á uma ideia desta natureza formidável onde se ramifica a cadeia soberana que serve de coluna vertebral à Grã-Bretanha. Uma longa grinalda de ilhas encerra as “Terras Altas” da Escócia, uma delas, Staffa, possui a célebre caverna de Fingall, semelhante a um templo e onde cada dia a maré-alta faz ouvir a sua melancólica melopeia.

A raça flexível e forte que se adaptou a estes países parece ter extraído deles, da sua natureza grandiosa, as qualidades viris que a distinguem e

além disso toda esta vontade inabalável que, através dos tempos de provas, conserva, apesar de toda a esperança de um renascimento e de uma vida eterna.

A causa deste fenómeno é-nos revelada pelo espírito de Allan Kardec numa das mensagens que publicamos. Provém da corrente céltica que, desde os tempos primitivos, se espalhou no Noroeste da Europa, impregnando profundamente o território, onde o seu magnetismo reagiu sobre os seus habitantes e de parente em parente sobre as gerações que se sucederam. (*ver no fim do volume as mensagens de Allan Kardec sobre esta corrente céltica.*)

É necessário observar, com efeito, que os Ingleses e os Saxões que vieram do Leste têm um carácter muito diferente, mais positivo e mais prático e mais virados para o ideal. Se, por excepção, encontramos entre eles naturezas mais idealistas, é raro que não estejam unidas por laços anteriores a qualquer origem céltica. Tais são por exemplo, os contemporâneos Conan Doyle e Bernard Shaw e tantos outros que, por muito Ingleses que sejam de cultura e língua, não deixam de provir de uma cepa irlandesa.

Apesar de longas, eternas perseguições, os Anglo-Saxões nunca chegaram a domar o sentimento nacional, o carácter étnico dos Gauleses e dos Escoceses. Bem longe de se assimilarem, foram assimilados por eles sempre que entraram em contacto permanente. É assim que os trabalhadores ingleses, atraídos para o País de Gales pela indústria das minas, adoptam rapidamente os hábitos e mesmo a linguagem deste país.

Graças à sua energia persistente, o principado do País de Gales soube guardar a sua autonomia administrativa, bem como largas franquias para as suas escolas, colégios e universidades e mesmo para a sua Igreja nacional. Conservou a sua língua e a sua literatura de tal maneira que a cidade de Cardiff e o condado de Glamorgan tornaram-se os lares mais intensos da propaganda céltica, onde se imprimem e se publicam todas as obras bardas antigas e modernas.

É de lá que partiu o primeiro sinal do movimento pan-céltico que reúne todos os anos os delegados vindos de todos os pontos do horizonte para confraternizar num mesmo espírito e num mesmo coração.

Se a mola vital de um povo é a sua alma, a sua fé numa justiça imanente e um além compensador, pode-se dizer que os Gauleses o captaram de tal modo que a sua convicção se repercute sobre todo o seu estado moral e social. Com efeito, observa-se uma coisa bastante rara em França, é que os tribunais se separam frequentemente sem ter acusados e culpados para julgar. O alcoolismo, esta calamidade dos

países célticos, está também aí em decréscimo. Reencontramos estes mesmos factos na Escócia, embora em menor grau.

*
* *

Os Gauleses, em geral, crêem firmemente no mundo dos Espíritos e nas suas manifestações. Empréstam-lhes às vezes nomes e formas bastante fantasistas. Os seus relatos dão lugar à imaginação. Contudo, do conjunto dos factos relatados, destacam-se uma série de testemunhos que não se podem recusar.

Por exemplo, no que diz respeito aos “espíritos batedores da mina” estes seres invisíveis que, pelos seus golpes surdos, prolongados, repetidos, incentivam os mineiros e dirigem as suas investigações para os melhores filões; eis o relatório, redigido a este respeito, pelo engenheiro Merris, homem muito estimado pelo seu saber e a sua probidade, publicados na revista *Gentleman's Revista*^[1] :

“ Pessoas que não conhecem as artes e as ciências ou o poder secreto da natureza troçarão de nós outros, mineiros do Cardigan, que defendemos a existência dos Batedores. São uma espécie de génios bons mas ardilosos que não se vêem, mas que se ouvem e que nos parecem trabalhar nas minas, ou seja parece que o Batedor é o tipo ou o precursor do trabalho nas minas como os sonhos o são de certos acidentes que nos acontecem. Quando foi descoberta a mina de Esgair y Myn, os Batedores trabalhavam aí vigorosamente noite e dia e muitas pessoas os ouviram. Mas após a descoberta da mina nunca mais se ouviram. Assim que eu comecei a escavar as minas de Elwyn-Elwyd, os Batedores trabalharam tão alto durante algum tempo que assustaram jovens trabalhadores. Era quando empurrávamos os níveis e, antes de chegar ao minério, que os barulhos tinham mais consistência: cessaram quando atingimos o minério. E, certamente, duvidar-se-á das nossas afirmações. Afirmo contudo que os factos são reais, embora não possa nem pretenda explicá-los. Os cépticos podem sorrir; nós, mineiros, continuaremos a congratular-nos e a agradecer aos Batedores ou a Deus que nos envia as suas advertências.»

Os fenómenos de obsessão não são raros no País de Gales. Cita-se facilmente a tal casa, o tal castelo que se conheceu e onde se sofreu. O Sr. Goffic, na sua viagem a Cardiff como delegado bretão da grande Eisteddfodd de 1899, recolheu toda uma série de relatos deste género que publicou no seu livro *A Alma bretã*.

[1] GOFFIC, *a Alma bretã*, 2º vol, p. 273.

A maior parte destes relatos parece-nos eivada de muita superstição. No entanto julgamos dever assinalar um testemunho sério, o de Lady Herbert, ilustre patriota gaulês, descendente dos antigos reis Kymris, que recebia a delegação no seu castelo de Llanover.

O Sr. Goffic cita a conversa que teve sobre este assunto com esta grande dama:

“O exemplo vem de cima. Não se diz por toda a Inglaterra que a própria rainha tem o seu espectro que ronda nos apartamentos de Windsor? E este espectro, vestido de negro, não é senão o da grande Elisabeth.

“O tenente Glynn, de sentinela na biblioteca, apercebeu-se como o fantasma penetrava na dependência contígua. Ora esta dependência não tem saída, mas abrigava anteriormente a vivacidade de Elisabeth e que mais tarde foi condenada. O tenente correu após o fantasma e chegou exactamente a tempo de vê-lo atravessar a parede de madeira. O facto reproduziu-se em diversas alturas e o pavor foi tão grande em Windsor que tiveram de duplicar a guarda durante a noite.”

“Windsor tem a sua senhora negra, o meu castelo de Cold Brooks tem a sua senhora branca. Perguntam em que rimam estes aparecimentos? Às vezes, como a Igreja nos explica, são almas em sofrimento que solicitam a piedade dos vivos que as esqueceram. Outros destes espectros trazem avisos. É o caso, creio, da senhora de preto de Windsor: a sua presença anuncia sempre algum grave acontecimento, uma guerra, uma catástrofe próxima.

“As advertências, ou, como vocês dizem na Bretanha, os símbolos, revestem todas as formas. Às vezes estas formas são especiais para certas famílias. Os Grey de Ruthwen são avisados da morte dos seus membros, pelo aparecimento de uma carruagem puxada por quatro cavalos pretos. A família Airl, quando um dos seus está prestes a morrer, ouve um barulho de tambor. Num jantar, ao qual assistia um destes Airl, perguntava-se por passatempo: “Qual é o símbolo da vossa família?” - “o tambor.” E como para atestar o facto, um barulho surdo e velado ressoou ao longe; Lorde Airl empalideceu: alguns momentos depois, um mensageiro vinha anunciar-lhe que um dos membros da sua família tinha morrido. “Os Mac-Gwenlyne, descendentes do célebre clã deste nome, possui desde há séculos, no Norte da Escócia, o palacete antigo de Fairdhu: uma grande abóbada em arco dá-lhe acesso e diz-se que a pedra que serve de chave a esta abóbada se põe a tremer quando um Mac-Gwenlyne vai morrer[1]... »

Os casos de castelos e de lugares assombrados são tão numerosos na Escócia que renunciámos a citá-los todos. Sabe-se que este país é a terra clássica dos clarividentes, dos fantasmas, dos espíritos familiares. O aspecto melancólico dos seus sítios encobertos de bruma e as suas ruínas presta-se às visões e evocações.

Ainda nos nossos dias, a sombra de Maria Stuart não apareceu a Lady Caithness, duquesa de Pomar, na capela real de Holy-Rood onde se

alinham os túmulos dos reis da Escócia? Na sua sumptuosa residência da rua Brémontier, em Paris, nos dias de sessões psíquicas, a duquesa gostava de contar-nos a sua conversa nocturna com a rainha infortunada^[2].

[1] GOFFIC, *A Alma bretã*, p. 203.

[2] Ver a sua brochura: *Uma Visita nocturna à Holy-Rood*.

*
* *

A Ilha de Man oferece-nos também um belo exemplo de ressurreição céltica. Possui um Parlamento autónomo, uma sociedade preservadora da linguagem Manx, os jornais, os serviços religiosos de Manx, as escolas, etc.

Quanto à Cornualha inglesa, o seu dialecto, o córnico, também não está extinto como se pensa, grande número de famílias ainda o fala.

“O Cornubiano, escreve Goffic, como o Bretão de França, que ele recorda tão assustadoramente, permaneceu em comunicação permanente com o Além. Vive como ele numa espécie de familiaridade dolorosa com os espíritos dos mortos, consulta-os e compreende-os.»

*
* *

O País de Gales é considerado como o mais antigo e mais importante dos lares ou escolas do bardismo. Vejamos o que escreve a este respeito Jean Reynaud na sua bela obra *o Espírito da Gália* (p. 310):

“Pode-se dizer que os Druidas, convertendo-se ao Cristianismo, não se apagaram totalmente no País de Gales, como na nossa Bretanha e nos outros países de sangue gaulês. Tiveram por sequência imediata uma sociedade solidamente constituída, dedicada principalmente, aparentemente, ao culto da poesia nacional, mas que, sob o manto poético, conservou com fidelidade a herança intelectual da antiga Gália: é a Sociedade bárdica do País de Gales, que se manteve como sociedade às vezes secreta, às vezes patente, desde a conquista normanda, e, após ter originalmente transmitido por via oral a sua doutrina de imitação da prática dos druidas, se decidiu, na corrente da Idade Média, a confiar secretamente à escrita as partes mais essenciais desta herança.»

Na realidade o bardo é um poeta, um orador inspirado. Pode-se compará-lo aos profetas do Oriente, a estes grandes predestinados sobre quem passa o sopro do invisível.

Na nossa época o título bardo perdeu o seu prestígio, como resultado do abuso que se fez, mas, se remontarmos ao sentido primitivo do termo, encontramos na presença de fortes personalidades, tais como Talièsin, Aneurin, Llywarch-Hen, etc. Após tantos séculos os seus acentos viris, quando afirmam o seu patriotismo e a sua fé, fazem ainda vibrar as almas célticas.

Não se deve ver na obra de antigos bardos um simples exercício do pensamento, um jogo do espírito, uma música de palavras. Os seus versos, os seus cantos, são uma pormenorizada explicação e um desenvolvimento das Tríades, um ensinamento, uma arte que abre perspectivas imensas aos destinos da alma elevando-se para Deus. Confere aos seus intérpretes uma espécie de auréola e de apostolado.

Este ensino tem um avanço considerável sobre os tempos que se irão seguir. Tomemos por exemplo *o Canto do mundo*, de Talièsin[1] : “Grande viajante é o mundo, diz este bardo, enquanto desliza sem descanso, ele permanece sempre no seu trilho e quanto a forma deste trilho é admirável para que o mundo nunca saia dele! ” Descreve o trajecto do globo, através do espaço, muito tempo antes das descobertas de Galileu que puseram fim ao antigo preconceito bíblico da imobilidade da terra.

Independentemente das contestações que se criaram sobre a data exacta destas obras, não se pode duvidar que elas sejam muito anteriores à ciência da Idade Média e que façam parte do conjunto das Tríades afirmando a natureza espiritual do ser humano, a evolução da alma por etapas sucessivas através das reencarnações, verdade que a ciência actual começa somente a entrever.

Estes inspirados eram também clarividentes. As suas faculdades psíquicas permitiam-lhes mergulhar no futuro e ler as vicissitudes, os reveses, as provas dolorosas que esperavam os povos celtas. Mas eles sabiam que o ideal gravado neles não pode perecer: Sabiam que o sofrimento tempera as almas e que mais tarde estes povos entregariam às civilizações pervertidas pelos excessos do materialismo, o conceito elevado que explica o objectivo primeiro da vida e mostra ao homem o caminho recto e seguro.

Os grandes antepassados retornaram mais de uma vez à terra, quer na Inglaterra, quer na França, em novos corpos. Tiveram nomes ilustres que poderíamos citar. Mas abusou-se tanto dos nomes célebres que preferimos deixar aos investigadores o cuidado de reconhecê-los entre

aqueles que ergueram bem alto, através dos séculos, a tocha da arte poética e o pensamento brilhante.

CAPÍTULO IV

A BRETANHA FRANCESA. – RECORDAÇÕES DRUÍDICAS.

A nossa Bretanha foi descrita demasiadas vezes para que me demore a evocar as suas paisagens. Terra de granito, com as suas florestas profundas, as suas imensas Charnecas, as suas costas acidentadas que a onda desgasta incessantemente, o Armorico foi durante muito tempo na Gália o refúgio dos Druidas, a cidadela do Celtismo independente. Depois, o Cristianismo aí penetrou, mas, do mesmo modo que as camadas geológicas se sobrepõem sem se destruir, assim o fundo primitivo persistiu, sob os contributos do novo culto. Sob mil formas, a tradição étnica reaparece sob as luzes duma religião importada do Oriente.

Porque sobre esta terra de eleição, nas épocas mais diversas e sob as formas mais variadas, é sempre o mesmo pensamento grave e solene que se desenvolve. Desde as pedras megalíticas de Carnac, menires e dolmens, até os ossários e calvários, a igrejas góticas e campanários, é sempre o mesmo símbolo de imortalidade que se afirma, a mesma aspiração do que é mutável em direcção ao que permanece, numa palavra, da alma humana para o infinito.

Mais que nenhuma outra parte da antiga Gália, a Bretanha conservou a firme crença no Além, na sua vida invisível, na presença e nas manifestações dos defuntos. Se o cepticismo e o espírito crítico se introduziram em certas cidades, em contrapartida os campos e as ilhas guardaram o sentimento duma intensa espiritualidade. Quando o rumor do Oceano se eleva e brame, nos remoinhos da costa, quando o vento passa gemendo sobre a charneca, agitando as giestas e os ramos, a alma bretã, no fundo das cabanas, crê ouvir a voz dos mortos chorando sobre o seu passado.

Na época em que eu percorria como turista os campos de Finisterra, tinha contratado um homem do país como guia, ou antes como intérprete, porque conhecia mal o dialecto então fortemente em uso nesta região recuada. Ora, um dia, indo a Kergreven, tinha-me metido num caminho em declive limitado por carvalhos anãos, como sendo mais curto, de acordo com o mapa do Estado-maior que tinha sempre

comigo. Mas o meu guia parou-me bruscamente e disse-me com uma espécie de temor que ninguém passava desde há dois anos neste caminho, que era necessário fazer um grande desvio. Foi muito difícil obter dele explicações claras e por último ele acabou por me confessar que um sapateiro de Lampaul se tinha perdido neste caminho, que o seu espírito assombrava ainda os transeuntes e que se tinha desistido de utilizar este trilho. Eu passei adiante pedindo-lhe para me indicar a árvore do suicídio, ele fê-lo com muitos sinais de cruzes e gestos de inquietude.

O Sr. Braz, no seu livro *a Legenda da morte nos Bretões Armóricos*, cita o caso dum coveiro que tendo, por ordem do cura de Penvéman, violado a sepultura de um morto antes do termo legal, recebeu a visita nocturna e as censuras do espírito do defunto que só cessou a sua obsessão sob o benefício de orações pronunciadas em sua intenção. Apesar desta reparação o padre morreu alguns dias depois e a opinião pública atribuiu a causa à vingança da morte.

Outro facto assinalado pelo mesmo autor: Marie Gouriou, da aldeia de Min-Guenn perto de Paimpol, tinha-se deitado uma noite após ter colocado perto da sua cama o berço onde dormia o seu filho. Ouvindo choros, despertou durante a noite e viu o seu quarto iluminado por uma luz estranha e um homem inclinado sobre a criança, embalava-o docemente cantando-lhe em voz baixa um refrão de marinheiros.

Reconheceu o seu marido, que partira há um mês para a pesca na Islândia, e reparou que as suas roupas estavam encharcadas de água de mar. “Como, gritou ela, tu já estás de volta, toma cuidado, vais molhar a criança... Espera vou levantar-me para acender o fogo.” Mas a luz foi-se desvanecendo, quando conseguiu iluminar o quarto, constatou que o seu marido tinha desaparecido.

Não mais ia revê-lo. O primeiro navio que retorna da Islândia faz-lhe saber que o navio onde o marido tinha embarcado naufragara com corpos e bens, na mesma noite em que Gouriou lhe tinha aparecido debruçado sobre o berço do seu filho.

Encontra-se nas diferentes obras do Sr. Braz, professor na Faculdade das letras de Rennes, grande número de fenómenos do mesmo tipo. Vejamos como se exprime a este respeito no prefácio do livro citado: “A distinção entre o natural e o sobrenatural não existe para os Bretões, os vivos e os mortos são de igual modo os habitantes do mundo e vivem em perpétua relação uns com os outros. Ninguém se surpreende mais por

ouvir sussurrar as almas nos tojos do que por ouvir os pássaros cantar nas sebes os seus apelos de amor.»

É verdade que os relatos deste tipo são muito comuns na Bretanha, mas é necessário acrescentar que a imaginação popular mistura demasiadas vezes ao mundo real dos espíritos, criações fantásticas. Não são só as almas dos mortos, mas também os duendes, Korigans, Folliked, etc., que frequentam as residências dos homens bem como os vales, os areais e os bosques, de tal modo que é por vezes muito difícil extrair a verdade de todas as histórias que se contam à noite ao canto da lareira.

Não é somente na expressão das visões e dos sentimentos populares, misturados de verdades e ilusões, que é necessário procurar o pensamento soberano da Bretanha. É sobretudo nas obras dos seus escritores, dos seus poetas, dos seus bardos. Ele vibra nos seus cantos, estremece, palpita nas páginas que escreveram.

Com efeito, sob a variedade dos caracteres, dos talentos e das diferenças de pontos de vista reencontra-se o mesmo fundo comum, o respeito por uma tradição que se perpetua de época em época e que é a própria alma da raça.

Acrescentem nos grandes escritores como Chateaubriand, Lamennais, Renan, Brizeux e alguns outros o tormento dos grandes problemas, a ansiedade dos enigmas do destino, a aspiração ao infinito, ao absoluto. Transportam neles, sobre a sua fronte, o sinal augusto de todos os que procuraram sondar o mistério da vida universal.

Abaixo dos grandes escritores que acabamos de nomear, os bardos têm ainda um lugar honroso, porque a sua raça não está extinta no país da Bretanha, ainda aí encontramos espécimes notáveis. Sem dúvida não pretendem igualar os bardos antigos pelo seu talento ou pelo seu génio, mas inspiram-se no seu ideal; têm os mesmos motivos: o patriotismo e a fé. Esta fé parece mais católica que céltica, mas, sob as suas opiniões religiosas vivaces, a centelha céltica permanece latente e bastaria um apelo, uma recordação para a reanimar.

Durante as minhas frequentes viagens à Bretanha, nas minhas conversas com pessoas do povo, artesãos, burgueses, pude observar que a noção das vidas anteriores subsistia no fundo das inteligências, semi-oculta. Não poderia ser de outra forma em bardos modernos que representam uma elite intelectual. Eles não são voltados exclusivamente para o passado mas também se deleitam a contemplar o futuro.

Eles sonham para a Bretanha com uma autonomia semelhante à que goza o País de Gales, com a sua língua, a sua literatura, os seus jornais. Sonham com o fortalecimento da família, de costumes mais puros baseados na tradição! Sonham com uma união estreita com os países ultramarinos de origem céltica unidos no sentimento de um destino comum. Conservam no fundo do coração uma confiança inalterável nos destinos da raça, no triunfo final do celtismo e dos seus princípios superiores: liberdade, justiça, progresso.

É isso que os faz acreditar numa missão sagrada, num papel social regenerador. É isso que comunica às suas estrofes estes acentos que fazem às vezes vibrar a alma popular. O seu verbo inflamado será suficiente para sacudir a indiferença e galvanizar as multidões? Não certamente, porque será necessário para isso a ajuda poderosa do Além, o concurso activo do mundo invisível.

Notem que este movimento de opinião em favor do regionalismo não é especial dos bardos. A ele se associam os intelectuais de todas as classes, de todos os partidos. Reclamam esta descentralização prometida pela Revolução e que ainda não se realizou. Na Bretanha, não existe somente o patriotismo local. Sempre respeitando os laços que a unem estreitamente à França, ela quer um lugar especial para a pequena pátria dentro da grande e a preservação desta língua céltica que é como o *palladium* da raça bretã.

O movimento pan-céltico não tem pois na Bretanha o carácter separatista de que alguns críticos o acusaram. É uma pena que, no Congresso de Quimper, em 1924, apenas uma ínfima minoria de congressistas tivesse disso uma vaga ideia. A divisa geral era: Franceses primeiro, Bretões a seguir^[1] !

O objectivo dos líderes é regenerar a raça através de um idealismo elevado concebido simultaneamente por um cristianismo purificado e por um regresso às tradições célticas no que elas têm de mais nobre e de melhor. É neste sentido que todos os celtas de França e de outros sítios simpatizam com este movimento.

[1] Ver revista *a Bretanha turística*, de 15 de Outubro de 1924.

A obra dos bardos bretões apresenta eclipses e desigualdades. Às vezes confina-se à penumbra dos *gwerz* e *gwerziou*, campos populares onde obscuros improvisadores vão apregoar de aldeia em aldeia, de peregrinação em peregrinação, mas por vezes também explode em

estrofes vibrantes pela voz deste bardo cego: Yann-ar-Gwenn, que em 1792, nas ruas e lugares de Quimper, reacendia a chama dos entusiasmos patrióticos junto dos mais indiferentes[1].

Recordam-se de um contemporâneo, Quellien, que se dizia ironicamente “o último dos bardos” e cuja verve prolixa alegrava os cafés literários e as salas de redacção de Paris? Após ter criado “os jantares célticos” que reuniam todos os anos os Bretões letrados da capital e dos quais Renan foi o mais belo ornamento, morreu esmagado por um automóvel, deixando atrás de si uma obra volumosa, incluindo duas peças de teatro ritmadas no dialecto do país de Tréguier, intituladas: *Annaïk* e *Perrinaïk*, que esperava fazer representar na sua cara Bretanha.

Coisa estranha, ele parece ter previsto o seu fim trágico, porque escreveu no prefácio da sua *Bretanha Armórica*: “Tenho o pressentimento que as tempestades da vida me derrubarão antes do tempo.” Alguns viram nesta morte accidental uma punição por ter deturpado o bardismo nos cabarets nos outeiros de Montmartre.

Sr. H. de Villemarqué publicou em 1903 uma recolha considerável de poemas e de cantos populares da Baixa-Bretanha que foi objecto de contestações e de críticas intermináveis; aí se encontram entretanto coisas extremamente interessantes, inúmeras peças graciosas e tocantes, de belos ritmos e sugestivas evocações, em suma, a expressão das alegrias e das dores de todo um povo.

[1] Ver o GOFFIC, *a Alma bretã*, vol. I, p. 4 e seguintes. Champion, editor, e H. DO VILLEMARQUE, *Barzaz-Breiz*, Perrin e Cie, editores.

Não é minha pretensão recordar aqui as ardentes controvérsias ocorridas a este propósito, das fraudes literárias atribuídas a certos escritores celtas, ainda menos tomar partido. Estes debates e discussões fazem ressaltar todas as posições tomadas e a paixão que interesses políticos ou religiosos podem suscitar para asfixiar uma grande ideia que os incomoda.

Por exemplo, pouco importa para o nosso tema que a epopeia do rei Artur e os romances da Távola Redonda tenham sido embelezados pela imaginação. Pouco importa também que o manuscrito dos poemas de Ossian seja a obra do advogado Mac-Pherson ou que os Srs. Luzel e de Villemarqué tenham alterado e ampliado as canções populares da Bretanha.

O nosso objectivo é outro. Não pretendemos fazer crítica literária, mas mostrar toda a beleza e a grandeza da doutrina dos druidas que se pretendeu diminuir. Para isso, bastar-nos-á elevar-nos acima das contestações, das rivalidades entre escolas para nos dedicarmos ao testemunho dos historiadores imparciais que viveram na época dos druidas e melhor os conheceram. É o que faremos durante os capítulos seguintes.

É verdade que a lenda de Merlin o mágico teria podido despertar a nossa atenção, porque tais pensadores eminentes consideram-no como o poema onde se reflectem de modo mais brilhante as qualidades e os defeitos da alma céltica. Contudo um exame atento de tudo o que foi escrito sobre este assunto, demonstrou-nos que a parte de ficção é considerável e nós preferimos deixar ao nosso amigo Gaston Luce, poeta inspirado que prepara sobre este tema um drama lírico de grande voo, o cuidado de fazer ressurgir o interesse pelo tema. Limitar-nos-emos a reproduzir estas linhas do famoso escritor ED. Schuré tirados do seu volume: *as Grandes lendas da França* e na qual resume “a longa, a heróica luta dos Celtas contra o estrangeiro”.

“Arthur tornou-se para toda a Idade média o tipo do perfeito cavaleiro. Vingança na qual os Bretões não tinham pensado, mas nem por isso menos gloriosa e fecunda. Quanto a Merlin, ele personifica o génio poético e profético da raça, e se ele foi incompreendido na Idade média assim como nos tempos modernos, é porque o impacto do profeta excede em muito o do herói; é também porque a lenda de Merlin e de todo o bardismo se restringem ao campo dos factos psíquicos nos quais o espírito moderno hoje apenas começa a penetrar.»

Quando, sob a inspiração do meu guia, exploro as camadas profundas da minha memória para reconstituir o encadeamento das minhas vidas passadas, se regresso às origens, aí encontro, não sem emoção, os vestígios das minhas três primeiras existências vividas no planeta Terra, no Oeste da Gália independente.

Pela lembrança, reexamino esta natureza ainda virgem, meio selvagem, impregnada de mistério e de poesia e que o homem, apesar da sua pretensão de embelezar, não conseguiu senão mutilar e destruir. Reexamino estes altos promontórios batidos pelas tempestades, que se erguem nos horizontes infinitos do mar e do céu. Creio ainda ouvir estas grandes vozes do Oceano, às vezes queixosas, às vezes ameaçadoras, e o barulho da vaga que vai morrer no fundo das enseadas solitárias deixando na areia a sua orla de espuma. A vaga ondeante não é ela a

própria imagem do pensamento humano, sempre inquieto, sempre vacilante e agitado?

Revejo a floresta profunda cheia dos murmúrios de uma vida invisível, a floresta assombrada pelos Espíritos dos Antepassados que atraem os santuários onde se realizam os sacrifícios e os ritos sagrados. Era tão vasta, a floresta céltica, que eram precisos meses inteiros para a atravessar; era tão espessa, tão volumosa, que o verão fazia sombra em pleno meio-dia sob as suas abóbadas de verdura, imponentes como as naves de catedral.

Todo o Celta guarda no coração o amor ardente, imperecível, da floresta. É para ele um símbolo de força e de vida imortal. Após a morte do inverno, não renasce ela na primavera, tal como a alma, após um tempo de descanso, retorna à terra para manifestar os poderes da vida que transporta em si? Neste ponto, como em tantos outros, o ensinamento dos druidas inspirava-se nos espectáculos da natureza. No estudo das suas leis, encontravam uma fonte abundante de lições sempre vivas e dialogantes, sempre ao alcance dos homens e que ofereciam uma base sólida, uma força incomparável às suas convicções. Sobre isso não tinham nenhuma dúvida, nenhuma hesitação dado que, pensavam, a natureza não é senão uma emanção da vontade divina. É por ter-se afastado dela e ter ignorado as suas leis que, a partir daí, o homem mergulhou no cepticismo e na negação. Mas nesse tempo uma fé revigorante e pura brotava das almas como a nascente límpida emerge do solo sob a ramagem dos grandes bosques. Espírito impetuoso e ardente, eu impregnava-me dela de tal modo que, apesar das vicissitudes de numerosas existências, guardo ainda em mim a sua marca profunda.

Gostava de penetrar nos círculos de pedra (*cromlechs*) onde se evocavam os espíritos dos defuntos. Ouvia com avidez as lições do druida que nos falava das lutas da alma em *Abred* para conquistar a ciência e a sabedoria e a sua plénitude de vida em *gwynfyd*, em posse da virtude, do génio e do amor. Sobre a orientação do mestre eu aplicava-me a aprender e a recitar os inúmeros versos que constituíam o ensinamento sagrado.

Pela repetição destes exercícios, eu conseguia dar à minha memória a flexibilidade e a extensão que fizeram o precioso instrumento de estudo e de trabalho que me seguiu em todas as minhas existências ulteriores.

Durante a minha vida actual quis rever os sítios grandiosos que, nesses tempos longínquos, das minhas primeiras existências terrestres me tinham impressionado tão fortemente. Segui em detalhe os recortes da

costa bretã, vi os restos dos grandes promontórios que os assaltos da tempestade reduzem de século em século. Nesta luta gigantesca o Oceano vence e o continente recua. O homem impotente demite-se, mas como se vingá na floresta!

CAPÍTULO V

AUVERGNE.

VERCINGETORIX, GERGOVIE E ALESIA.

Como uma cidadela coroando alguns cimos das suas torres e dos seus bastiões, Auvergne ergue a cadeia dos seus picos acima das planícies e dos vales da França central.

Elevados planaltos e contrafortes descem e correm as cascatas, os rios, que reencontrarão mais ao longe os grandes rios nos quais as bacias, voltadas para três mares, dão à Gália este aspecto firme, esta forma predestinada que parece, dizia Strabon, a obra de um deus.

O país dos Arvernes* era para os seus habitantes como uma terra sagrada. Génios invisíveis planavam sobre as suas florestas e as suas Montanhas. Do seu solo brotavam em abundância as fontes quentes, os vapores benfazejos, manifestação de um poder subterrâneo que inspirava a estes povos primitivos uma espécie de temor religioso.

O Puy de Dôme, que domina toda a região da sua elevada estatura, era o altar gigantesco onde a oração dos druidas subia ao céu, o templo natural do Deus Teutatès, ou antes do espírito protector que simboliza a força e a bravura dos Arvernes.

* povo da Gália que ocupava a região actual de Auvergne. O seu chefe era Vercingétorix. *Nota de Tradução*

O panorama dos montes desperta na alma uma impressão quase tão viva como a visão das noites estreladas. Esta impressão não se exprime apenas por palavras, mas sobretudo por uma contemplação silenciosa, por uma admiração tanto mais viva quanto a alma possui mais profundamente o sentido da harmonia e da beleza. Ela cresce ainda mais em Auvergne, com os vestígios deixados pela acção do fogo central que, no seu esforço para chegar à superfície, perturbou as camadas terrestres. Se, do cimo do Puy de Dôme, se observa a longa cadeia de crateras que se sucedem do norte ao Sul em linha recta, se reconstituirmos, em imaginação, o período de actividade em que todos os vulcões vomitavam correntes de lavas, das quais se pode ainda seguir os vestígios durante léguas inteiras, e a que a população do país chama

cheires, temos a visão grandiosa do dinamismo que agitava o globo nos tempos quaternários.

O solo de Auvergne, tanto na região dos montes Dôme como na dos montes Dore e do Cantal, está gretado, crivado de crateras extintas, invadidas depois pelas águas. O mais notável é o lago Pavin, corte vasto e profundo, de superfícies de pórfiro que coroa um círculo de florestas. Pela brecha onde se escoavam anteriormente as lavas, expandem-se hoje as águas límpidas do rio Couze. Pelo caminho que contorna o lago, através da floresta sombria, atingi o elevado planalto que domina várias crateras, designadamente o de Moncineire, ou montanha de cinzas. Esse é um dos sítios mais maravilhosos do nosso país. A natureza selvagem das primeiras eras da terra revela-se aí ainda sob o colorido variado das águas e dos bosques. Pelas emanções sulfurosas e as lamas quentes que encontramos nalguns pontos de Auvergne, somos levados a crer que a actividade subterrânea não cessou inteiramente e que um despertar das forças plutónicas é sempre possível.

O contacto desta natureza agreste comunicou às populações primitivas essas qualidades duras e fortes que caracterizam quase todos os que habitam as montanhas.

Se o sentimento que os Gauleses tinham da sua origem comum, do seu parentesco de raça, se a unidade moral e religiosa que daí resultou se tivesse transformado em unidade política, os Arvernes teriam sido os primeiros a beneficiar disso. Não era o seu país o núcleo atractivo e ao mesmo tempo a principal força material da Gália?

O Puy de Dome era o maior santuário. Aí chegavam em peregrinação dos mais variados pontos; Gergovia era a localidade mais importante, e Vichy, situado então em país arverne, atraía já pela virtude das suas águas multidões de doentes e de feridos.

O rei Bituit tinha mobilizado cem mil combatentes contra os Romanos e a cavalaria arverne era considerada como a melhor de todas. Mas Bituit foi vencido e o império arverne eclipsou-se por um tempo. Contudo vastos grupos políticos formavam-se noutras zonas, a federação armórica no oeste, a federação belga no norte de Marne. A dos Arvernes reconstituiu-se, abraçando todos os povos de Cévennes. Mas a rivalidade ciumenta dos Eduens comprometeu tudo. Apelaram a César cujas legiões penetravam gradualmente na Gália, e fizeram aliança com ele. A influência pérfida do procônsul aumentou rapidamente e depressa se tornou uma ameaça para a independência gaulesa.

Foi então que a grande e nobre figura de Vercingétorix apareceu. Criado pelos Druidas, foi da sua educação que ele extraiu essas qualidades raras, essa elevação do carácter que o distinguiam. A morte cruel de seu pai, Celta, queimado vivo por julgamento do Senado por ter aspirado à coroa, lançou uma sombra sobre a sua juventude e contribuiu para dotá-lo de um ar austero, meditativo, sonhador. Experimentava, diz-se, a sensação do mundo invisível, essas intuições inexprimíveis que são talvez resultado de reminiscências, de lembranças anteriores, todo um conjunto de coisas escondidas no subconsciente profundo e que tendem a reviver, a desabrochar em plena luz.

Camille Jullian, algo reservado nestas matérias, não hesita em nos fazer saber que Vercingétorix, enviado em boa hora à escola dos Druidas, vivia na familiaridade respeitosa destes sacerdotes. Aprende com eles que tem uma alma imortal e que a morte é uma simples mudança de estado. Ensinam-lhe que o mundo é imenso e que a humanidade se estende ao longe, muito para além das terras paternas e dos caminhos de caça ou de guerra. Assim o jovem imaginava gradualmente a grandeza do mundo, a eternidade da alma, a unidade do nome gaulês.

Tudo em Vercingétorix o predispunha ao comando; o seu corpo alto e magnífico, diz C. Jullian, destinava-o à admiração das multidões. Tinha a superioridade física e intelectual que dá à vontade uma nova segurança, e os Arvernes podiam interrogar-se se Luern ou Bituit, os chefes ainda célebres da Gália triunfante, não retornavam sob a forma juvenil do último dos seus sucessores. Instruído e amado pelos bardos, tornou-se ele próprio bardo e sabia exprimir-se em verso e dar aos seus discursos esse efeito eloquente que impressiona sempre os Celtas. A este respeito, lembramos a citação seguinte de Mommsen, o grande historiador alemão, que demonstra que os nossos antepassados não eram tão bárbaros como se pretendeu: “O mundo céltico está mais estreitamente unido ao espírito moderno do que ao pensamento greco-romano^[1]. »

E o Sr. Camille Jullian insiste neste facto que: “Vercingétorix não era por isso fechado e hostil à civilização greco-latina. Emprestou-lhe inúmeros princípios da guerra sábia, e aceitou uma certa supremacia intelectual dos dois grandes povos vizinhos.»

[1] Ver *Vercingétorix*, CAMILLE JULLIAN, p. 93, Hachette e Co.

*
* *

Numa obra recente intitulada: *a Iniciação de Vercingétorix*[1], o Sr. André Lebey fornece-nos detalhes extremamente interessantes sobre a educação religiosa e política do jovem chefe arverne. Primeiro, faz-nos assistir às várias cenas vivas e coloridas em que os nobres, ditos “colares de ouro”, responsáveis pela morte trágica de Celta, se entregam a este tipo de intriga que perdeu a Gália, vigiando com um ódio ciumento os progressos do jovem no temor de represálias. Seguidamente, é a viagem de Vercingétorix, atravessando as vastas solidões silvestres que separam as tribos, visitando a floresta sagrada dos Carnutes, onde ele participa na grande cerimónia anual presidida pelo arquidruída e pela grande sacerdotisa da ilha de Sein, a sua visita a Carnac, onde realiza outros rituais. Aí, às horas do crepúsculo, ele ouve os cantos do bardo, afirmando o Deus supremo: “Creio num Deus único, eterno, que não se conhece, que certamente não se conhecerá nunca. Creio naquilo que é, naquilo que será, dado que é o mesmo, naquilo que se torna e foi sempre, dado que é o mesmo ainda. O caminho que conduz ao seu desconhecido começa no sacrifício voluntário.»

Sob a direcção dum druida, guia tutelar e familiar, ele vai recolher em santuários o conhecimento desta grande doutrina, a respeito da qual DOM Martins pôde dizer “que não era copiada de nenhum outro povo”. Sem dúvida, nestes relatos, é necessário contar com a fantasia, mas os principais factos repousam numa base histórica. O que há de mais notável nesta obra, são as páginas consagradas ao diálogo solene e secreto dos dois druidas sobre a greve bretã face às ilhas sagradas. Um, Divitiac, é o admirador e o aliado dos Romanos, o outro Macarven, preceptor de Vercingétorix, não tem em vista senão o futuro e a grandeza da Gália, o desenvolvimento do seu génio livre de qualquer ingerência estrangeira.

Divitiac retorna de uma viagem à cidade eterna, deslumbrado pela glória política e pelo esplendor monumental de Roma. Sonha com uma aliança que julga necessária para completar o poder da Gália e assegurar o seu papel no mundo.

Macarven recorda ao seu interlocutor a corrupção e o cepticismo dos Romanos, a sua rapacidade, a sua sede de dominação e sobretudo a astúcia e os ardis nos quais eles são useiros. Confiante na religião e na pátria que ama, põe toda a sua esperança numa Gália independente.

“A minha fé, diz à Divitiac, é mais perspicaz que a tua. Para vencer completamente, seria melhor que percesse de armas na mão, em nome da sua superioridade! O triunfo momentâneo da matéria sobre o espírito não pode destruir a vida do espírito, antes o consagra e fá-lo ressuscitar eternamente acima da vitória momentânea do inimigo. Pelo contrário, aceitando, mesmo por astúcia, o conquistador que o domina, humilha-se gradualmente, entrega-se. A derrota nobre valeria mais pela sua resistência legítima, que a vitória brutal do número e da força. Só tenho confiança na estrada perpétua, obstinada da consciência. Porque é rectilínia, superior, decisiva por entre todos os meandros ela avança, conduz mais além. Deixá-la, abdicar dela é perder-se, talvez morrer e duma morte da qual não se recupera. Esta morte absorve tudo, é tão pesada que se entranha na alma esmagada sob o peso da sua nulidade” (p. 163).

Prosseguindo a sua viagem, Vercingétorix vai consultar o povo druida da ilha Sein. “Vieste, dizem-lhe, interrogar-nos sobre o enigma do mundo. Nós e os nossos sacerdotes, respondemos-te. Chegaste, como nós, ao conhecimento da migração das almas e das leis da vida universal. Agora, uma outra tarefa ser-te -á imposta, deves doravante pensar em Roma. Se tudo o que viste do Império gaulês te fez amá-lo, se valorizas a nossa religião, forte e suave, natural e divina, onde o mal inevitável da vida se esclarece e se redime pelo sacrifício, para depois atingir a sublime verdade pelo culto equilibrado do espírito; se te dá conta que a fria cidade sobre a qual vela o Capitólio, apesar da doçura do clima e da beleza das cristas apeninas, vencido, lamentarias morrer no ar salubre de Gergovie, a lição viva do Puy majestoso, a profundidade calmante das tuas florestas, então prepara-te a partir de agora! Dedic-te a salvar o teu país e a sua religião única ao mundo, o teu país de águas límpidas, os corações briguentos mas bons e calorosos. Crê, crê nas minhas irmãs, crê nos nossos sacerdotes; esta virtude específica do nosso território onde a raça celta atinge o seu mais justo florescimento não existe noutra lugar.»

Mais tarde, a grande sacerdotisa druida conduz o chefe arverne para o promontório que domina o mar apavorante, frente à ilha sagrada neste tumulto das vagas, que dava às suas palavras uma espécie de solenidade fatídica, lançou-lhe estas palavras com uma voz imperiosa: “Eleito de todos, tu serás Rei e pertences-nos. Sobre esta espada brilhante debruçada no abismo, símbolo da Vontade, além de todas as agitações

humanas, jura dedicar todos os minutos da tua vida, a tua vida, a tua morte, tudo o que compõe o teu corpo perecível, bem como toda a tua alma imortal ao cumprimento da missão.

Estás aqui no fim do mundo. Se o teu juramento é sincero, os Deuses que velam por nós e pelas ilhas, nos confins do santuário de todos os santuários, te exaltarão^[1] ! ” E no meio do vento e da tempestade, no barulho das vagas bramantes, sobre a espada ensanguentada, Vercingétorix jura!

[1] *A Iniciação de Vercingétorix*, por ANDRE LEBEY, p. 191, 201-205.

*
* *

É no ano 53 antes da nossa era que, penosamente afectado pela situação da Gália, Vercingétorix toma a resolução de consagrar-se à salvação do seu país. César acabava de vencer separadamente os Eburons, os Trévires, os Sénones, regressando depois a Itália deixando as suas dez legiões dispersas no Norte e no Este. Aproveitando as circunstâncias, Vercingétorix, em pleno inverno, percorreu as tribos preparando um levantamento geral e, pelo seu vigor, eloquência, reanimou os ardores patrióticos e reacendeu as coragens abatidas.

Uma assembleia solene dos chefes gauleses teve lugar na floresta sagrada do Carnutes. Aí, sob os estandartes das tribos reunidas em massa, os chefes fizeram o juramento de se unir contra os Romanos e proclamaram Vercingétorix chefe supremo. Sonhavam com uma pátria colectiva, uma grande Gália livre e confederada, realização desta fraternidade céltica concebida pelos druidas. Vercingétorix empenhou-se em introduzir mais ordem e método na organização militar e nos movimentos do exército gaulês. Mostrou tanta habilidade e precisão que suscitou este elogio pouco usual do seu inimigo: “Foi tão activo como severo no seu comando.» (*Comentários.*)

Podemos perguntar-nos onde foi o grande chefe arverne, ainda jovem, buscar as suas aptidões, o seu "saber-fazer". Parece que o papel que se deve atribuir ao mundo invisível na história começa a sair do domínio exclusivo das religiões para penetrar gradualmente na ciência. Este papel o Sr. C. Jullian reconhece-o ou antes distingue-o na vida do seu herói, e compara-o a outros exemplos célebres. Como os de Sartorius e Marius que tiveram as suas profetisas como Civilis teve Velleda.

“Vercingétorix, diz, teve perto dele mentores que o punham em contacto com o céu.” (Obra citada, p. 133.)

Mas o terrível procônsul, tendo conhecimento do levantamento da Gália, deixou abruptamente Ravenne e, após uma caminhada rápida, realiza um acto que se julgava impraticável em pleno inverno. Cruza Cévennes por caminhos abruptos e seis pés de neve e avança com o seu pequeno exército sobre o país arverne, obrigando assim Vercingétorix a dirigir as suas forças para o Sul e a libertar as legiões cercadas. Após esta diversão hábil, César desceu o vale do Loire e juntou à pressa o grosso das legiões a fim de estar em condições de fazer face aos acontecimentos.

Não é surpreendente reencontrar, com dezoito séculos de distância, factos análogos nesta outra existência do mesmo homem de génio que foi sucessivamente Júlio César e Napoleão Bonaparte? A passagem dos Cévennes não tem paralelo com o do Grande São Bernardo e o 18 de Outubro não recorda a passagem do Rubicão?

Alguns meses depois, o cerco de Burgos pelos Romanos, heroicamente defendida pelos seus habitantes, mostrou toda a utilidade das reformas de Vercingétorix. Para tudo transformar em deserto à chegada do exército Romano, o Bituriges manda incendiar, vinte das suas cidades. César sobe então até Auvergne com as suas legiões e ataca Gergovia, centro da independência gaulesa; é rechaçado, forçado a levantar o seu campo e a bater em retirada durante a noite.

O general romano, que carecia de cavalaria, não hesitou em recrutar do outro lado do Rhin grupos de cavaleiros germânicos semi-selvagens. E é assim que após ter proclamado várias vezes que só vinha à Gália para defendê-la contra os Germânicos, foi ele mesmo que abriu o caminho às invasões. Na batalha de Dijon pesados esquadrões germânicos quebraram a cavalaria gaulesa e Vercingétorix, reduzido apenas à sua infantaria, foi obrigado a refugiar-se em Alésia.

Por último, veio o cerco memorável desta cidade pelos Romanos, os trabalhos gigantescos das legiões para invadir o local e a chegada do exército de socorro, ou seja quase toda a Gália em armas. Este exército tinha levado tempo a reunir-se, os chefes reuniram-se primeiro em Bibrac, em conselho geral, para discutir os planos de Vercingétorix. Se havia entre eles homens devotados por inteiro à liberdade da Gália, havia também ambiciosos hipócritas, como os dois jovens Eduens Viridomar e Eporédorix, decididos ambos a favorecer em segredo as intenções de César.

Numa luta angustiante de três dias, o ímpeto furioso dos Arvernes esmaga as linhas romanas, mas a traição dos Eduens destrói os seus esforços e o exército gaulês dispersa-se, abandonando os defensores de Alésia ao seu destino.

Vercingétorix vencido teria podido fugir, mas preferiu oferecer-se em vítima expiatória a fim de poupar a vida dos seus companheiros de armas. César sentado num tribunal no meio dos seus oficiais, vê as portas de Alésia abrirem-se. Um cavaleiro de elevada estatura coberto com uma magnífica armadura sai a galope, faz descrever três círculos ao seu cavalo em redor do tribunal e, com um ar orgulhoso e sério, lança a sua espada aos pés do procônsul. Era o chefe arverne que se entregava ele próprio ao seu inimigo. Os Romanos impressionados afastam-se com respeito, mas César, mostrando desse modo a baixeza do seu carácter, cobre-o de injúrias, e preso com correntes, envia-o para Roma e lança-o na prisão Mamertine, calabouço sombrio onde só se penetrava pela abóbada. Após seis anos de um terrível cativeiro foi daí retirado para figurar no triunfo de César, após o que foi entregue ao carrasco.

Um dia, na sequência dos tempos, estes dois homens encontram-se outra vez servindo uma mesma causa, sob o mesmo estandarte. César chamava-se então Napoleão Bonaparte e Vercingétorix tornara-se no general Desaix. Em Marengo, quando a batalha parecia perdida para os Franceses, este último chegou no momento exacto com a sua divisão para salvar o seu antigo inimigo, e foi essa toda a sua vingança!

ED. Schuré escreve a respeito de Desaix, após ter recordado os seus altos feitos [1] : “Foi a modéstia na força, a energia na abnegação. Procurou sempre o segundo lugar e conduziu-se como no primeiro. Golpeado mortalmente em Marengo nesta grande batalha que fez ganhar ao primeiro Consul e temendo que a sua morte desencoraje os seus, diz simplesmente aos que o transportavam: “Não digam nada. ” Nestes detalhes históricos, não encontramos uma confirmação do que disseram os nossos instrutores do espaço sobre a identidade destes dois personagens: Vercingétorix e Desaix, animados por um mesmo espírito no decurso dos séculos? Foi assim com César e Napoleão e com muitos outros casos semelhantes.

Se o olhar do homem pudesse sondar o passado e reconstituir a ligação que une as suas vidas sucessivas, muitas surpresas lhe estariam reservadas, mas também que más recordações e angústias viriam misturar-se às dificuldades da vida presente e agravá-las! É por isso que o esquecimento lhe é dado durante a passagem do vau, ou seja durante a

jornada terrestre. Mas na libertação do corpo, durante o sono, e sobretudo após a morte, o espírito evoluído recupera o encadeamento das suas existências vividas e, na lei das causas e dos efeitos, em lugar das vidas isoladas, incoerentes, sem precedentes e sem sequência, contempla o conjunto lógico e harmonioso do seu destino.

Assim como visitei a pé com um sentimento de respeito o santuário céltico da Bretanha, acreditei dever fazer a peregrinação de Gergovia e Alésia. Escalei as escarpas da Acrópole arverne, depois mais tarde subi a suave inclinação que da estação do Laumes conduz a Alise. Uma bruma fria e penetrante envolvia a planície, enquanto no horizonte o disco avermelhado do sol parecia esforçar-se para furar o nevoeiro.

Percorrendo as ruas da aldeia apercebi-me com surpresa duma estátua equestre com esta inscrição: “ Joana d’Arc, a Borgonhesa. ” Será um monumento expiatório? Prosseguindo a minha ascensão, atingi o planalto onde se encontra a estátua gigantesca do grande antepassado. Lá, sozinho, meditei muito tempo, recordei tristemente tudo o que foi preciso de lutas, de sangue e de lágrimas para assegurar a evolução humana.

A grande e nobre figura de Vercingétorix liberta-se da sombra dos tempos como um sublime exemplo de sacrifício e de abnegação. Ele tinha acreditado na pátria gaulesa, no seu futuro, na sua grandeza, e foi por esta pátria que ele lutou, sofreu e morreu. Ele tinha-se recordado na hora suprema do juramento pronunciado perante o céu, sobre o promontório bretão, no meio das vagas em fúria.

Oferecendo-se em holocausto para salvar os seus companheiros de armas, inspirava-se também naquilo que lhe tinham ensinado os druidas: é pelo esquecimento de si mesmo, pela imolação do eu em benefício dos outros que se alcança Gwynfyd.

Pela recordação deste herói, Gergovia e Alésia permanecem para sempre lugares sagrados onde a alma céltica gosta de se recolher para meditar e para orar.

[1] ED. SCHURE, *as Grandes Lendas da França*, p. 65.

CAPÍTULO VI

LORRAINE E VOSGES. JOANA d'ARC, ALMA CÉLTICA.

Perguntar-me-ão porquê estas páginas sobre Lorraine? Este país, afastado dos grandes centros célticos, pode figurar nesta sequência? Sim, certamente, porque Lorraine sempre foi a alameda de defesa do mundo céltico contra os Germânicos.

Além disso, observo que existe uma lacuna em quase todas as obras similares. Fala-se muito na Bretanha e faz-se silêncio sobre as outras regiões célticas. Ora, para facilitar em França o despertar da alma celta, reconduzi-la às suas tradições, devolver-lhe o orgulho nas suas origens, é necessário recordar a sua ascendência sobre outras províncias interessadas e desembaraçá-las assim desta influência latina que, desde há tanto séculos, mascara a sua própria individualidade.

Lorraine foi constantemente a estrada de invasão dos povos do Norte atraídos pelos eflúvios das regiões quentes ou temperadas. Desde os primeiros tempos da nossa história, longa seria a lista das hordas estrangeiras que pisaram o seu solo, devastaram os seus campos. Toda a minha infância foi embalada pelo relato das depredações causadas pelos exércitos inimigos. À sua aproximação, os habitantes das aldeias, levando o que tinham de mais precioso, refugiavam-se na profundidade dos bosques onde criavam acampamentos à pressa. Assim, enquanto no Centro e no Oeste as quintas, as habitações são disseminadas um pouco por toda a parte, de acordo com as necessidades da cultura, é notável ver no Leste as populações agrupadas em aldeias populosas; as casas isoladas aí são raras. De todos estes fluxos e refluxos de exércitos, destes cercos e choques sangrentos, Lorraine sofreu mais que nenhuma outra província francesa. Daí provém um patriotismo ardente que persiste através dos séculos.

A cadeia do Vosges ergue-se como muralha cujo Reno parece ser o fosso. A planície da Alsácia está misturada de elementos gauleses e germânicos, mas por toda a parte as lembranças célticas predominam. Acontece o mesmo nalguns outros pontos da região de Lorraine.

Como um posto avançado que cobre a linha dos montes, o Odilienberg eleva bem acima desta planície o seu campo recortado formado de

blocos ciclópicos, vasto recinto que podia servir de refúgio e defesa a uma tribo inteira com todos os seus recursos em grãos, em verdura e em gado.

Sobre duas protuberâncias, ocupadas hoje por capelas, encontravam-se os templos de Hésus e de Bellena. O Donon, como o Puy de Dôme, era uma montanha consagrada aos deuses e, sobre quase todos os picos do Vosges reencontram-se vestígios de altares druídicos.

Vagueei muitas vezes sobre estes cumes e estes planaltos erçados de carvalhos, de faias e de abetos negros entre os rochedos de grés vermelho e as ruínas dos velhos *burgos*, pousados como ninhos de águia sobre os altos picos.

A que época remonta o vasto sistema de defesa que, sob o nome *muro pagão*, abraça as alturas de Sainte-Odile, o Bloss e o Menelstein? Evidentemente à época das primeiras invasões germânicas cujo objectivo era pará-las ou atrasá-las. Estas barricadas pertencem pois aos períodos célticos.

Maurice Barrès escrevia a este respeito: “Sobre esta montanha, a partir do IV^o ou III^o século antes de J. C., os Celtas tinham construído o *muro pagão*. Encontram-se neste cume os vestígios de um *appidum gaulês* e provavelmente um colégio sacerdotal druídico^[1]. »

“ os *tumuli* encontrados no recinto, escreve ED. Schuré, *menires* colocados sobre os flancos, *dolmens* e as pedras de sacrifício que se espalham pela montanha e pelos vales circundantes, os próprios nomes de certas localidades, tudo prova que a montanha Sainte-Odile foi nos tempos célticos o centro de um grande culto^[2]. »

Este autor considera assim este prodigioso conjunto de ruínas como os restos de um dos maiores santuários da Gália. Situa no promontório de Landsberg, o templo do Sol deixado pelos Druidas. Visto daí o panorama é imenso, estendendo-se atrás sobre as vastas florestas e os vales encaixados que cobrem os declives do Vosges e do outro, sobre toda a planície da Alsácia. Ao longe, corre a fita prateada do Reno; por último, no horizonte, sobre as costas sombrias da Floresta-Negra, a vista estende-se até ao cimo dos Alpes, deslumbrantes sob a sua coroa de glaciares.

Pode-se observar, como fizemos relativamente à Bretanha, que a maior parte dos grandes santuários cristãos foi adaptada, poder-se-ia dizer transplantada sobre cultos anteriores. Os terrenos consagrados pelos Druidas durante séculos viram criar-se mais tarde o mosteiro de Sainte-Odile, patrono da Alsácia.

Apesar da mudança de religião, desde há dois mil anos, as longas filas de peregrinos encaminhavam-se para “a montanha do sol” para procurar aí um socorro moral. Sob nomes e fórmulas variadas a sua fé, as suas orações para aí os conduzia, aí acumulavam essas forças psíquicas das quais a ciência somente agora começa a avaliar o poder e a extensão. Criavam assim um ambiente fluídico e magnético que permitia ao mundo invisível aproximar-se do mundo terrestre e agir sobre ele. Essa a razão dessas manifestações e sobretudo dessas curas maravilhosas que se produziram nos lugares sagrados de todos os tempos, de todos os países, de todas as religiões.

No meio destes sítios grandiosos, o pensamento ascende com mais força, comunga com mais intensidade com o além superior, porque Deus está por toda a parte onde a natureza fala ao coração do homem. Quando um estremecimento passa sobre os maciços de verdura e faz ondular o cimo das grandes árvores da floresta, quando a voz das correntes e das cascatas emerge do fundo dos vales, a alma iniciada compreende melhor a beleza eterna, a suprema harmonia das coisas e vibra em unísono com a vida universal. Foi o que eu senti não somente sobre as alturas de Sainte-Odile, mas também sobre a maior parte dos cumes do Vosges e sobretudo sobre o Hohneck, onde o olhar abraça toda a planície até ao Reno, até aos Alpes longínquos.

Um dia virá em que os homens, fazendo abstracção das velhas formas religiosas, se unirão num pensamento comum de adoração e de amor. Como no tempo dos Druidas, a natureza tornar-se-á o templo augusto, será então a religião do Espírito, consciente de si mesmo e do seu destino, que é evoluir de vidas em vidas, de mundos em mundos para o lar eterno da luz total, da sabedoria total, da verdade total. E assim, a unidade religiosa da terra e do espaço, de duas humanidades, visível e invisível será fundada.

[1] Maurice Barrès, *Ao serviço da Alemanha*, chap. VI.

[2] *As Grandes Lendas da França*. Perrin, editor.

*

* *

Os altos vales da Meurthe, da Moselle e da Vologne possuem ainda numerosos monumentos megalíticos: menires, dolmens, monolitos.

Segundo Charton (*Vosges pitorescos*), o altar encontrado em Lamerey, os túmulos de Bouzemont, de Dommartin-lez-Remiremont, de Martigny são outras tantas antiguidades célticas. O vale d'Ajol, os arredores de Darney recordam lembranças do mesmo tipo. A montanha dos Deux-Jumeaux apresenta, sobre o Piton Norte, cavidades circulares e características onde os Druidas recolhiam directamente as águas pluviais, como mais puras para a celebração dos seus ritos religiosos. Sobre o Piton do sul, o Grand-Jumeau (Grande-Gémeo), descobre os vestígios de um oppidum gaulês.

Pessoalmente pude observar em Lorraine vários destas rochas arranjadas em altares, de cavidades circulares, espécies “de cálices” druídicos, em particular no Grand-Rougimont, no vale da Haute Vezouse. Do mesmo modo na montanha, perto de Epinal, chamada “Cabeça das Barricas” por este motivo. Encontra-se uma escavação semelhante chamada o *Caldeirão das Fadas* na Montanha de Répy, entre Raon-l' Etape e Etival.

Perto de Saint-Dié outros vestígios célticos se encontram até na floresta dos Molières, fora de qualquer caminho; sobre a crista do monte de Ormont, podemos seguir os vestígios de alinhamentos de pedras erguidas.

Mais perto de Nancy, conhece-se o oppidum de Sainte-Geneviève, o de Champigneulles na floresta da Fourasse, e sobretudo a importante obra, acima de Ludres, chamado falsamente *campo romano* e que é céltico da idade do ferro. As escavações praticadas nesta zona deram resultados significativos conservados no Museu Lorrain (Loreno). Quantos outros vestígios célticos são considerados, por ignorância, como galo-romanos!

A estas recordações demasiado profanas, preferimos os velhos altares em plena floresta onde os Romanos nunca penetraram, permanecendo nas cidades e nos extensos vales abertos às rotas comerciais. Amo as pedras ancestrais na floresta profunda onde nós, Celtas, melhor nos sentimos em casa.

Vemos que os megalitos, são numerosos em Lorraine como em todo o resto da Gália. Menires ou pedras em pé, dolmens ou mesas de pedra, cromlechs* ou círculos semelhantes encontram-se frequentemente, sempre no estado rudimentar e que poderíamos classificar de: pedras virgens.

Cromlechs* construções circulares de monolitos verticais *Nota de tradução*

Se a simplicidade das formas e a ausência completa de estética pudessem ser consideradas como os índices de uma antiguidade recuada, poder-se-ia situar a origem dos megalitos nas primeiras idades da história.

Contudo, vemos que os Celtas faziam ainda uso deles durante a nossa era ao mesmo tempo em que mostravam uma arte refinada no fabrico das armas, jóias, vestuários, etc. Havia aí, por isso, nesta simplicidade voluntária, uma intenção profunda, um sentimento religioso, que o Sr. Jean Reynaud, professor da Universidade de Paris, nos explica nestes termos no seu belo livro: *o Espírito da Gália*.

“ Não podemos encontrar outra origem nesta arquitectura primitiva senão o respeito supersticioso experimentado pelos primeiros homens para com a majestade da terra. Eles deviam naturalmente apreender que cometeriam sacrilégio arriscando-se a alterar a figura destes blocos de formas inexplicáveis... Esta arquitectura simboliza a época em que o homem quer já erigir monumentos e em que não ousa ainda apresentar aos ultrajes do martelo a face augusta da terra.»

As costas da Moselle e “as partes superiores de Meuse”, ou seja as duas cadeias de colinas que limitam estes rios eram para a maior parte coroadas de *oppida* e mesmo de monumentos consagrados aos deuses e deusas locais: Teutatés, Taran, Belen, Rosmerta, Serona, deusa das águas, que não passavam de génios tutelares, espíritos protectores das tribos. Todos os vestígios provêm de duas grandes tribos célticas, os Médiomatriques que tinham por capital Metz (Divormentum) e os Leuques cujo principal centro era Toul[1]. Os Médiomatriques tinham enviado seis mil homens para desbloquear Alésia enquanto que os Leuques, aliados aos Trévires, tinha ligação aos Germânicos.

São Jerónimo dizia no IV^o século que a linguagem céltica estava ainda em uso em Verdun e Toul o que obstruía os progressos do Cristianismo.

*

* *

Retornemos à vertente lorena dos Vosges. É necessário ter frequentado muito tempo estas regiões, visitado estes lagos, estas correntes, estas cascatas, tudo o que alegra ou varia a cada passo a paisagem, para compreender e sentir o encanto penetrante, a suave magia que se liberta desta região e predispõe a alma à recordação e ao sonho.

Gostava de conversar com os lenhadores e carvoeiros da floresta dos Vosges e constatei que se encontra neles tudo o que caracteriza a raça céltica, a elevada estatura, a alegria, a hospitalidade, o amor à independência. Bismarck não dizia dos Lorenos após 1871: “Estes elementos são muito indigestos!” Isto recorda-me uma discussão que tive em Schlucht, com os Alemães, no dia seguinte à anexação da Alsácia ao seu império. Como a disputa aquecia e eu era o único Francês, fiquei surpreendido de ver muito à pressa saírem do bosque, homens de alta estatura, de face negra. Eram carvoeiros lorenos que tinham compreendido tudo e vinham no momento oportuno dar-me a mão.

Mas é sobretudo o vale da Meuse que apela às minhas lembranças e às minhas afeições. A minha aldeia natal, o lugar do meu último nascimento, é separada de Vaucouleurs apenas por uma floresta; não têm conta as excursões que realizei a Domrémy e aos seus arredores. Uma atracção poderosa aí me leva. A colina de Bermont, com os seus densos bosques, as suas fontes sagradas, a velha capela onde Joana ia frequentemente orar, conservou todo o seu encanto poético. O bosque Chenu está mais devastado mas a fonte de Groseilliers faz sempre ouvir o seu suave murmúrio. A sumptuosa basílica moderna, apesar do seu fausto, não eclipsa a humilde igreja de aldeia onde Joana foi baptizada.

Sobre todo o vale reina uma atmosfera de misticismo que impressiona a alma pensativa e recolhida. Os Espíritos flutuam no ar, inspirando os escritores mais refractários, é assim que Maurice Barrès, que nunca foi terno com os espíritos, mas sim bom Loreno pelo coração, escrevia o que se segue:

Em Joana vemos agir, no seu inconsciente, as antigas imaginações célticas. O paganismo suporta e cerca esta santa cristã. A Virgem honra os santos, mas instintivamente ela prefere aqueles que abrigam sob as suas palavras as fontes mágicas. Os diversos poderes religiosos dispersos neste vale do Meusien ao mesmo tempo céltico, latino e católico, Joana recolhe-os e harmoniza-os, morrendo por eles como efeito da sua nobreza natural... Fontes druídicas, ruínas latinas e velhas igrejas românicas formam um concerto. Toda esta natureza afastada reanima em nós o amor por uma causa perdida do qual Joana é a representante ideal... Enquanto tivermos um coração céltico e cristão, não cessaremos de amar esta fada que nós fizemos santa^[2]. »

Merlin o mágico profetizou a sua vinda, como se afirma? A coisa é possível, mas foi tão contestada que não insistiremos nesse ponto. O que

é certo: “É que ela foi anunciada, desejada, esperada, prevista do mais fundo de uma raça que põe sempre a sua esperança e a sua fé no olhar inspirado das virgens.” (P. 200.)

[1] Ver PARISOT, *História da Lorena*.

[2] M. Barrès O Mistério em plena luz pp. 189-190

E Maurice Barrès chega ao ponto de atribuir às influências célticas que iluminam a infância de Joana uma das causas da sua condenação. Como Joana, eu gostava de visitar os bosques, as fontes sagradas, as árvores seculares ao redor das quais se desenrolava “a ronda das fadas”. O que eram afinal estas fadas das quais se fala por toda a parte em Lorraine? Sem dúvida uma vaga e remota lembrança das sacerdotisas de vestes brancas, celebrando o seu culto sob os raios argêntios da lua.

ED. Schuré, no seu belo livro *as Grandes Lendas de França*, escreve[1] : “As sacerdotisas também eram chamadas fadas, ou seja seres semidivinos, capazes de revelar o futuro[2]...”

“A origem dos druidas remonta na noite dos tempos, à aurora crepuscular da raça branca. As sacerdotisas são talvez mais antigas ainda se acreditarmos em Aristóteles que traz o culto de Apolo até Delfos, de sacerdotisas hiperbólicas. As sacerdotisas foram os livros inspirados, as pitonisas da floresta. Os Druidas serviram-se originalmente delas como seres sensíveis, aptos para a vidência, para a adivinhação. Com o tempo emanciparam-se, constituíram-se em colégios femininos e, embora submetidas hierarquicamente à autoridade dos druidas, elas agiam de moto próprio.»

Houve certos abusos de poder particularmente no que se referia aos sacrifícios humanos, mas ED. Schuré considera a questão do alto e acrescenta:

“A acção está na origem de tudo. A ideia da vidente, da visão espiritual da alma que vê e possui o mundo interior, superior à realidade visível, domina toda a lenda, aí lança como que raios de luz.»

Joana d’Arc era pois, por excelência, uma alma céltica e como uma imagem destes seres predestinados desde a aurora da história às formas mais elevadas do sacerdócio feminino e da adivinhação. Não estava ela na posse das mais elevadas faculdades psíquicas: visão e audição, pressentimentos, premonições? Quer nos interrogatórios dos examinadores e dos juízes, quer nas discussões dos conselhos ou mesmo

no tumulto dos combates, ela teve sempre a intuição do que devia dizer e fazer^[3].

Tudo aquilo, numa rapariga sem instrução que ainda não tem vinte anos. E que desafio neste terrível drama! Trata-se da salvação da França, de saber se ela será inglesa. Mas como ela mesma nos dirá mais tarde, ela era somente “o modesto instrumento vibratório que recebia a inspiração do mundo invisível”.

Sim certamente, ela era agente do mundo invisível, missionária celeste. Quando os homens tiverem aprendido a conhecer a vida que reina nas esferas superiores e nos espaços etéreos, saberão que Deus criou^[D1] toda uma classe de Espíritos angélicos e puros, à qual reserva missões dolorosas, missões de devoção e sacrifício para a salvação dos povos e a evolução da humanidade. Cristo, Joana d’Arc, e outros ainda, pertencem a esta ordem de Espíritos. Quando descem sobre os mundos da matéria, encarnam sempre nas classes mais humildes para aí darem o exemplo da simplicidade, do trabalho, do desprendimento. Houve excepção apenas para Buda, nascido nos degraus de um trono, e que, mais tarde, abandona o seu palácio, a sua esposa, para embrenhar-se na selva. Maomé, também, era apenas um obscuro cameleiro.

[1] *As Grandes Lendas de França*. Perrin, editor.

[2] As sacerdotisas, ditos Dupiney de Vorepierre, predigam o futuro à Aurélio, Alexandre Severo e Dioclétien.

[3] Ver o meu livro: *Jeanne d’Arc médium*, 12º mil.

[D1] Comentário : afirmação incorrecta !

Todos os missionários são fáceis de reconhecer nos eflúvios poderosos que emanam deles e impressionam as multidões. Parece que eles têm como que um raio divino na sua frente e no seu coração. Era o caso de Joana d’Arc, de acordo com o testemunho do burguês d’Orléans que diz: “É uma alegria vê-la e ouvi-la.» (*Crónica da sede d’Orléans*.) Ainda agora, quando lhe agrada, em longos intervalos, fazer-nos uma visita, o Espírito Joana anuncia-se nas nossas sessões por uma viva radiação luminosa. Ela aparece ao vidente *envolvida* de tal luminosidade que é difícil de encarar. Foi nestas condições que ditou por incorporação, numa noite de Natal, a mensagem seguinte: “Amigos, a Lorraine vos saúda! Quero que nesta festa de Natal esteja nos vossos corações o símbolo da doçura, do amor, da esperança.

“As minhas atribuições no espaço não me permitem descer frequentemente até vós. Devia-vos estas poucas palavras, porque conquistastes a minha afeição. Vim aqui, trabalhar convosco, pensei e orei convosco.

“Desejo que Deus abençoe a vossa obra e ela que torne felizes os Franceses e Francesas imbuídos do celtismo, da recordação da raça. Esta raça francesa inviolável na sua essência, sempre impregnada da chama divina, não pode perecer! É pelos bons escritos que vós a fareis amar.

“Unamos o pensamento de Deus à França para que Ele envie as suas ondas de amor, a fim de regenerar os nossos irmãos e irmãs que tudo ignoram ainda de Deus. Quereis associar a pastora de Lorraine à vossa obra. Durante toda a minha vida terrestre, estive impregnada da centelha céltica. Ela manteve em mim a chama do ideal patriótico, bem como os germes da fé transmitidos pelo primeiro druida. Eu sentia-o sob a forma duma vitalidade particular feita do culto da tradição e do reflexo das leis imutáveis, extraídos das fontes da vida universal.

Eu fui o modesto instrumento vibratório que recebia a inspiração de Deus. Desta terra lorena, que vós amais, levei através da França radiações unidas pelos séculos, e foi uma honra para mim poder juntar as almas perdidas e as vontades oscilantes.

“Se o vosso coração vos impele a falar da Lorraine, das suas emanções célticas, dissei que Joana, a pobre pastora de Domrémy, foi o dócil instrumento que entendeu as vozes dos Espíritos bem-amados, prova que o raio céltico não estava extinto no solo da França.

“O amor de Deus, do país e do próximo, são as essências mais suaves, mais luminosas, transmitidas pelo raio recebido outrora pelos druidas. Elas estendiam-se e comunicavam-se da Bretanha à Lorraine, irradiando-se do oeste ao leste.

“Se sentis alegria em escrever este capítulo, é porque ele vos será inspirado pelos bons guias e pelo vosso coração. Joana agradece-vos por o fazerem. Em troca pedirá a Deus que mantenha na alma dos que lerão a vossa obra o culto da fé em Deus, todo poderoso e bom, o amor do país, do solo que recebeu os eflúvios celestes, o que dá ao coração a doce alegria de amar na consolação e na esperança.»

SEGUNDA PARTE

O DRUIDISMO.

CAPÍTULO VII

SÍNTESE DOS DRUIDAS. AS TRÍADES. OBJECÇÕES E COMENTÁRIOS.

Oriundos das épocas mais remotas a síntese dos Druidas ergue-se como um dos maiores apogeus que o pensamento filosófico pôde atingir. Ainda que ensinada em segredo, traduzia-se bastante claramente nos propósitos e nos actos dos iniciados gauleses, e sobretudo nos cantos bárdicos, para provocar nos autores gregos e latinos sentimentos de admiração e de respeito.

Com efeito, Aristóteles não escreveu no seu livro *Mágico* “que a filosofia tinha nascido com os Celtas, e que, antes de ser conhecida dos Gregos, ela tinha sido cultivada pelos Gauleses por aqueles a quem chamavam Druidas e *semnothées*”? Este último termo tinha para os Gregos o sentido “de admiradores de Deus”.

Diodório de Sicília dizia que havia nos Gauleses filósofos e teológicos “julgados dignos das maiores honras”. Etienne de Bizâncio, Suidas e Sotion concedem igualmente aos Druidas o título de filósofos. Diogenes Laërte e Polyhistor sustentavam que a filosofia tinha existido fora da Grécia antes de florescer nas suas escolas, e citavam como prova os Druidas que seriam uma espécie de antecessores dos filósofos propriamente ditos. Lucain chega até a afirmar que os Druidas eram os únicos que conheciam a verdadeira natureza dos deuses.

Falando das analogias que existem entre a filosofia dos Druidas e a escola de Pitágoras, Jean Reynaud exprime-se assim[1] : “A antiguidade não só não hesita em aproximar os Druidas da escola de Pitágoras, como a incorpora totalmente nessa mesma escola.” Jamblique, na sua *Vida de Pitágoras*, mostra-nos que o filósofo aparentava ter-se instruído com os Celtas. Polyhistor, que é uma mais das maiores autoridades da história antiga, refere no seu livro dos *Símbolos* que Pitágoras viajara tanto com os Druidas como com os Bramanes. São Clemente, que nos transmitiu a

opinião deste historiador, mencionou-o acreditando o facto suficientemente justificado pela semelhança das doutrinas. Valère Maxime declara que “ os Gauleses com os seus calções pensavam a mesma coisa que o filósofo Pitágoras com o seu casaco”.

Na primeira fila dos autores latinos, encontramos o próprio César, este grande inimigo da nossa raça. Apesar da sua intenção evidente de se enaltecer para a posteridade, apesar do espírito de difamação que o inspirava, não afirmava, em seus *Comentários da guerra das Gálias*, que os Druidas ensinavam muitas coisas sobre o universo e as suas leis, sobre as formas, as dimensões da terra e o movimento dos astros, sobre o destino das almas, os seus renascimentos noutros corpos humanos[1] ?

Sabe-se que Horácio, Florus e vários outros escritores testemunhavam a elevada ciência e a filosofia dos Druidas, a profundidade dos seus ensinamentos. É necessário recordar também as opiniões dos escritores cristãos destes tempos: Cirilo, Clemente de Alexandria, Orígenes e certos Pais da Igreja, que distinguem com cuidado os Druidas “da multidão dos idólatras” e concedem-lhes também a qualidade de filósofos. É a todos os títulos que as *Triades*, que são um resumo da síntese dos Druidas, nos aparecem como um monumento digno de toda a nossa atenção e não como uma obra imaginária, tal como o consideram tantas críticas superficiais.

O druidismo, como todas as grandes doutrinas, tinha duas faces, dois aspectos. Um externo, cheio de figuras, de imagens e de símbolos. Era a religião popular ao alcance das multidões; o outro, profundo e escondido, era a doutrina reveladora das grandes verdades e das leis superiores, reservada àqueles cujo grau de evolução tornava aptos a compreender e a apreciar a beleza. Nesse aspecto, esta doutrina liga-se a outras grandes divulgações, budista e cristã, todas provindo na sua essência duma mesma fonte única e grandiosa[2]. Nos países célticos, ela não era transcrita em língua vulgar, porque não era destinada a todos, não obstante os Druidas possuíam uma escrita simbólica vegetal, chamada a escrita *ogham*, e dela faziam uso, mas os iniciados eram os únicos que possuíam a sua chave. Ainda encontramos os seus vestígios na Irlanda e no País de Gales.

[1] V. CESAR, *Comentários*, t. VI, cap. XIV.

[2] Ver Mensagem do Espírito de Allan Kardec no fim do volume.

O ensino era sobretudo oral, transmitido de boca em boca, sob a forma de estrofes, de inúmeros versos, e foi entregue mais tarde à publicidade dos Bardos que eram iniciados.

Na época em que as tríades passaram a ser registadas por escrito, o cristianismo tinha penetrado na Gália. É possível, como o supõem certas críticas, que a sua redacção tenha sofrido esta influência nalguns pontos. No seu conjunto, esta obra-prima não perde a sua poderosa originalidade, sobretudo no quadro em que nos oferece a ascensão vital desde o fundo do abismo, *anoufn*, até às alturas sublimes de *gwynfyd*. O cristianismo nada disse acerca desta evolução dos seres inferiores e de tudo o que se refere à vida rudimentar em todos os graus abaixo do homem, e essa é uma lacuna considerável na explicação das leis da vida.

Objecta-se que as Tríades foram traduzidas e publicadas em francês apenas durante o último século. Isso não prova nada contra a sua antiguidade e demonstra apenas a indiferença dos Franceses relativamente às nossas verdadeiras origens, porque é falso que sejamos Latinos. Compreendemos que se esteja envolvido pelo magnífico florescimento de literatura e de arte greco-latina que muito contribuiu para amaciar a rudeza dos Celtas, se não para o corromper. Reconhecemos a sua grande e legítima contribuição na constituição da nossa língua, embora esta contenha ainda muitos elementos célticos. Mas, isso não é razão para renegar os nossos pais que eram melhores que os Gregos e os Romanos, e sabiam mais no tocante ao que há de mais essencial, para conhecer aqui embaixo, as elevadas leis espirituais e os verdadeiros destinos do ser.

Enquanto que atribuímos toda a importância merecida às tradições gregas e latinas, surpreendemo-nos com a indiferença universitária em relação aos textos célticos. Nos cursos que frequentávamos no Colégio de França e na Sorbonne, os Srs. Arbois de Jubainville e Gaidoz lamentavam amargamente o facto de se verem na necessidade de nos fazer seguir as suas explicações em livros alemães que reproduzem o original céltico, tendo em conta a ausência de obras francesas, enquanto que as traduções inglesas das Tríades e os cantos bárdicos existem desde há mais de um milhar de anos^[1]. A escassez de documentos não era mais do que uma escassez de iniciativa e de vontade.

[1] Acontecia o mesmo em outras matérias, por exemplo para americanismo ou história da América antes de Cristóvão Colombo.

As Tríades, pela sua originalidade profunda, pelo seu contraste impressionante com todas as formas do paganismo, transportam as suas garantias de autenticidade. Lamenta-se frequentemente, com razão, a destruição da biblioteca de Alexandria, queimada pela ordem do califa Omar e pela perda de tantos documentos preciosos relativos à antiguidade oriental. Mas porque as críticas passam em silêncio sobre um acontecimento paralelo, a destruição, pela ordem de Cromwell, da biblioteca céltica fundada pelo Conde de Pembroke no castelo de Rhaglan (País de Gales) e tão rico em manuscritos relativos à época bárdica?

Quanto às analogias constatadas entre a doutrina dos Druidas, a dos Bramanes e a de Pitágoras, a explicação que se dá pelas viagens deste último na Gália e na Índia parece-nos pouco credível nestas épocas remotas onde as deslocações apresentavam tantas dificuldades. É mais simples, mais lógico, atribuir estas semelhanças às divulgações idênticas vindas do mundo invisível.

Com efeito, Pitágoras tinha a sua médium Théocléa que ele desposou na sua velhice. Os Druidas possuíam as suas videntes, as suas profetisas, e recebiam eles próprios as inspirações tal como o atesta Allan Kardec[1]. Pelo seu lado os Bramanes conheciam todos os meios para comunicar com os Pitris (Espíritos).

Os dois mundos, visíveis e invisíveis, sempre se corresponderam entre si, e, nessa época de fé ardente e de pensamento recolhido, em santuários da natureza a comunhão era mais fácil, mais intensa, mais profunda. É somente na Idade média que a Inquisição, o fanatismo católico, inventando fogueiras e condenando ao fogo, sob pretexto de bruxaria, os médiuns e as videntes, quebraram a ligação entre estes dois mundos. Está actualmente refeita, e sabemos por nós próprios que grandes ensinamentos podem advir das esferas superiores dirigidos à humanidade.

Um dos caracteres distintivos do druidismo encontra-se no seu conhecimento antecipado e aprofundado deste mundo invisível bem como das forças escondidas da natureza, destes poderes secretos através dos quais se revela o dinamismo divino. Sabemos agora, graças aos Espíritos, que grandes correntes de ondas percorrem o universo e são como as artérias da vida universal, brotando donde derivam as forças fluídicas e magnéticas, os druidas obtinham-nos das mesmas fontes, reservando o seu uso ao domínio psíquico. A nossa incipiente ciência

começa a descobrir o seu alcance e as suas aplicações na ordem industrial, sem prever as consequências mórbidas e os efeitos destrutivos a que elas podem conduzir entre as mãos de uma humanidade tão pouco evoluída.

Um conhecimento mais preciso do ser, da sua natureza e do seu destino estava ligado a estas concepções de ordem geral. De acordo com as Tríades há três fases ou círculos de vida: em *Annoufn*, ou círculo da necessidade, o ser começa sob a forma mais rudimentar. Em *Abred ele* desenvolve-se de vidas em vidas no seio das humanidades e adquire a consciência e o livre arbítrio. Por último em *Gwynfyd ele* goza da plénitude da existência e de todos os atributos, livre das formas materiais e da morte, ele ascende para a perfeição mais elevada e atinge o círculo da felicidade.

As Tríades 12, 13 e 14 exprimem-se assim:

12. - Três círculos de vida:

O Círculo de *Ceugant* onde não há nenhum outro senão Deus, nem vivo, nem morto, e só Deus pode atravessá-lo;

O Círculo de *Abred* (círculo das transmigrações), onde cada estado germina da morte, e o homem atravessa-o presentemente;

O Círculo de *Gwynfyd*, onde cada estado germina da vida e o homem aí viajará no céu.

13. - Três estados dos vivos:

O estado de necessidade em *Annoufn* (o abismo ou profundidade obscura). O estado de liberdade na humanidade. O estado do amor ou *Gwynfyd*, no Céu.

14. - Três necessidades de toda a existência na vida: O início em *Annoufn*, a travessia em *Abred*, a plenitude em *Gwynfyd*, e sem estas três necessidades ninguém pode ser, excepto Deus.

Os nascimentos não são assim um efeito do acaso, mas formas da grande lei da evolução. A vida actual é para cada ser a resultante das suas vidas anteriores e a preparação das suas vidas para o futuro; ele recolhe aí os frutos bons ou maus do passado e, de acordo com os seus méritos ou os seus deméritos, eleva-se ou desce na via da ascensão. O seu destino está sempre em harmonia com o seu valor moral e o seu grau de adiantamento.

Renan, nos seus artigos da *Revista dos dois Mundos* sobre a *Poesia céltica*, salienta a distinção a fazer entre as duas doutrinas célticas e romanas. De acordo com os Druidas, o ser individual possui em si mesmo o seu princípio de independência e de liberdade, o seu génio

puro, as suas forças evolutivas. Com o catolicismo é sobretudo pela graça, ou seja por um favor do alto, que o ser se aperfeiçoa e se eleva.

Mas estas doutrinas não são inconciliáveis, porque o celta conhece a relação estreita que o une ao mundo invisível e os seres que o povoam. Assim valoriza o culto dos espíritos dos antepassados e, por extensão, o sentimento de uma solidariedade que o liga à cadeia imensa de vida que se desenrola desde as profundezas *Annoufn*, o abismo, até às alturas prestigiosas de *Gwynfyd*.

A doutrina céltica dirige-se sobretudo às almas valentes que se esforçam para escalar os altos cumes, a todos os que vêm na vida uma luta constante contra os baixos instintos, que consideram a prova como uma purificação e evoluem para a luz, para a suprema beleza.

O Cristianismo, é o espírito benevolente que se inclina sobre o sofrimento humano, é a Providência que consola, apoia, tolera, a mão tutelar que guia a ovelha perdida e a traz de volta ao redil. Estas duas doutrinas completam-se uma à outra e harmonizam-se para formar um móbil de perfeição.

Porque, tudo o que vem de Deus é perfeito, e é por isso que as três grandes revelações: oriental, cristã e céltica, são idênticas na sua fonte, mas difundem-se, diferenciam-se e às vezes deturpam-se pela obra dos homens[1].

O que toca nos adeptos do druidismo, é a sua fé profunda, a sua confiança absoluta num futuro sem limites. Acima das contingências humanas, mais alta que o nosso livre arbítrio, fonte ao mesmo tempo da nossa miséria e da nossa grandeza; eles crêem, eles sabem que uma lei de sabedoria e de harmonia reina no mundo e que finalmente o bem triunfará sobre o mal. É o que exprimem as Tríades 43 e 44.

Três coisas reforçar-se-ão de dia para dia, a tendência para elas tornando-se sempre maiores: o amor, a ciência, a justiça.

“Três coisas enfraquecer-se-ão de dia para dia, a oposição contra elas tornando-se crescente: o ódio, a injustiça, a ignorância[2].

Desta certeza decorriam, para os nossos pais, esta firmeza nas provas, esta coragem nos combates que os tornavam lendários e os faziam caminhar para o perigo e para a morte como para uma festa.

Estas qualidades viris da nossa raça enfraqueceram-se muitíssimo actualmente sob as respirações deletérias e persistentes do materialismo. No entanto, vimo-las reaparecer nas horas memoráveis da Marne e de Verdun. O novo espiritualismo vem reanimá-las nas nossas almas na medida compatível com o nosso grau de civilização.

[1] Ver Mensagem nº 1, cap. XIII.

[2] Tradução de Llvelyne Sion.

*

* *

Pôde-se observar por muito tempo que o movimento do pensamento e da ciência, as descobertas astronómicas e tudo o que tem a ver com a física do globo vem confirmar a concepção céltica sobre o Universo e sobre Deus.

Provam-no os cantos bárdicos de Taliésin sobre os mundos e a evolução da vida que remontam ao século V, os testemunhos dos autores antigos sobre a ciência profunda dos Druidas. As próprias Tríades, em tempos mais remotos, após ter anunciado, previsto as conquistas futuras da ciência, abriram-lhe outros horizontes que ela apenas podia entrever e hesita em abordar.

À medida que o conhecimento do Universo se expande, a ideia de Deus cresce e as concepções teológicas da Idade média esbatem-se. Simultaneamente a noção da força e do pensamento soberano torna-se mais imponente e mais bela, crescendo na ideia do infinito e do absoluto.

Aqui, coloca-se uma dificuldade contra a qual se chocaram todas as filosofias espiritualistas. Não podemos, dizem, conhecer *o ser em si*, mas apenas pelas relações que temos com ele. Ora, que relação pode haver entre o homem finito e relativo e o ser infinito e absoluto? Não há aí antonímia?

Este escolho, que nenhuma filosofia moderna pôde evitar, os Druidas tinham-no afastado desde o princípio e encontramos neste facto a manifestação de uma intervenção sobre-humana. Com efeito, a Tríade 46 exprime-se assim:

Três necessidades de Deus: Ser infinito em si mesmo, ser finito em relação aos seres finitos, ser em relação com cada estado de existências no círculo de Gwynfyd.

Sobre este último ponto possuímos meios de controlo suficientes.

Todos os Espíritos elevados, que se comunicaram nas nossas sessões de estudo, afirmam que percebem as emanações do pensamento e da força divina.

Os mais puros - em muito pequeno número - percebem a luz da fonte divina e as poderosas harmonias que dela se libertam. Recebem ordens,

instruções, tendo a ver com as missões a desempenhar, com as tarefas a realizar. Poder-se-ia ir mais longe e dizer mesmo que, no plano terrestre, os homens mais evoluídos sentem as emanções divinas, não directamente, mas como um reflexo que vem iluminar a sua consciência.

Em resumo, Deus é a causa suprema, a fonte eterna da vida. É o seu pensamento, a sua vontade que dirigem o universo, eles projectam incessantemente através do espaço ondas de moléculas, feixes de centelhas vitais que as grandes correntes de ondas transportam e tecem sobre os mundos. De lá, estas centelhas de vida sobem através do ciclo imenso dos tempos para a fonte suprema revestindo as formas rudimentares da natureza.

Chegadas ao estado humano deverão adquirir, pelos seus trabalhos e seus esforços, todos os atributos divinos: consciência, sabedoria, amor, participando cada vez mais na vida, na obra eterna num crescimento gradual de iluminação, de poder e de felicidade.

Para tornar a concepção druídica completa e perfeita bastaria acrescentar a noção da solidariedade do ser pela paternidade de Deus, comunhão universal onde cada um trabalha para a elevação de todos na sucessão das existências, desde o infinitamente pequeno até às alturas divinas, até à possessão dos atributos que constituem a perfeição.

É por excelência uma doutrina de evolução, de progresso e de liberdade. Em vez da visão de uma imobilidade beata e estéril, é uma vida de actividade, de desenvolvimento das faculdades e das qualidades morais. É a felicidade de se dar a todos e de elevar os outros elevando-se a si mesmo.

O ser evoluído é mais feliz dando que recebendo e por aí podemos compreender a felicidade de Deus a espalhar a sua própria substância sobre a sua obra em proveito das suas criaturas e na medida dos seus esforços e dos seus méritos.

A ideia capital do Druidismo é pois a ideia de Deus, único, eterno, infinito. A primeira Tríade é formal e a noção de Deus desenvolve-se nas Tríades seguintes:

1º Há três unidades primitivas, e de cada uma não poderia haver senão uma só: um Deus; uma verdade e um ponto de liberdade, ou seja o ponto onde se encontra o equilíbrio de toda a oposição;

2º Três coisas procedem de três unidades primitivas: toda a vida, todo o bem e todo o poder;

3° Deus é necessariamente três coisas, a saber: a maior parte da vida, a maior parte da ciência e a maior parte do poder; e não poderia haver mais do que uma grande parte de cada coisa;

4° Três coisas que Deus não pode deixar de ser: o que deve constituir o bem perfeito, o que deve querer o bem perfeito, o que deve realizar o bem perfeito;

5° Três garantias do que Deus faz e fará: o seu poder infinito, a sua sabedoria infinita e o seu amor infinito; porque não há nada que não possa ser efectuado que não possa tornar-se verdadeiro e que não possa ser desejado por estes atributos;

6° Três fins principais da obra de Deus: como criador de todas as coisas: diminuir o mal, reforçar o bem, e pôr em destaque toda a diferença, de tal forma que se possa saber o que deve ser ou, pelo contrário, o que não deve ser;

7° Três coisas que Deus não pode deixar de realizar: o que há de mais vantajoso, o que há de mais necessário e o que há de mais belo para cada coisa;

8° Três poderes da existência: não poder ser melhor para a concepção divina, e é nisso que está a perfeição de cada coisa;

9° Três coisas prevalecerão necessariamente: o supremo poder, a suprema inteligência e o supremo amor de Deus;

10° As três grandezas de Deus: vida perfeita, ciência perfeita e poder perfeito;

11° Três causas originais dos seres vivos: o amor divino de acordo com a suprema inteligência, a sabedoria suprema pelo conhecimento perfeito de todos os meios, e o poder divino de acordo com a suprema vontade, o amor e a sabedoria de Deus.

Quando se diz que os Judeus foram os primeiros no mundo a afirmar a unidade de Deus, esquece-se que os Druidas o ensinavam muito antes deles. Mas enquanto a Bíblia nos apresenta um Deus antropomórfico, ou seja semelhante ao homem por certas imperfeições, o Deus dos Druidas plana bem alto acima das misérias humanas.

Eis como Jean Reynaud se exprime na sua obra magistral^[1] :

“Relativamente ao conhecimento de Deus, a Gália não se reporta senão a si própria, não tendo jamais tido necessidade de recorrer a outros para o que se refere à essência e ao fundo da vida. Em vez de ter sido obrigada a vir transplantar-se sobre a cepa viva, como diz são Paulo dos Gentis, ela era igualmente cepa viva.»

[1] JEAN REYNAUD, *o Espírito da Gália*, p. 45.

*
* *

Em resumo, como íamos dizendo, a doutrina dos Druidas repousa sobre três princípios fundamentais: eternidade de Deus, perenidade do universo, imortalidade das almas. Na sua visão, o universo era o vasto campo onde se desenrola o destino dos seres. A pluralidade dos mundos

era o complemento necessário da sucessão das existências, a escala de ascensão que ascende até Deus.

Uma das coisas que impressionava mais os autores antigos, era o conhecimento dos Druidas em matéria de astronomia. O contraste era profundo neste aspecto com a maior parte das doutrinas do Oriente. Sobre este conhecimento abundam os testemunhos. O próprio César, vimo-lo atrás, referia-nos nos seus *Comentários* que os Druidas ensinavam muitas coisas versando a forma e a dimensão da terra, a grandeza e as disposições das diversas partes do céu, o movimento dos astros. Hécate, Plutarco e outros dizem que das ilhas britânicas, os Druidas observavam atentamente as montanhas e os vulcões da lua e todo o relevo deste pequeno globo.

Foi na Gália, diz Jean Reynaud, que aprendemos a fazer dos astros a sede da ressurreição. O paraíso, em vez de se reduzir a uma concepção mística, formava uma realidade sensível oferecida continuamente em espectáculo aos olhos dos homens^[2].

[1] JEAN REYNAUD, *o Espírito da Gália*, p. 45.

[2] JEAN REYNAUD, *o Espírito da Gália*, p. 96 e 100.

Quanto à questão da perenidade do Universo, encontramos-na nesta passagem de Strabon: “Os Druidas ensinavam que a alma está isenta da morte tal como o mundo.” A Imortalidade decorria desta ideia de que a grandeza inerente ao indivíduo está acima de todos os poderes materiais.

“Tudo o que depende do mundo perece, as instituições, os monumentos, os impérios, mas no meio de todos os objectos precários, encontra-se um ser que é deste mundo apenas temporariamente, e que, superior pela sua imortalidade às realidades perecíveis no meio das quais ele se desenvolveu, se eleva até ao céu com uma sublimidade que a terra, apesar do seu fausto, não atinge nunca^[1]. »

Quando se compara a tradição céltica tal como se exprime nos cantos Bardos com as teorias da Idade média, antes de Galileu, impressionamos com a ciência profunda dos nossos antepassados. Recordemos apenas o canto do mundo de Taliésin que chega do século IV da nossa era^[2] :

“ Eu interrogarei os bardos, e porque os bardos não responderiam? Perguntar-lhes-ei o que sustenta o mundo, por que razão, privado de suporte, o mundo não cai. Mas que poderia servir-lhe de suporte? Grande viajante é o mundo! Enquanto ele desliza sem descanso,

permanece sempre no seu rumo, e quanto a forma deste rumo é admirável, para que o mundo não saia dele jamais!»

“Ainda nos nossos dias, conclui Jean Reynaud, a astronomia clássica limita-se a estudar o mecanismo material do universo e encontra-se bem afastada ainda da verdade moral, incapaz que é de vivificar o movimento dos astros pela circulação das existências; perde-se na multiplicidade das estrelas como numa poeira vã. [3]...»

[1] JEAN REYNAUD, *o Espírito da Gália*, p. 96 e 100.

[2] *Barddas, CAD. Goddeu*. Tradução gaélica.

[3] *O Espírito da Gália*, p. 61.

CAPÍTULO VIII

PALINGENESIA: PRÉ-EXISTÊNCIAS E VIDAS SUCESSIVAS. A LEI DAS REENCARNAÇÕES.

No seu ensinamento, os Druidas não separavam a noção da imortalidade da das vidas sucessivas da alma. Com efeito, entre as grandes leis que regem a evolução dos seres, não há nenhuma mais importante, mais necessária a ser conhecida pelo homem - após a da sobrevivência da alma no seu envoltório fluídico - que a lei das reencarnações. A claridade que projecta na estrada da vida dissipa as sombras, as contradições aparentes e revela o seu sentido profundo. Coloca a ordem e a harmonia no lugar da desordem e da confusão.

Como é possível que esta grande lei que, na realidade, deveria ser a base e o cimento de todas as doutrinas espiritualistas, seja ainda ignorada pela maior parte dos homens do nosso tempo? Não é ela a essência da tradição céltica inscrita no mais profundo da alma da nossa raça e consignada nas *Triades* e nos *Cantos bárdicos*?

O Cristo, nas suas duas encarnações conhecidas, a da Índia e a da Judeia, sob estes dois nomes quase idênticos: Krishna e Cristo, não nos ensinou esta mesma doutrina tanto no Evangelho como em *Bhagavad-Gita*[1] ?

Toda a antiguidade foi iluminada pelos raios desta mesma lei nos ensinamentos de Pitágoras, Platão e os da escola de Alexandria.

Nos primeiros tempos do Cristianismo[2], homens como Orígenes, São Clemente e quase todos os Antepassados gregos, a professaram vivamente, e, no século IV, São Jerónimo, secretário do papa Dâmaso e autor da *Vulgate*, na sua controvérsia com Vigilentius o Gaulês, devia ainda reconhecer que ela era a crença da maioria dos cristãos do seu tempo.

[1] Ver o meu livro *Cristianismo e Espiritismo*, consultar o índice. Ver também *o Problema do ser e do Destino*, p. 321. De acordo com *Bhagavad-Gita* (tradução de Emile Burnouf, C. Schlegel e Wilkins), Krishna exprime-se assim: “Eu e vós tivemos várias encarnações. As minhas são conhecidas apenas de mim, mas vós não conheceis as vossas. Embora eu não esteja mais pela minha natureza sujeito a nascer ou a morrer, de cada vez que a virtude declina no mundo e que o defeito e a injustiça o arrastam, então torno-me visível, e assim

mostro-me de época em época para a salvação do justo, a punição do mau e o restabelecimento da Virtude.»

[2] Ver o meu *Problema do Ser e do Destino*, capítulo. XVII.

Mas o véu lançado pelas Igrejas sobre esta grande luz, tornou a obscuridade profunda em relação a tudo o que se refere ao problema do destino humano. Limitando no círculo estreito de uma vida única a passagem da alma sobre a terra, Roma quis simplesmente adaptar o seu ensino à compreensão medieval, ou seja, ao grau de cultura de povos ainda bárbaros, ou será que pensou em assegurar o seu império pela concepção de uma vida conducente a um paraíso ou a um inferno eternos dos quais afirmava deter as chaves? Os dois pontos de vista parecem admissíveis.

Tais concepções geraram consequências desastrosas tanto para o génio civilizador como para o espírito religioso dos Ocidentais, que elas falsearam no seu princípio, na sua própria essência. Porque o verdadeiro objectivo da existência, ou seja o aperfeiçoamento da alma, a sua educação, a sua preparação para mais elevados graus da escala de ascensão, tornando-se quase nulo na maior parte dos casos, viu alterados os planos gerais da vida.

Nos crentes, a preocupação constante pela salvação pessoal, o temor das punições sem fim, paralisaram a iniciativa, apagada toda a independência de espírito, enfraquecido o livre arbítrio. Nos outros, a impossibilidade de conciliar no círculo duma vida única a variedade infinita das condições, das aptidões e dos caracteres humanos com a justiça de Deus, gerou o cepticismo, o materialismo e a negação de todo o ideal elevado. Deste estado de coisas podemos, no presente, constatar à nossa volta os amargos frutos.

Como surpreender-se, após tanto séculos de erro e de esquecimento, que a noite se fizesse presente nos cérebros melhor dotados! Não vimos filósofos eminentes, cujas obras, os sistemas maravilhosamente engendrados resultaram estéreis, porque lhes faltava a noção essencial, a chave de ouro de todos os problemas: a lei de evolução pelos renascimentos?

*

* *

O ser, diziam os Druidas, eleva-se do abismo da vida e ascende através de inúmeras etapas à perfeição; encarna-se no seio das humanidades nos mundos da matéria, que são as estações da sua longa

peregrinação. Esta doutrina é confirmada em muitos pontos por todas as grandes religiões e as mais elevadas filosofias antigas. Lê-se nas *Triades*^[1] :

19°- Três condições indispensáveis para chegar à plenitude da ciência: transmigrar em *Abred* (a terra), transmigrar em *Gwynfyd* (o céu) e relembrar-se de todas as coisas passadas até ao *Annoufn* (abismo).

25°- por três coisas o homem cai sob a necessidade do *Abred* (ou da transmigração): pela ausência de esforço para a aquisição do conhecimento, pelo desapego do bem e pela fixação ao mal; em consequência destas coisas, desce ao *Abred* até ao seu análogo, e recomeça o curso das suas transmigrações.

26°-Os três poderes (fundamentos) da ciência: a transmigração completa por todos os estados dos seres, a lembrança de cada transmigração e dos seus incidentes; o poder de passar à vontade outra vez por um estado qualquer com o propósito da experiência e do julgamento. E isso será conseguido no círculo de *Gwynfyd*.

[1] Tradução de ED. WILLIAMS, de acordo com o original gaulês.

Os cânticos bárdicos não são menos afirmativos. Citaremos apenas o mais célebre, o de Taliésin, que data do século IV da nossa era^[1] :

“Existindo desde o princípio dos tempos no seio dos vastos oceanos, não nasci de um pai e de uma mãe, mas das formas elementares da Natureza, dos ramos da bétula, do fruto dos frutos, das flores da montanha. Brinquei na noite, dormi na aurora; fui peixe no lago, águia nos cumes, lince na floresta. Depois, marcado por Gwyon (Espírito divino), pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Já decorreu muito tempo desde que eu era pastor. Durante muito tempo eu vagueei na Terra antes de me tornar hábil na ciência. Por último brilhei entre os chefes superiores; coberto dos fatos sagrados, segurei o cálice dos sacrifícios. Vivi em cem mundos, agitei-me em cem círculos.»

Reparem na analogia impressionante que aparece entre este documento vindo das épocas longínquas e as descobertas recentes da ciência sobre as propriedades vitais da água do mar. O texto diz: “Existindo no seio dos vastos oceanos, eu nasci das formas elementares da natureza. ” Convém ler a este respeito na *Revista de biologia aplicada*, 1926, as experiências processadas no laboratório do Colégio de França pelos doutores L. Hallion e Carrion estabelecendo que a vida animal teve no mar os seus primeiros representantes sob a forma de

células isoladas. Consultar igualmente a obra recente do doutor Quinton intitulada: *a Água do mar meio orgânico. Constância do meio marinho original como meio vital das células através da série animal*: “O reino animal, diz, é todo ele de origem aquática e, sobretudo, de origem marinha.»

[1] Tradução gaélica *CAD. Goddeu*.

Não existe aí uma série de testemunhos concluindo a favor da elevada inspiração e do valor das doutrinas célticas que ensinavam, há mil e quinhentos anos ou mais, o que os nossos cientistas só agora acabam de descobrir?

A literatura céltica relata numerosos casos de reencarnação. É assim que Arbois de Jubainville, que ocupou durante muito tempo a cátedra de celtismo no Colégio de França, pôde escrever a respeito das tradições irlandesas[1] :

“É a fé nesta universal metamorfose dos humanos que inspirou a crença nas metamorfoses de Tûan mac Cairill e de Taliésin. Não são de resto os únicos personagens cuja alma tenha na Irlanda revestido sucessivamente dois corpos de homem e que nasceram muitas vezes. Mongân, rei de Ulster no início do século VI, era idêntico ao célebre Find, morto dois séculos antes do nascimento de Mongân: a alma do ilustre defunto tinha retornado do país dos mortos para animar neste mundo um novo corpo.

“Assim a sobrevivência da alma ao corpo e a possibilidade que a alma de um morto tem de tomar outra vez um corpo neste mundo são crenças célticas.»

[1] *O Ciclo mitológico irlandês e Mitologia céltica*. Ver também em *Anais de Tigernach* publicados por WHITLEY STOKES outros casos de reencarnação, e *Curso de literatura Céltica* de A. DE JUBAINVILLE.

Desde há algum tempo os Espíritos dos antepassados, julgando que é chegada a hora das grandes renovações, projectam com mais intensidade as radiações dos seus pensamentos para a terra de França. Vejamos o que nos ditava o Espírito de Allan Kardec a 25 de Novembro de 1925 através de incorporação:

“Queríamos inspirar aos nossos políticos o espírito da tradição céltica, honestidade, afim de que homens novos possam chegar para regenerar o nosso país. Vemos claramente os pensamentos entrelaçados que formam como que misturas de múltiplas cores. As paixões obstruem a formação dos pensamentos elevados. O Materialismo é inerente a uma geração que apenas experimentou na

sua precedente existência os gozos baixos, e que, no astral, permaneceu em esferas de uma densidade muito espessa. Retornou à vida com apetites mal saciados.

“Pensei que devia retirar, da minha consciência profunda, a chama de fé ardente, de luz pura, que me foi legada pela minha existência céltica, para tentar lançar sobre certo humanos um raio inspirador.

“Como temos a facilidade, no espaço, de recordar as nossas existências, quando estamos numa esfera de densidade média, agrupamo-nos espiritualmente, assim como na nossa vida terrestre as paixões e as aspirações agrupam-se de acordo com as suas afinidades. Por um lado os grandes filósofos da antiguidade, os iniciados das antigas religiões, quando estão de regresso ao espaço, ajudam-nos. Os ascetas, os budistas, são agentes poderosos para ajudar a dissociar a matéria que pesa sobre os seres carnis das vossas regiões. Sabeis que alguns dentre eles tinham um vasto poder de radiação.

“Os Druidas deixaram na alma das gerações primitivas que habitaram o vosso solo uma centelha que ficou latente no fundo de cada consciência. Isso faz com que a esperança não esteja perdida de reavivar uma chama que dorme nalguns dentre vós.

“Temos como missão agrupar os verdadeiros Celtas que são a própria essência da França. Posso falar-vos disso, porque eu mesmo vivi na Bretanha, fui Druida em Huelgoat. Mais tarde, à beira do mar, por um favor insigne, senti as forças emanadas do círculo superior e a minha fé tornou-se viva e forte, seguiu-me nas minhas existências ulteriores, até àquela onde me haveis conhecido.

“Fui recompensado, dado que as intuições mantiveram suficientemente a pequena chama interna e, recordando-me das leis da vida universal, eu acreditei dever espalhar a doutrina que conheceis e que tinha permanecido inscrita no fundo do meu super-espírito.»

Esta mensagem demonstra-nos que o espiritualismo moderno não é, senão um despertar do génio céltico que dormitava desde há séculos e que reaparece em todo o seu esplendor sob as formas adequadas às necessidades da evolução humana.

Ele é análogo, de resto, em muitos pontos, ao Cristianismo esotérico, porque as grandes verdades emanam todas de uma fonte única para se difundirem em cores diversas, seguindo os tempos e os lugares, como os raios do prisma.

*

* *

Após um tempo de estadia e de descanso no espaço, a alma, dizem-nos os Espíritos, deve renascer na condição humana. Traz com ela toda a herança do passado bom ou mau e retorna para adquirir novos poderes, novos méritos que facilitarão a sua ascensão, a sua caminhada para diante. E assim, de renascimentos em renascimentos o espírito progride,

eleva-se, ascende a este ideal de perfeição que é o objectivo de toda a evolução universal.

A Terra é um mundo de provas e de reparação onde as almas se preparam para uma vida mais elevada. Não há iniciação sem provas, nem reparação sem a dor. Só elas podem purificar a alma, sacralizá-la, torná-la digna de penetrar nos mundos felizes. Estes mundos, ou sistemas de mundos, estão dispostos no universo em planos ou graus sucessivos; as condições da vida são aí tanto mais perfeitas e mais harmónicas quanto a evolução dos seres que o povoam é mais acentuada. Não se ascende a um grau superior senão quando já se adquiriu, no grau que o precede, as perfeições inerentes a este meio.

Ora, a variedade quase infinita e a desigualdade das condições de existência na Terra, não permitem crer que se pudesse aí adquirir as qualidades necessárias no decurso de uma só existência. É necessário à imensa maioria de humanos toda uma sucessão de vidas bem preenchidas para atingir este estado de subtileza fluídica e de maturidade moral que lhes permitirão penetrar nas sociedades mais avançadas.

Daí resulta que se todas as almas terrestres fossem indistintamente chamadas a renascer no seio de sociedades superiores, estas seriam contaminadas, e o plano geral da evolução encontrar-se-ia alterado, inteiramente falseado.

Esta maneira de ver, este julgamento é confirmado pelas provas de numerosos pais e amigos defuntos com os quais me foi dado relacionar-me durante a minha longa carreira.

Objectar-nos-ão que não acontece o mesmo por toda a parte. Na Inglaterra e na América do Norte, diz-se, certos espíritos expressam dúvidas e negam a necessidade dos renascimentos terrestres. Esta contradição aparente é o principal argumento dos adversários do espiritismo kardecista.

Se examinamos a questão de perto, um facto aparecerá em primeiro lugar, é que todos estes espíritos opositores à ideia de reencarnação pertenciam, na terra, ao culto protestante. Sabe-se que esta forma do cristianismo dá aos seus adeptos uma educação religiosa particularmente forte e intensa, uma fé robusta cujas tendências e perspectivas se prolongam com tenacidade na vida do Além. O protestantismo ensina que na morte a alma é julgada de uma maneira definitiva e fixada para a eternidade no paraíso ou no inferno.

O Protestante não reza pelas almas dos defuntos, sendo o seu destino irrevogável. Doutrina rígida que retira à alma culpada toda a

possibilidade de reparação e tira a Deus o prestígio sublime da misericórdia e do perdão. Com ela, não há nenhum meio de regresso à terra. O catolicismo, pelo menos, pela noção do purgatório, abre uma saída ao resgate possível, e certos padres vêem nesta teoria uma aproximação eventual com o espiritismo, se a Igreja chegar a atenuar a sua intransigência e a reconhecer que o purgatório, este lugar de reparação, é a própria terra, pelo método dos renascimentos.

Pode-se pois explicar por preconceitos dogmáticos inveterados a oposição de certos espíritos, nos meios protestantes, à lei das reencarnações.

Mas, dir-nos-ão, dado que todo o passado está escrito em nós, na nossa consciência profunda, como o demonstram as experiências de exteriorização - a morte sendo a exteriorização completa e persistente - como podem estes espíritos enganar-se sobre a natureza deste passado e a forma do seu futuro?

Sim, sem dúvida, todo o passado está escrito em nós, como num livro, nos recessos escondidos da memória subconsciente. Mas assim como para ler num livro é necessário primeiro abri-lo, depois querer e aí saber, para explorar as profundezas do ser, é necessário um acto da vontade. É por este processo que o hipnotizador obtém do sujeito a reconstituição das suas existências passadas. Não nos acontece também a nós sermos obrigados a fazer um esforço mental, esforço repetido e prolongado, para recuperar na vida actual as lembranças adormecidas?

Muitas pessoas julgam que a morte é como um véu que se rasga e que uma luz viva se espraia imediatamente sobre todos os problemas que a elas se referem. Erro grave, porque é lentamente, por todo um trabalho interior, pelas observações, pelas comparações repetidas que a alma defunta se liberta pouco a pouco das rotinas, dos preconceitos, das falsas noções, que a educação terrestre nela acumulou. Ainda é necessário para isso a assistência, o concurso de espíritos mais avançados.

Mas, como nos diz Allan Kardec, o espírito, no seu regresso ao espaço, aí procura os grupos de almas em vibração harmónica com as suas próprias visões e os seus sentimentos, associa-se à sua vida espiritual e, desde logo, confinado neste ambiente específico, pode persistir muito tempo nos erros e nos hábitos comuns. Todos os espíritos conhecem este estado de alma que se revela nas comunicações de além-túmulo, e na sua procura por vezes das provas originais de identidade que não são despidas de interesse e de proveito do ponto de vista da demonstração da sobrevivência.

Durante as minhas experiências, encontrei às vezes espíritos desta natureza que não se recordavam de ter vivido várias vezes sobre o nosso globo, e que negavam veementemente os princípios das existências sucessivas. Convidava-os então a escavar nos recessos escondidos do seu subconsciente e a procurar os vestígios das suas vidas anteriores. Nas sessões seguintes vinham declarar-me que tinham reencontrado estes vestígios e podiam recuperar o fio dos seus múltiplos renascimentos. Observei que estes espíritos eram sobretudo de ordem inferior. Os seus antecedentes pouco brilhantes resumiam-se em séries de existências de paixão, de violência, de desordem, fontes de amargos arrependimentos no Além.

Longe de mim o pensamento de assimilar a estes espíritos atrasados os de origem anglo-saxónica, da qual falei mais acima. Aqueles possuem talvez riquezas escondidas, intelectuais e morais, cuja importância ignoram. Desafio os nossos amigos de além-mar a provocar neles investigações metódicas, uma análise aprofundada das suas faculdades e das suas lembranças. Então o encadeamento das suas existências terrestres reconstituir-se-á, e chegaremos assim à unidade de pontos de vista susceptíveis de dar à doutrina das vidas sucessivas toda a sua autoridade, toda a sua amplitude. Para isso, será suficiente pôr em acção esta alavanca incomparável: a vontade!

Observemos de resto que, desde há meio século, a crença na pluralidade das existências da alma sobre a terra não cessou de progredir nos Estados Unidos e na Inglaterra. Não contava, há cerca de trinta anos, com mais do que alguns representantes isolados, enquanto hoje, mesmo do ponto de vista dos espíritos ingleses, uma boa parte deles admite o regresso possível, por vezes necessário, da alma à terra.

Eis, sobre este assunto, a opinião de dois dos representantes, mais autorizados e mais ilustres, do pensamento espiritualista britânico formulado em obras recentes.

O professor Sir W. Barrett, da Universidade de Dublin, escrevia no seu livro: *No limiar do invisível*, páginas 214 e 215:

“Opôs-se à ideia de reencarnação o esquecimento total das nossas existências passadas, mas isto pode não ser senão um eclipse temporário. É possível que a lembrança das nossas vidas anteriores a nós retorne gradualmente durante os nossos progressos espirituais, à medida que atingimos uma vida mais longa, uma consciência mais vasta.»

E acrescenta uma citação do Sr. Massey, afirmativa e explicativa a respeito da reencarnação na terra: “A razão da reencarnação tem a sua

fonte na atracção que exerce no nosso mundo. Aquilo que nos trouxe aqui em baixo uma vez, nos fará ainda retornar sem dúvida enquanto o motivo que nos atrai não seja alterado. Só a regeneração, ou seja a renovação da nossa natureza, nos isenta da reencarnação.»

Nos seus estudos sobre os aspectos múltiplos da personalidade humana, Sir Barrett acrescentava (p.110):

“Os casos de invasão psíquica tornam compreensíveis as reencarnações carnis.»

Por seu lado, Sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, escreve na sua *Evolução biológica e espiritual do homem*, página 157:

“Pode-se admitir, em certos casos, a possibilidade das encarnações, não somente numa sucessão de indivíduos comuns, mas também de homens extraordinários.»

Ele crê na reencarnação fragmentária que lhe parece aplicável ao caso do Cristo.

Já Stainton Moses, *pseudónimo* Oxon, professor na Universidade de Oxford, que foi um dos instigadores mais considerados da ideia espiritualista no seu país, escrevia em seus *Ensinos espiritualistas*, página 51, as linhas seguintes, obtidas pela sua própria mediunidade:

“A criança (o ser humano) não pode adquirir o amor e a ciência senão pela educação adquirida numa nova vida terrestre. Tal experiência é necessária e numerosos espíritos escolhem um regresso à terra a fim de conquistar o que lhes falta.»

Frédéric Myers, na sua magistral obra: *Personalidade Humana*, capítulo X, exprime a mesma opinião, e diz na página 329:

“A doutrina da reencarnação não contém nada que seja contrário à razão e aos instintos mais elevados do homem.»

Retoma ainda (p. 407) o assunto sobre a evolução gradual (das almas) a numerosas etapas, “à qual é impossível atribuir um limite”.

Quanto à América do Norte, poderíamos citar inúmeras obras editadas neste país, que demonstram que a ideia reencarnacionista também abre aí o seu caminho, e que as mensagens de Espíritos que afirmam os renascimentos terrestres são cada vez mais frequentes, como se pode observar na maior parte das revistas espiritualistas de língua inglesa. O mesmo movimento de opinião salienta-se no acolhimento feito na tradução do meu livro: *o Problema do Ser e do Destino* pela Sra. Vilcox sob o título *Life and Destiny*, editado ao mesmo tempo em Londres e em Nova Iorque^[1].

[1] Nova Iorque, em B. Donan Company; Londres, em Gay, em Hancock.

É evidente que esta grande verdade foi durante muito tempo apagada pelo lento e surdo trabalho dos séculos, porque de cada vez que nós o afirmamos, defrontamo-nos com objecções que denotam um esquecimento completo.

Contudo, é necessário não perder de vista que esta doutrina continua viva no Oriente. No presente, das Índias ao Japão, oitenta milhões de Asiáticos conhecem e aceitam a lei dos renascimentos. Bramanes, Budistas, Shintoístas compartilham esta mesma crença, o que lhes assegura certa superioridade de vistas. O *Corão*, em vários *capítulos*, afirma também a reencarnação possível na terra de muitos adeptos do Profeta.

E sem procurar assim tão longe, entre nós e hoje em dia, longa seria a lista dos homens ilustres que partilharam esta crença, desde Victor Hugo, CH. Bonnet, Pierre Leroux, Jean Reynaud, até Mazzini e Flammarion. A maior parte não teve necessidade de provas experimentais. O uso da sua razão, liberta das rotinas de escola e dos sofismas, o quadro da vida desenrolando-se ao seu redor, chegaram-lhes para discernir as leis. Foram seduzidos pela beleza e pela grandeza desta evolução que faz do ser o artesão dos seus próprios destinos. A alma, pensavam, edifica ela própria o seu futuro através das vidas reencarnatórias, desenvolve as suas faculdades, a sua consciência pelo trabalho, pela prova, pela dor, tesoura divina que lhe empresta as suas mais belas formas. Ela purifica-se, eleva-se, penetra nos esplendores do universo, inicia-se nas suas leis e participa, na medida do seu poder crescente, na ordem e na harmonia universal.

Para estes precursores, como para nós, espíritas, esta divulgação, quer intuitiva, quer vinda do Alto, dissipou como um nevoeiro as hipóteses fantasistas e as negações estéreis. A vida e a morte mudaram de aspecto; esta é somente a transição necessária entre as duas formas alternantes da nossa existência, a visível e a invisível. A vida é a conquista das riquezas imperecíveis da alma, as forças radiantes e as qualidades morais que assegurarão a sua situação no Além, e preparar-lhe-ão melhores reencarnações na terra e nos outros mundos. Por isso, o pessimismo sombrio desvanece-se para dar lugar à confiança, à alegria de viver na tarefa bem realizada, na satisfação do dever cumprido com

as perspectivas de um futuro sem limites e a ascensão gradual e radiosa de círculos em círculos, esferas em esferas para a fonte divina.

Ora, o que tanto as religiões ensinaram e ensinam ainda, o que tantos pensadores antigos e modernos discerniram pela reflexão profunda, o espiritismo vem demonstrá-lo experimentalmente. Não somente tem a favor dele o testemunho universal do mundo dos Espíritos, que chega de todos os pontos do globo e sobre o qual falaremos mais adiante, como também já reuniu todo um conjunto de factos convincentes do qual vamos citar alguns. Observem primeiro que num ser suficientemente evoluído, quando o estado normal consciente e o estado subconsciente estão em equilíbrio, ou seja atingindo uma estabilidade perfeita, quando o referido ser se liberta dos ambientes materiais, ele pode recordar-se das suas precedências e perceber em intuições profundas, suscitadas pelos espíritos desencarnados, a forma das suas vidas passadas.

Daí as reminiscências de certos homens célebres, o reconhecimento dos lugares onde viveram. Por exemplo, foi o caso de Lamartine na sua viagem ao Oriente, de Mery pela Índia e a Florida, e de tanto outros fenómenos análogos que poderíamos citar.

Mencionemos os testemunhos publicados por certas revistas inglesas relativas às crianças indianas que, durante o período de crescimento, no decurso do qual, estando completa a incorporação da alma, conservam o uso da sua memória subconsciente e a recordação das suas precedências[1]. Casos análogos não são raros no Ocidente, mas não se lhes presta atenção, atribuindo muitas vezes erradamente os relatos das crianças ao imaginário infantil.

Por vezes pediram-me que justificasse as razões para crer nas minhas vidas anteriores e que indicasse as provas pessoais que possuo. Para isso, basta-me mergulhar em mim mesmo, e, nas horas de calma e de silêncio, interrogar as camadas profundas da minha memória para aí reencontrar certos vestígios do meu passado. Se me entrego a uma análise severa, rigorosa, do meu carácter, dos meus gostos, das minhas faculdades, reconstituo o encadeamento das causas e dos efeitos por meio dos quais se edificou a minha personalidade, o meu eu consciente através das épocas.

O detalhe dos acontecimentos foi-me comunicado pelos meus guias, pois a minha clarividência não chega a tanto. É precisamente este severo exame interior que serve de verificação e de controlo, porque aí eu encontro a confirmação e a prova da exactidão das revelações feitas e

que comportam nomes, datas, identidades, recolhidas nas minhas investigações bibliográficas.

- [1] Ver, designadamente, a pesquisa ordenada por Maharadjah de Bhartpur e confiada ao doutor Rao Bahadur que a conduziu com uma perfeita consciência científica. A revista *Kâlpaka* publica 4 casos circunstanciados e detalhados de reminiscências de vidas passadas em crianças (de acordo com a *Revista metapsíquica* de Paris, julho-agosto de 1924).

Nesta ordem de estudos, o que não se pode obter no estado de vigília, pode-se provocá-lo pela exteriorização completa do eu no estado hipnótico, e que eu frequentemente pude realizar com a minha excelente médium a Sra. Forjet. Sob a influência magnética do guia, ela reconstituía as suas personalidades anteriores com as atitudes, uma linguagem, todo um conjunto de detalhes que lhe teria sido impossível imaginar. Contudo é preciso observar que os resultados obtidos, pela sua natureza íntima, apenas podem interessar e convencer os experimentadores.

Mas raros são os homens do nosso tempo que se entregam a estes exames. A sua vida é inteiramente exterior, e eles ignoram os recursos escondidos da alma. Há aí toda uma psicologia misteriosa que é necessário explorar com uma extrema prudência, e que reserva aos investigadores avisados grandes surpresas.

As experiências realizadas pelo coronel de Rochas, administrador da Escola Politécnica, e relatadas no seu livro: *As Vidas sucessivas*, foram contestadas; contudo erraríamos se as rejeitássemos em bloco, porque, se em certos casos a fraude foi evidente, outras apresentavam um aspecto de real sinceridade. Tal parece ser o caso de Joséphine, jovem mulher de Voiron (Isère) que, adormecida pelo Coronel, se reencontrava na sua personalidade anterior de Claude Bourdon, habitando outrora uma aldeia da província de Ain, onde o assunto nunca tinha sido falado. Aí foi encontrada a prova de nascimento no registo da paróquia. Este facto vinha acompanhado de uma multiplicidade de detalhes curiosos, constituindo no seu conjunto bons elementos de autenticidade.

Pode juntar-se a este caso o de Mayo, uma jovem de Aix-en-Provence que, se entrando nas suas personalidades anteriores, revivia as cenas trágicas das suas existências. Por exemplo, o estado de gravidez e a asfixia por imersão foram constatados pelo doutor Bertrand, presidente da câmara municipal de Aix, convencido que estes estados não podiam ser simulados por uma pessoa de 18 anos. É necessário ver aí, como

alguns pensam, a divulgação de uma lei fisiológica pouco conhecida, uma correlação do físico e do mental que abre o caminho a investigações de uma nova ordem, a descobertas biológicas de uma importância fundamental? Seja como for, estes factos vêm confirmar as nossas asserções a respeito do poder do pensamento sobre os fluídos e sobre a própria matéria concreta.

Um fenómeno mais complexo ainda pela variedade das formas que engloba, é a reencarnação, na mesma família, da pequena Alexandrina, filha do doutor Samona de Palermo, retornada uma segunda vez após uma morte prematura. Reencontram-se nela todas as particularidades morais e físicas muito características da sua curta vida precedente. Alexandrina conta várias lembranças desta existência, por exemplo uma excursão em Montreal, onde encontrou padres gregos vestidos de vermelho, o que é pouco comum na Sicília.

Este segundo nascimento anunciado de antemão por manifestações de espíritos, embora considerado pelos pais como impossível e atribuído a causas patológicas, realizou-se no dia previsto. Estes factos apoiam-se em toda uma série de provas de testemunhas e de amigos, relatando todas as fases deste fenómeno.

Hoje, Alexandrina tem 13 anos, escreveu G. Delanne na sua última obra^[1] e pode-se seguir nela todo o desenvolvimento das premissas indicadas pelos Espíritos.

Não podemos enumerar aqui todos os casos de reencarnação anunciados antecipadamente, todos os fenómenos de reminiscência das vidas anteriores nas crianças e nos adultos, e os que estão relacionados com a regressão hipnótica das recordações.

[1] Ver G. DELANNE, *Documentos para servir ao estudo da reencarnação*.

Mas independentemente dos factos de ordem experimental, à nossa volta, quantas anomalias somente se explicam pela noção das anterioridades; em muitos rostos poderíamos ler a demonstração. Estas mulheres de formas pesadas, de gestos masculinos, estes homens de maneiras efeminadas, como todos conhecemos, não são espíritos que mudaram de sexo ao reencarnar-se? No seio do povo, apesar da lei da hereditariedade, todas essas inteligências, esses talentos, ou rasgos de génio, que surgem entre famílias, mais materiais e grosseiras, não são a manifestação de aprendizados e de aptidões anteriores? O mesmo

problema se coloca a essas naturezas delicadas e refinadas, procedentes de seres frustrados e pouco evoluídos.

Em contrapartida, nos tais anarquistas, instigadores de greves, ávidos de perturbação e desordem, não se reconhece antigos burgueses egoístas, condenados a reaparecer entre aqueles que exploravam outrora e a quem um vago instinto torna a sua nova situação insuportável? E quantos outros contrastes, de bizarras aparentemente inexplicáveis, se iluminam pela lei dos renascimentos. Pode-se reencontrar César em Napoleão, Virgílio em Lamartine, Vercingétorix em Desaix. Certos Espíritos acrescentam mesmo: Pompée* em Mussolini. São individualidades que reaparecem na sequência dos séculos de modo que se pode reconhecê-las pela originalidade de caracteres que se desenham com a nitidez de uma esfinge, como o perfil de uma medalha antiga.

**Pompée (Cnaeus Pompeius Magnus) foi um general e um homem do estado romano. Nascido no ano 106 A.C. no Picenum, em Itália, faleceu no ano 48 A.C. em Pelusia, perto de Alexandria, no Egito. Desposou Júlia, filha de Júlio César. Nota de tradução*

Mas não insistamos, porque estas comparações poderiam ser a fonte de numerosos abusos. Dada esta hipertrofia do eu, que é uma doença tão expandida, muitas pessoas seriam tentadas a ver em si a reencarnação de alguma celebridade de antigamente.

A cada renascimento, o véu da carne recai sobre a memória subconsciente, a amálgama das lembranças mergulha no mais profundo do ser. Exceptuam-se apenas certos casos de crianças e de personagens evoluídos que podem exteriorizar as suas faculdades psíquicas, como observámos anteriormente. Mas para a generalidade dos humanos, o esquecimento das vidas anteriores é uma regra, e é talvez um benefício da natureza, porque, nos mundos inferiores e atrasados como o que habitamos, o panorama das vidas primárias está longe de ser reconfortante para a alma, demasiado preenchido de angústias, de impressões dolorosas e humilhantes, de arrependimentos supérfluos cuja intensidade paralisaria muitas vezes a nossa acção, enfraqueceria a nossa iniciativa enquanto que retornamos aqui em baixo para reparar e para evoluir. O detalhe dos acontecimentos torna-se inútil e o que importa é conhecer a grande lei que religa toda as nossas existências e as torna solidárias umas com as outras.

Esta concepção palingenésica parece-nos oferecer o remédio indispensável ao estado de espírito de muitos dos nossos contemporâneos. Com efeito, um vento de pessimismo sopra em certos momentos no nosso país. Chega-se até a duvidar do futuro da França, a possibilidade do seu desenvolvimento, semeando assim o desânimo nas almas. Este pessimismo é o fruto mórbido do cepticismo materialista que corrói, desde há um século, a sociedade contemporânea. A nossa literatura transporta em parte essa responsabilidade. Escreve-se muito na nossa época, mas, entre os autores, a maior parte não sente que é uma honra temível falar às multidões ignorantes e impressionáveis. Estes escritores não parecem conhecer nada deste vasto mundo invisível que nos envolve e nos domina, nada destas imensas reservas de forças e de almas que, pela reencarnação, vêm incessantemente alimentar, manter e renovar as correntes da vida humana. É por isso que este estudo da Reencarnação se impõe, porque sem ela, não se pode resolver nenhum dos problemas que respeitam à existência e à evolução dos seres e das sociedades.

Consoante os elementos que a reencarnação nos traz, o nível moral decresce ou se eleva. Quando conduz ao nosso globo os contingentes dos mundos inferiores, a perturbação acentua-se e a humanidade parece recuar. Mas, é também através dela que, nas horas de aflição, individualidades poderosas podem surgir para dirigir por vias mais seguras os passos hesitantes da caravana em marcha.

É isso o que se produz neste momento no nosso país. Espíritos evoluídos e outros de uma ordem elevada tomam o seu lugar, através dos renascimentos, num objectivo de regeneração. Este movimento vai prosseguir, dizem os nossos Instrutores invisíveis, e, numa vintena de anos, poder-se-á assistir a um movimento de renovação por parte dos povos Ocidentais e particularmente da França. [D1]

Nada é por conseguinte desesperado. Os sombrios prognósticos, os julgamentos pessimistas, os temores, os alarmes provêm de uma concepção insuficiente da existência à qual uma ciência rotineira impõe os limites restritos da nossa curta duração e do nosso pequeno globo, enquanto que na realidade, a vida possui recursos infinitos, dado que ela se desenrola no seio dos espaços donde inspira, estimula e fecunda a vida terrestre.

Se a nossa literatura, a nossa filosofia, a nossa política, continuassem a inspirar-se nas regras de uma ciência estreita e envelhecida, se uma compreensão geral da vida evolutiva e das suas leis não viesse penetrar,

impregnar, transformar a alma humana, haveria menos esperança de ver alterar-se a situação moral e social do nosso país. É sobretudo a noção de uma vida única que tudo alterou, tudo obscureceu, e tornou incompreensíveis a evolução do ser e a justiça de Deus. Se a vida terrestre fosse também restrita, os nossos estudos, os nossos progressos ficariam perdidos, para o indivíduo e para a humanidade, enquanto, que pela reencarnação, tudo se perpetua, tudo se renova. Trabalhamos para todos, e trabalhando para todos trabalhamos para nós mesmos. Assim, nada se perde, os indivíduos e as gerações são solidários entre si, solidários através dos séculos.

Comentário (D1) : Página: 82 SIC!

*

* *

Pela exposição precedente, pode-se ver que todas as grandes correntes do pensamento antigo filosófico e religioso, no tocante aos elevados destinos da alma, após vicissitudes seculares despertam, sintetizam-se e fundem-se no espiritualismo moderno sob a forma da lei da evolução pelas vidas reencarnatórias.

Todas as grandes religiões do Oriente, incluindo o cristianismo esotérico, a filosofia platónica e os princípios da escola de Alexandria reencontram-se nele para aí recuperarem a tradição sagrada do Ocidente, a dos nossos antepassados, os Celtas. Uma grande revolução se produz nos nossos pensamentos dos quais não podemos avaliar a importância, mas cujos efeitos vão reflectir-se através dos séculos. Esta obra de síntese, que representa a fé elevada, a fé superior da humanidade em ascensão, não podia realizar-se no seio das religiões actuais, mas somente fora delas e pela ciência.

O Catolicismo perdeu de vista a sua missão salvadora e regenerativa. Por interpretações capciosas, desnaturou a doutrina pura do Cristo, sobretudo no que toca ao futuro do homem e à justiça de Deus. E contudo, é entre os seus adeptos que se espalha mais facilmente a noção da pluralidade das existências. Porque já o referimos, o purgatório, muito mal definido pela Igreja, poderia muito bem conciliar-se com o resgate das faltas do passado por meio das vidas de provações. O protestantismo, pelo seu lado, suprimindo a noção do purgatório, tinha fechado qualquer saída ao princípio das vidas reencarnatórias.

Não era dolorosa, angustiante mesmo sob alguns ângulos, esta constatação: após tanto séculos de civilização, a incerteza pesando ainda sobre o problema do destino humano? A luz que brilhou desde os primeiros tempos da nossa história, tinha esmaecido. Parecia que o homem, afastando-se da natureza e das suas origens, ia mergulhar na escuridão. É somente hoje, graças aos trabalhos de alguns pensadores ardentes, que os primeiros alvares de uma nova aurora vêm aflorar a alma céltica adormecida.

Para todos os que consideravam a variedade e a desigualdade das condições humanas, quer do ponto de vista das diferenças de raças, de cultura, de civilização, quer no que se refere à duração das existências, o enigma da vida continuava a ser indecifrável; mas eis que, pela sucessão das existências da alma, tudo se encadeia e se harmoniza numa lógica rigorosa.

O terrível problema da dor encontra também aí a sua solução, e explica-se melhor porque certos seres conhecem o sofrimento a partir do berço e o sofrem até ao túmulo.

Todas as vidas obscuras, atormentadas, dolorosas, funcionam como cadinhos onde a alma se liberta das suas impurezas, onde a raiva se consome, onde as paixões do mal, por uma divina alquimia, se transformam pouco a pouco em paixões pelo bem.

Sem dúvida, o progresso não é sempre sensível, e a alma muitas vezes revolta-se perante o sofrimento, mas quando o tempo de prova passou, constata-se que não foi estéril e que a alma dele beneficiou.

É assim com o problema do mal que no seu conjunto é apenas um dos aspectos da mesma questão. Este problema que suscitou tantas discussões estereis era resolvido facilmente pelos Druidas: Deus dá ao homem uma parte de liberdade proporcional ao seu grau de evolução, e a liberdade humana deu à luz o mal. A primeira Tríade enuncia entre as três unidades primitivas “o ponto de liberdade onde se equilibram todas as oposições”.

Deus não teria podido suprimir o mal sem suprimir a liberdade, o que teria falseado inteiramente a lei de evolução, e com ela o princípio vital, a própria razão do universo. O livre arbítrio assegura o papel da livre iniciativa, da vontade donde derivam os méritos necessários para adquirir os bens espirituais, objectivo supremo da evolução. O ser pelos seus esforços deve conquistar na sequência dos tempos a sabedoria, a ciência, o génio, e por eles a felicidade, ou seja tudo o que faz a

grandeza, a beleza da vida, porque o homem não aprecia verdadeiramente, não ama senão o que adquire por si mesmo.

Se o mal parece dominar sobre a terra, é que esta constitui um degrau interior da escala dos mundos, e que a maior parte dos seus habitantes são espíritos jovens, ainda ignorantes, propensos às paixões. Mas à medida que se ascende na grande escala cósmica, o mal atenua-se pouco a pouco, seguidamente desvanece, e o bem realiza-se em virtude da própria lei geral de evolução.

Desta lei, vamos expor as suas regras e o seu objectivo através das *Triades* sob a sua forma concisa no que concerne ao *Abred* o círculo das transmigrações, e *Gwynfyd* o círculo das vidas celestes. As *Triades de 1 a 14* foram reproduzidas no capítulo V, as que se seguem, da 15 até à 45, são o seu complemento. As *Triades* em falta figuram nos pontos essenciais desta obra, onde encontram a sua aplicação.

Abred: 15. Há três espécies de necessidades no *Abred*: o menor de toda a vida, e desde aí o início. A substância de cada coisa, e a partir daí o crescimento, o qual não pode operar-se num outro estado. A formação de cada coisa a partir da morte, e daí a debilidade da vida.

16. As três coisas que só se podem executar pela justiça de Deus: Sofrer tudo em *Abred*, porque sem isso não se pode adquirir uma ciência completa de nenhuma coisa. Obter uma parte no amor de Deus. Chegar pelo poder de Deus ao cumprimento do que é mais justo e mais misericordioso.

17. As três causas principais da necessidade de *Abred*: Recolher a substância de todas as coisas. Recolher o conhecimento de todas as coisas. Recolher a força moral para triunfar de toda a adversidade e do princípio de destruição e para se despir do mal. E sem elas, na travessia de cada estado de vida, não há nem vivo nem forma que possa atingir a plenitude.

20. As três necessidades de *Abred*: o desregramento, porque não pode ser doutra maneira. A libertação pela morte perante o mal e a corrupção. O crescimento da vida e do bem pelo exame do mal libertando-se da morte. E isso pelo amor de Deus respeitando todas as coisas.

21. Os três meios de Deus em *Abred* para triunfar do mal e do princípio de destruição evadindo-se perante deles em *Gwynfyd*: A necessidade, o esquecimento, a morte.

22. As três primeiras coisas simultaneamente criadas: O homem, a liberdade, a luz.

23. Três necessidades do homem: sofrer, renovar-se (progredir), escolher. E pelo poder que dá a última, não se pode conhecer as outras duas antes do seu termo.

24. Três alternativas do homem: Abred e Gwynfyd, necessidade e liberdade, mal e bem, todas as coisas estando em equilíbrio e o homem tendo o poder de se ligar a uma ou a outra, consoante a sua vontade.

26. Por três coisas se cai em Abred, necessariamente, ainda que, por outro lado, se fique preso ao que é bom: Pelo orgulho, ao longo de Annoufn. Pela falsidade, ao longo de Gabien. Pela crueldade, ao longo de Kenmil, e regressa-se outra vez à humanidade como anteriormente.

27. Três causas justificativas do estado de humanidade: Adquirir primeiro a ciência, o amor e a força moral antes que a morte ocorra. E só se pode fazê-lo pela liberdade e pela escolha, por conseguinte não antes do estado de humanidade. Estas três coisas são chamadas as três vitórias.

28. Três vitórias sobre o mal e sobre o espírito mau: ciência, amor, poder, porque a verdade, a vontade e o poder realizam pela união da sua força tudo o que desejam, começam no estado de humanidade e duram a partir daí eternamente.

29. Três privilégios do estado de humanidade: o equilíbrio do mal e do bem, e daí a comparação. A liberdade da escolha, e daí o julgamento e a preferência. O início do poder que deriva do julgamento e da escolha, e são necessários antes de realizar seja o que for.

Gwynfyd: 30. Três diferenças necessárias entre o homem, qualquer outra criatura e Deus: O limite do homem enquanto não se souber encontrar a Deus. O começo do homem enquanto não se souber encontrar a Deus. As renovações (progressos) necessárias do homem no círculo de Gwynfyd, pelo facto de que ele não pode suportar a eternidade de Ceugant enquanto que Deus suporta qualquer estado com felicidade.

31. Três formas supremas do estado de Gwynfyd: Sem mal, sem necessidade, sem fim.

32. Três restituições do círculo de Gwynfyd: O génio primitivo. O amor primitivo. A memória primitiva, porque sem isso não há qualquer felicidade.

33. Três diferenças entre tudo o que vive e os outros vivos: O génio. A memória. O conhecimento, ou seja que todos três estão cheios em cada um e não pode ser-lhe comum com um outro vivo, cada um à sua medida, e não pode haver aí duas plenitudes de nenhuma coisa.

34. Três dons de Deus em todo o vivente: A plenitude da sua raça. A consciência da sua humanidade. A libertação do seu génio primitivo relativamente ao outro, e por isso cada um difere dos outros.

35. Pela compreensão de três coisas diminui-se o mal e a morte e triunfa-se: A da sua natureza. A da sua causa. A da sua acção. E encontramos-los no Gwynfyd.

36. Três fundamentos da ciência: a renovação da travessia de cada estado de vida. A lembrança de cada transmigração e dos seus incidentes. O poder de atravessar cada estado de vida para experiência e julgamento, e isso encontra-se no círculo de Gwynfyd.

37. Três distinções de todo o que vive no círculo de Gwynfyd: A inclinação (ou vocação). A posse (ou privilégio), e o génio, e dois vivos não podem ser originalmente semelhantes em nada, porque cada um está completo no que o distingue e nada está completo sem que tenha a sua medida inteira.

38. Três coisas impossíveis, excepto a Deus: Suportar a eternidade de Ceugant. Participar em toda a condição sem se renovar. Melhorar e renovar qualquer coisa sem fazê-lo com perda (à sua custa).

39. Três coisas que não desaparecerão nunca devido à necessidade do seu poder: A forma do ser. A substância do ser. O valor do ser, porque pela libertação do mal elas estarão eternamente quer vivas, quer inanimadas, nos diversos estados do belo e do bem no círculo de Gwynfyd.

40. Três bens supremos que resultam das renovações da condição humana no Gwynfyd: A instrução. A beleza. O descanso pela sua incapacidade em suportar Ceugant e a sua eternidade.

41. Três coisas em crescimento: O fogo ou a luz. A inteligência (ou a consciência) ou a verdade. A alma ou a vida. Elas triunfam de tudo e chega ao fim o Abred.

42. Três coisas em decréscimo: A obscuridade. A mentira. A morte.

43. Três coisas reforçam-se de dia para dia, porque a maior soma de esforços vai incessantemente para elas: O amor. A ciência. Toda a justiça.

44. Três coisas enfraquecem-se a cada dia, porque a maior soma de esforços vai contra elas: O ódio. A deslealdade. A ignorância!

45. As três plenitudes da felicidade de Gwynfyd: Participar de toda a qualidade com uma perfeição principal. Possuir toda a espécie de génio com um génio proeminente. Abraçar todos os seres num mesmo amor

com um amor em primeira linha, conhecer o amor de Deus, e é nisso que consiste a plenitude do céu e de Gwynfyd.

(Tradução do gaélico de Llevelyn Sion.)

Vêmo-lo, pela sua forma concisa e pelo seu sentido profundo, estas Tríades constituem-se uma obra original e poderosa que não pode ser considerada como a invenção de pensadores isolados, mas antes como a expressão sintética do génio de uma raça inteira. Elas ligam-se a verdades de ordem eterna, e talvez fosse necessária a incubação dos séculos para tornar compreensível todo o seu alcance. Elas emergem da sombra numa hora histórica em que o ideal se enfraquece para devolver ao nosso país a fé em si mesmo, a confiança no seu destino, e poder tornar-se assim o instrumento de uma civilização mais elevada, mais nobre, mais digna.

*

* *

A lei das reencarnações, este regresso das almas à terra, suscita objecções às quais é necessário responder, temores que importa dissipar. Entre aqueles que se interrogam, uns temem não mais reencontrar no além os seres que amaram na terra. Questiona-se se, em virtude desta lei, seremos separados dos membros actuais das nossas famílias e obrigados a prosseguir isoladamente a nossa lenta e penosa evolução. Outros ficam assustados com a perspectiva de retomar a tarefa terrestre, após uma vida laboriosa semeada de provas e de males. Apressemos-nos a tranquilizá-los!

A reencarnação é rápida, a estadia do espírito no espaço é de curta duração, apenas nos casos de crianças falecidas com pouca idade. Tendo falhado a sua tentativa para reaparecer sobre a cena terrestre - quase sempre por causas fisiológicas devidas à mãe - esta tentativa será renovada logo que as condições favoráveis se apresentem no mesmo meio. Caso contrário, o espírito reencarnará na proximidade do seu meio, ou seja junto de pais ou amigos, de forma a permanecer em contacto com aqueles que escolheu em virtude de uma atracção resultante de laços anteriores, de forças afectivas que constituem uma certa afinidade fluídica.

Os Espíritos formam famílias numerosas cujos membros se seguem através das suas múltiplas reencarnações. Enquanto que uns prosseguem no plano material a sua educação, a sua evolução, os outros permanecem

no espaço para protegê-los na medida das suas possibilidades, apoiá-los, inspirá-los, esperá-los, afim de os receber no término da vida terrestre. Mais tarde, estes renascerão na vida humana e, por sua vez, de protectores tornar-se-ão protegidos. A duração da estadia no espaço é muito variável, e, consoante o grau de evolução, pode abranger vários séculos ou durar apenas algumas dezenas de anos para os Espíritos desejosos de progredir.

Há sempre correlação entre a vida terrestre e a do espaço. A família visível continua ligada à família invisível, mesmo sem o seu conhecimento. As afeições, os sentimentos provenientes de laços estabelecidos no decurso das existências sucessivas, transmitem-se de um plano ao outro com tanto mais intensidade quanto o estado vibratório dos seres que compõem estas famílias for mais subtil. A união perfeita que reina em certas famílias explica-se por numerosas vidas em comum. Os seus membros reaproximaram-se por uma atracção espiritual, pela semelhança dos pensamentos, dos gostos e das aspirações do mesmo tipo e isso acontece em diversos graus.

É fácil reconhecer numa família aquele que aí se encarna por excepção e pela primeira vez, quer para aí se aperfeiçoar intelectual e moralmente ao contacto de seres mais avançados, quer, pelo contrário, para servir de exemplo, modelo, instrutor a espíritos atrasados, e, ao mesmo tempo, para ajudá-los a suportar as provas que o destino lhes reserva, o que se torna uma missão, uma tarefa meritória. Em certos casos, o contraste é tão impressionante entre os caracteres, a maneira de pensar e agir, tão impressionante que pessoas não iniciadas proferem este julgamento: Aquela não é da família, poder-se-ia crer que foi trocado no berço!

A partir da vida do espaço, compromissos são assumidos entre certos Espíritos para se reencarnarem nos mesmos meios para aí prosseguirem uma evolução conjunta. Outras almas evoluídas aceitam o papel penoso de descer nos lares materiais para aí dissiparem, pelas suas radiações, os elementos grosseiros que dominam nestes ambientes, e este acto de abnegação será para elas um novo meio de adiantamento.

Questionam-nos acerca das diferenças de raças e as suas relações com a evolução. Os Espíritos dizem, sobre este assunto, que cada região do globo atrai do espaço, fluidos em harmonia com os eflúvios que se libertam do solo. Resulta daí que os Espíritos que renascem nestas regiões terão gostos, aspirações diferentes. Por exemplo, os negros receberão fluidos próprios para desenvolver a sua vitalidade física,

porque o seu espírito primitivo tem necessidade de sentir-se num corpo sólido.

Quanto aos Orientais, por exemplo os Japoneses, a evolução terrestre está mais adiantada, os corpos são pequenos, a sensibilidade mais desenvolvida, a percepção do além mais nítida. O misticismo nasceu. O pèrisprito do Japonês, de uma grande subtilidade, vibrará mais fortemente que o do Senegalês.

No que respeita aos Ocidentais, em geral, a evolução nem sempre foi uniforme. Variou consoante os países. Os montanhese e os marinheiros, sob formas mais rudes, guardaram um certo fundo de idealismo ou um espírito religioso. Representam dois tipos humanos cujas aspirações se relacionam mais directamente com o mundo superior, porque eles comungam com a natureza.

Não é de estranhar se um Espírito, na sua curta evolução, experimenta às vezes a necessidade de mudar de meio para adquirir as qualidades ou os conhecimentos que ainda lhe faltam. Mas, estes mesmos seres, regressados ao espaço, aí recuperam rapidamente os elementos espirituais dos quais se tinham afastado por algum tempo e de que sentem saudades. Já, no sono, o ser encarnado aproxima-se dos seus amigos do espaço e revive por alguns momentos a sua vida passada, mas, ao despertar, esta impressão apaga-se, porque ela seria de natureza perturbadora e inibidora do seu livre arbítrio.

Se nos afastamos, por um tempo, da nossa família terrestre, não se abandona nunca a família espiritual, e, assim que a família humana evoluiu e que chegou a um plano fluídico superior, a acção inversa produzir-se-á, e, é ela por sua vez, que atrairá no espaço o espírito menos avançado. A lei da evolução do ser através das suas vidas reencarnatórias é admirável, mas dela, a inteligência humana apenas pode entrever um pálido reflexo.

Os ensinamentos contidos nestas páginas não são uma obra de imaginação. Emanam de mensagens de espíritos obtidas por todos os processos mediúnicos e recolhidas em todos os países. Até agora, não tínhamos sobre as condições da vida no além senão hipóteses humanas, quer filosóficas, quer religiosas. Hoje, os que vivem esta vida eles próprios a descrevem e nos explicam as leis da reencarnação. Com efeito, o que significam algumas excepções assinaladas nos meios anglo-saxões, e cujo número se restringe a cada dia na presença da quantidade enorme de documentos, de testemunhos concordantes recolhidos desde a América do Sul até às Índias e ao Japão?

Não é mais, como no passado, um pensador isolado ou mesmo um grupo de pensadores, que vem mostrar à humanidade o caminho que ele crê verdadeiro; é todo o mundo invisível que se mobiliza e esforça para arrancar o pensamento humano às suas rotinas, aos seus erros, e revelá-lo, como no tempo dos druidas, a lei divina da evolução. São os nossos próprios pais e amigos falecidos que nos expõem a sua situação, boa ou má, e a consequência dos seus actos no decurso de diálogos ricos em provas de identidades.

Possuo sete grossos volumes de comunicações recebidas no grupo que dirigi durante muito tempo e que respondem a todas as questões que a inquietude humana coloca à sabedoria dos invisíveis. Os Espíritos guias instruíam-nos através de médiuns diversos que nem sempre se conheciam entre si, e sobretudo por senhoras pouco letradas, empanturradas de preconceitos católicos e pouco atraídas pela doutrina das reencarnações. Ora, todos os que, desde então, consultaram estes arquivos, ficaram impressionados pela beleza do estilo, bem como pela profundidade das ideias emitidas.

Talvez estas mensagens sejam publicadas um dia. Então, ver-se-á que, nas minhas obras, não me inspirei apenas nas minhas próprias opiniões, mas sobretudo nas do além. Reconhecer-se-á, sob a variedade das formas, uma grande unidade de princípios e uma perfeita analogia com os ensinamentos obtidos dos Espíritos guias em todos os meios, e nos quais Allan Kardec se inspirou para traçar as grandes linhas da sua doutrina.

Desde a guerra, os nossos Instrutores continuaram a manifestar-se por diferentes meios. Através destes diversos organismos, a personalidade de cada um deles afirmou-se pelo seu carácter peculiar, por uma originalidade distinta, em suma, de maneira a afastar qualquer possibilidade de simulação. Pode-se seguir ano após ano, na *Revista Espírita*, a quinta-essência dos ensinamentos que nos foram dados sobre assuntos sempre substanciais e elevados.

Mais tarde, perto do Congresso de 1925, foi o próprio grande Iniciador que veio certificar-nos com a sua contribuição e iluminar-nos com os seus conselhos. Ainda hoje é ele, é Allan Kardec que nos incita a publicar este estudo sobre a Reencarnação.

*

* *

Até agora não insistimos muito no principal argumento que se evoca contra a doutrina das pré-existências, ou seja o esquecimento das vidas anteriores. Este argumento foi contestado em detalhe em quase todas as nossas obras^[1]. Este esquecimento, vimo-lo, não é tão geral como se pretende e se a maior parte dos homens se entregasse a um estudo atento da sua própria psicologia, encontraria facilmente vestígios das suas vidas passadas.

Assim como o demonstra o Sr. Bergson no seu belo livro *a Evolução criadora*, este argumento não é conclusivo. A partir da vida actual, e sobretudo no estado de sonambulismo, oposto ao estado normal, produz-se eclipses de memória que tornam compreensível o apagamento das lembranças remotas. Todos os espíritos sabem que este esquecimento do nosso passado é apenas temporário e accidental.

Por pouco evoluído que o espírito seja, a lembrança integral reconstituir-se-á no além e mesmo no decurso desta existência, durante o sono. No estado de libertação poderá recuperar o encadeamento das causas e dos efeitos que forma a trama do seu destino. É apenas no período de luta material que a recordação se apaga, precisamente para deixar-nos na plenitude do nosso livre arbítrio, indispensável para superar as dificuldades, as provas terrestres e disso recolher todos os frutos.

Em suma, o esquecimento das vidas passadas deve ser considerado como um benefício para a maioria das almas humanas no ponto pouco elevado da sua evolução. A lembrança seria frequentemente para ela inseparável de divulgações que humilham e lamentações ardentes como queimaduras. Em vez de se hipnotizar num mau passado, é em direcção ao futuro que convém fixar o objectivo dos nossos esforços e o impulso das nossas faculdades.

[1] Ver designadamente: *Após a Morte, Cristianismo e Espiritismo*, e o *Problema do ser*.

O provérbio não diz que ao colocar a mão no arado não se deve olhar para trás? Com efeito, para traçar direito o seu sulco, ou seja para enfrentar e prosseguir o combate da vida com alguma vantagem, não é necessário ser obsidiado pelo cortejo das más lembranças.

É somente mais tarde, na vida do espaço, e sobretudo nos planos superiores da evolução, que a alma humana, liberta do jugo da carne,

despojada do pesado capuz da matéria que restringe as suas percepções, pode abarcar sem falhas, sem vertigem, o vasto panorama das suas existências planetárias. Então ela adquiriu a maturidade necessária para discernir, pela sua razão e pelo seu saber, o laço que as liga a todas, os resultados recolhidos, extraindo os ensinamentos que comportam. É o que diz a Tríade 19:

Há três primeiras necessidades antes de atingir a plenitude da ciência: Atravessar *Abred*, atravessar *Gwynfyd*, recordar-se de toda a coisa até *Annoufn*.

Tal é o julgamento específico, o inventário moral da alma evoluída que, na sequência das suas existências, passa em revista a longa sequência das suas etapas através dos mundos. Na sua sensibilidade acrescida, na sua experiência, na sua sabedoria, na sua razão ampliadas, ela julga do alto todas as coisas. E nas suas lembranças, de acordo com a sua natureza, reencontra causas de alegria, ou de sofrimento. A sua consciência refinada varre os mínimos recessos da sua memória profunda. Transformada em árbitro infalível, ela sentencia sem apelo, aprova ou condena, e às vezes, a título de reparação, sob a inspiração divina, ela decide e impõe-se os renascimentos sobre os mundos da matéria e da dor, é o que atesta a Tríade 18: Três calamidades primitivas de *Abred*: a necessidade, o esquecimento, a morte.

*

* *

Terminando este capítulo insistiremos ainda na importância do movimento espiritualista actual que não é na realidade senão o despertar das tradições da nossa raça céltica. Para tornar a sua vida cheia, inteira, fértil, todo o homem deve compreender-lhe o sentido profundo e discernir o seu fim, porque, quer pela reflexão, quer por uma espécie de instinto, é a ideia que dela faz que domina toda a sua existência, inspira os seus actos, orienta-os para objectivos baixos ou elevados.

Resulta daqui que esta noção essencial deveria ter lugar em toda a educação humana, mas nem a escola, nem a Igreja, nos dão sobre este assunto capital indicações nítidas e precisas. Daí derivam, em grande parte, a perturbação moral e a confusão de ideias que reinam na nossa sociedade.

Se conhecêssemos todos a regra soberana dos seres e das coisas, a lei e a consequência dos actos, a sua repercussão sobre o destino, se nós

soubéssemos que se colhe sempre o que se semeou, as reformas sociais seriam mais fáceis e a face do mundo rapidamente seria alterada. Mas a maior parte dos homens absorvidos pelas tarefas, preocupações materiais, privados dos lazeres necessários para cultivar a sua inteligência e o seu coração, percorre a vida como através de um nevoeiro. A morte não é aos seus olhos senão um espantalho, cujo pensamento afastam com temor inoportuno. Também quando vêm os dias de provas, se o vento sopra a tempestade, depressa se encontram desamparados.

É o que se produz na nossa época. Para arrancar o homem às pesadas influências materiais que o oprimem seria necessário que graves acontecimentos, crises dolorosas, que mostrando-lhe o carácter precário, instável da vida terrestre, deviam abater o seu orgulho e obrigá-lo a elevar o seu olhar, a fixar mais alto os seus objectivos. Seria muito benéfico para a humanidade, se os tempos de provas que atravessa actualmente a nossa civilização servissem para esclarecê-lo sobre as suas taras e os seus defeitos e ensinar-lhe a ultrapassá-los.

Não é uma coincidência impressionante, que no momento em que as crenças religiosas empalidecem cada vez mais, em que o materialismo propaga sob os nossos olhos os seus efeitos destrutivos, uma divulgação do alto se espalhe sobre o globo através de milhares de vozes, oferecendo uma doutrina, um ensino racional e consolador a todos os investigadores de boa fé?

O Espiritismo é o maior e mais solene movimento do pensamento que se produziu desde o aparecimento do Cristianismo. Não somente, pelo conjunto dos seus fenómenos, nos traz a prova da sobrevivência, como, do ponto de vista filosófico, as suas consequências são bastante vastas. Com ele, o horizonte ilumina-se, o objectivo da vida especifica-se, a concepção do universo e das suas leis expande-se, a sombra do pessimismo desvanece-se para dar lugar à confiança, à fé em melhores destinos.

O Espiritismo pode por conseguinte revolucionar todos os domínios do pensamento e do conhecimento. Em vez dos compartimentos estreitos onde se encontravam confinados, ele abre-lhes largas portas para o desconhecido, para o inexplorado. Pelo estudo do ser no seu eu profundo, neste mundo interior onde se acumulam tantas impressões e lembranças, o espiritismo cria uma nova psicologia muito mais extensa e variada do que a psicologia clássica.

Até agora, conhecíamos apenas a parte mais grosseira, mais superficial do nosso ser. O Espiritismo mostra-o como um tanque de forças escondidas, de faculdades em germe que cada um de nós é chamado a valorizar, a desenvolver através dos tempos. Pelos métodos hipnóticos ou magnéticos tornar-se-á possível chegar até às origens do ser, reconstituindo o encadeamento das existências e das lembranças, a série das causas e dos efeitos que são como a trama da nossa própria história. Aprendemos que o ser cria ele próprio a sua personalidade, a sua consciência no decurso duma evolução que o leva de vida em vida para estádios melhores. E assim se afirma a nossa liberdade que cresce com a nossa elevação e fixa as causas determinantes do nosso destino, feliz ou infeliz, consoante os nossos méritos. Desde logo, tornam-se demasiados estes debates estéreos aos quais assistimos por muito tempo, e que provêm da insuficiência das nossas vistas e do campo demasiado restrito das nossas observações nesta vida fugitiva e sobre este mundo fraco, parcela infinita do Grande Todo.

Em suma, o ser aparece-nos sob os aspectos mais nobres e mais belos transportando em si todo o segredo da sua grandeza futura e do seu brilhante poder. Com a cultura desta ciência, um dia virá em que todo o homem poderá ler claramente em si mesmo a regra soberana da sua vida e do seu futuro. E daí decorrerão vastas consequências sociais. A noção dos deveres e das responsabilidades precisar-se-á. Em vez das dúvidas, das incertezas e do pessimismo actuais, a esperança libertar-se-á do conhecimento da nossa natureza imperecível e dos nossos destinos sem fim.

Pode-se por conseguinte dizer que a obra do espiritismo é dupla: no plano terrestre tende a reunir e a fundir numa síntese grandiosa todas as formas, até agora díspares e frequentemente contraditórias, do pensamento e da ciência. Num plano mais vasto, ele une o visível ao invisível, estas duas formas da vida, que, na realidade, se penetram e se completam desde o princípio das coisas. Relativamente a este último, ele demonstra que o nosso mundo e o Além não são separados, mas vivem um no outro, constituindo assim um todo harmónico.

CAPÍTULO IX

A RELIGIÃO DOS CELTAS, O CULTO, OS SACRIFÍCIOS, A IDEIA DA MORTE.

A obra dos Druidas, da qual acabamos de traçar as grandes linhas, demonstra já toda a extensão da sua ciência, da sua erudição. Mas não é somente na sua doutrina que corre o sopro poderoso da inspiração, é também a sua religião, o seu culto que revela um sentido profundo do mundo invisível e das coisas divinas. Deste ponto de vista importa contestar as críticas e os erros sob os quais se quis submergir o druidismo.

Como o atestam historiadores como A. Thierry, Henri Martin, Jean Reynaud, toda a grandeza do génio céltico se mostra nesta obra. Na base da instituição druídica reencontramos estes dois princípios que irradiam sobre a sociedade gaulesa e fazem mover todos as rodas: a igualdade, o direito eleitoral.

Todo o Gaulês podia tornar-se druida, o nascimento não concedia nenhum direito a esse título - porque a antiga Gália nunca conheceu a hereditariedade. - Para o adquirir, para obter a iniciação, era necessário apresentar méritos pessoais e lentos e pacientes estudos, porque os Celtas colocavam a instrução no primeiro plano do social e só isso seria suficiente para afastar a acusação de barbarie que dirigimos tão ligeiramente aos nossos antepassados.

As informações que damos sobre a organização do Druidismo provêm em grande parte dos autores latinos e gregos em número de dezoito, sejam filósofos, historiadores, sejam geógrafos e poetas.

Fora César, do qual já falámos, citamos Aristóteles e Cétion, Diogènes Laërce, Posidónio, Cícero, por volta do ano 441[1], Diodoro da Sicília (em 30), Timogène por volta do ano 14 em uma *História da Gália* da qual Ammien Marcellin nos conservou um extracto. Strabon 20 anos após Jesus Cristo; Pomponius Mela, 20 anos mais tarde; Lucain entre 60 e 64; Plínio o naturalista por volta do ano 77; Tácito por volta de 95; Suetónio, no fim do século I; Dion Crisóstomo, no início do IIº. Completaremos pelas indicações dos nossos guias espirituais que viveram na época céltica.

[1] Nos seus escritos, Cícero louva a ciência profunda de Divitiac, o único Druida que visitou Roma.

O chefe dos Druidas era eleito pela corporação inteira e investido de um poder absoluto. Era ele que terminava com os diferendos entre as tribos turbulentas, agitadas, frequentemente prontas para recorrer às armas. Acima das rivalidades de clãs esta instituição representava a verdadeira unidade da Gália. Toda a elite juvenil da nação se agrupava em redor destes filósofos, ávida de receber os seus ensinamentos que se davam longe das cidades, nos recintos sagrados.

Os Druidas não só aplicavam a justiça nas tribos, como se pronunciavam ainda sobre as causas graves numa assembleia solene que se reunia todos os anos no país de Chartres. Esta assembleia tinha simultaneamente um carácter político. Cada república gaulesa aí enviava os seus delegados.

O génio religioso dos Celtas tinha estabelecido três formas sobrepostas de crenças e de culto em relação com o grau de aptidão e de compreensão dos Gauleses. Era em primeiro lugar o culto dos Espíritos dos mortos, ao alcance de todos e que todos praticavam, porque videntes e médiuns eram numerosos nessa época. Depois o culto popular dos semi-deuses ou espíritos protectores das tribos, símbolos das forças da natureza ou das faculdades do espírito, este culto tinha sobretudo um carácter local. Por fim o culto do espírito divino, fonte e criação da vida universal que domina e rege todas as coisas, e cujas obras são o principal objecto dos estudos e investigações dos Druidas e dos iniciados.

Na realidade, o politeísmo gaulês, que se acusa de idolatria, não era senão a representação dos espíritos tutelares, guias, protectores das famílias e das nações dos quais podemos constatar hoje, por factos, a existência e a intervenção nas horas necessárias. Aconteceu o mesmo com todas as religiões antigas e com as crenças dos povos que colocavam na escala dos deuses os espíritos dos que se tinham distinguido pelos seus méritos e suas virtudes. A multidão tem necessidade de crer em intermediários entre ela e o Deus infinito e eterno que se lhe afigura demasiado afastado, quando na verdade todos estamos mergulhados nele, de acordo com a palavra do santo Paulo. Em todos os países, inúmeros seres simbólicos inventados pela imaginação dos primeiros homens representam, sob formas materiais, graciosas ou terríveis, a expressão viva dos seus temores e das suas esperanças.

Os Druidas, dizíamos nós, ensinavam a unidade de Deus. Os Romanos, pervertidos nestas coisas, confundiram as personagens secundárias do céu gaulês, personificações simbólicas dos poderes naturais e morais com os seus próprios deuses. O Panteão gaulês apresenta mais frescura e beleza que os deuses esmaecidos do Olimpo. O Teutatès gaulês era apenas uma representação das forças superiores. Gwyon, a da ciência e das artes; Esus, o símbolo da vida e da luz. Outros, como Hu-Kaddarn, chefe da grande migração Kymris, eram apenas heróis glorificados. Mas neste Panteão não se encontravam os deuses do mal, os ídolos do Egipto e de Roma. Não se viam Deus infames, a adúltera de Júpiter, a impúdica Vénus, o corrompido Mercúrio. Não se encontravam vestígios desse cortejo imundo dos Bacos, dos Priapes, ou seja dos vícios deificados. Só se conhecia a sabedoria, a virtude, a justiça. E mais alto, acima dessas forças intelectuais e morais, resplandecia a fonte donde todas elas emanavam, o poder infinito e misterioso que os Druidas adoravam junto dos monumentos de granito na solidão das florestas. Diziam que o organizador do imenso universo não saberia estar fechado entre as muralhas dum templo, que o único culto digno dele devia realizar-se em santuários da natureza, sob a sombra das abóbadas dos grandes carvalhos, na margem dos vastos oceanos. Afirmavam que Deus era demasiado grande para ser representado por imagens, sob as formas dadas pela mão do homem. É por isso que eles Lhe consagravam apenas monumentos de pedra bruta, acrescentando que toda a pedra talhada era uma pedra conspurcada.

Assim, todos os símbolos religiosos dos Druidas eram emprestados pela natureza virgem, livre. O carvalho era a árvore sagrada, o seu tronco colossal, os seus poderosos ramos simbolizando o emblema da força e da vida. O visco, que se destacava com pompa, o visco, sempre verde, mesmo quando a natureza dormia, quando os vegetais parecem mortos, o visco era aos seus olhos o emblema da imortalidade e ao mesmo tempo um princípio regenerador e curativo.

Não tinham esses ritos do Druidismo, esse culto sóbrio e grande, qualquer coisa de imponente? Os altos bosques de carvalhos, o visco que reaparece sobre os troncos carcomidos, as grandes rochas de pé à beira do Oceano eram outros tantos símbolos da eternidade dos tempos e do infinito dos espaços.

O catolicismo parece ter bebido no culto druídico o que ele tem de mais nobre e de mais belo. Os pilares e naves das catedrais góticas são a

imitação dos troncos entrelaçados e dos ramos dos gigantes da floresta; o órgão, pelos seus sons, recorda o barulho do vento na folhagem; o incenso é o vapor que se eleva das planícies e das madeiras aos primeiros raios do sol.

O druidismo era o culto do imutável, do que permanece, em suma, o culto da Natureza infinita, desta natureza fecunda no seio da qual todo o espírito se retempera, se fortalece, reencontra novas forças.

Para nós, como para os nossos antepassados, os espectáculos que ela oferece são como fontes de meditações salutares, de ensinamentos pelos quais se revela o Deus imenso, eterno, que os Celtas adoraram, Deus, alma do Mundo, Eu consciente do Universo, fonte suprema para a qual convergem todas as comunicações e donde irradiam através dos espaços sem limites e dos tempos sem fim todos os poderes morais: o Amor, a Justiça, a Verdade, a infinita Bondade!

*

* *

No entanto, uma sombra se estende sobre o druidismo. A história ensina-nos que os sacrifícios humanos realizavam-se sob os grandes carvalhos, o sangue corria sobre as mesas de pedra. Talvez esteja aí o erro capital, o lado imperfeito deste culto, tão grande sob outros pontos de vista. Não esqueçamos contudo que todas as religiões, na sua origem, todos os cultos primitivos mergulham no sangue.

Ainda hoje, cada manhã e em todos os pontos do mundo católico, não salta o sangue do Cristo sobre o altar à voz do padre? Com efeito, aos olhos dos crentes, não é só uma simples imagem, mas é o próprio corpo e o sangue do grande crucificado que lhes são oferecidos. O dogma da presença real é para eles absoluto. Se alguma dúvida subsiste em certos espíritos, meditemos nestas palavras de Bossuet:

“Porque é que os Cristãos não conhecem mais o santo terror de que éramos tomados antigamente à vista do sacrifício? Cessou de ser terrível? O sangue da nossa vítima não corre ainda tão verdadeiramente como sobre o Calvário^[1] ? »

Fora do sangrento sacrifício da missa, é necessário recordar também os suplícios e as fogueiras da Inquisição, todas as imolações que não são somente atentados à vida, mas também insultos à consciência?

Estes sacrifícios não são mais odiosos que os dos Druidas onde apenas figuravam criminosos e vítimas voluntárias? É necessário recordar que os Druidas eram simultaneamente magistrados e justiceiros. Os condenados à morte, os homicidas eram oferecidos em holocaustos Àquele que era para eles a fonte da justiça.

Era um acto sagrado e, para torná-lo mais solene, para permitir ao condenado de reentrar em si próprio e de preparar-se para o arrependimento, deixavam sempre um intervalo de cinco anos entre a sentença e a execução. Estas cerimónias expiatórias não eram mais dignas do que as execuções actuais onde vemos um povo que se pretende civilizado passar as noites em redor dos cadafalsos, atraído pelo incentivo de um espectáculo medonho e de impressões malsãs?

Os sacrifícios voluntários nos Gauleses revestem também um carácter religioso. Os seus sentimentos profundos da imortalidade tornavam-nos fáceis aos olhos dos nossos antepassados. O homem oferecia-se como uma hostia viva para a família, para o país, para a salvação de todos. Mas todos estes sacrifícios tinham caído em desuso e tinham-se tornado muito raros no tempo de Vercingétorix. Contentavam-se em vez de condenar à morte em tirar algumas gotas de sangue aos fiéis estendidos sobre a pedra dos dolmens.

[1] Citado por J. REYNAUD, *o Espírito da Gália*, p. 50.

*

* *

Uma das características da filosofia céltica, é a indiferença pela morte. Sob este ponto de vista, a Gália era um objecto de admiração para os povos pagãos, os quais não possuíam no mesmo grau a noção da imortalidade. Os nossos antepassados, não temendo a morte, seguros de reviver para além do túmulo, estavam libertos de qualquer temor.

Em nenhuma crença, se encontra um sentimento tão intenso do invisível e da solidariedade que entrelaça o mundo dos vivos ao dos espíritos. Todos os que deixavam a terra levavam mensagens destinadas aos defuntos. Diodoro de Sicília preservou-nos este traço precioso: “Nos funerais depositam cartas escritas aos mortos para os seus parentes afim de que elas lhes sejam transmitidas.” A comunicação entre os dois mundos era corrente. Pomponius Méla, Valério Máximo e todos os

autores latinos que citámos dizem que entre os Gauleses “emprestava-se dinheiro para se ser reembolsado no outro mundo”.

Se, a exemplo dos nossos antepassados, considerássemos a morte como um véu, uma simples cortina que desce sobre a estrada que percorremos, véu de um grande efeito para o nosso olhar que ele pára, mas impotente para suspender a nossa marcha que continua sempre, se compreendêssemos que se trata somente de abandonar este corpo usado para nos reencontrarmos no nosso envoltório fluídico permanente, esta morte, tão temível para os que vêem nela o nada, não teria mais nada de assustador para nós.

Os Druidas, dizíamos, tinham um conhecimento vasto da pluralidade dos mundos. A sua fé na imortalidade mostrava-lhes as almas, livres dos laços terrestres, percorrendo os espaços, juntando-se aos amigos, aos pais partidos antes delas, visitando com eles os arquipélagos estelares, as esferas infinitas onde desabrocham a vida, a luz, a felicidade.

Que espectáculos, que maravilhas, se oferecem à visão destes mundos longuínquos, que variedades de sensações a recolher nestes Universos! E estas almas prosseguem a sua viagem na imensidão, até que, submetidos à eterna lei, retomando novos órgãos, se fixam sobre um destes mundos para cooperar pelo trabalho para o seu adiantamento, para o seu progresso. Face a estes horizontes imensos, como a nossa terra se reduz, e pode-se temer a morte perante tais perspectivas?

Os Gauleses não conheciam pois os infernos sinistros, nem os paraísos da imobilidade. As vidas de além-túmulo eram para eles cheias de actividade, fecundadas por um constante labor, vidas onde a personalidade, a liberdade do ser se desenvolviam e se aperfeiçoavam sem cessar.

É o que diz Lucain aos Druidas, no primeiro canto da *Pharsale*: “Para vós as sombras não se enterram nos sombrios reinos de Plutão, mas a alma parte para animar outros membros em novos mundos. A morte é somente o meio de uma longa vida. Felizes os povos que não conhecem o temor do trespasse. Daí o seu heroísmo no meio das lutas sangrentas e o seu desprezo pela morte.»

Horácio definia a Gália nestes termos: “A terra onde não se experimenta o terror da morte.»

Não há um contraste impressionante entre esta crença viril e fortificante e a ideia da eternidade dos suplícios ou a não menos devastadora da anulação absoluta? A fé na sobrevivência era mesmo a

essência do druidismo, e desta visão dependia toda uma ordem social e política fundada nos princípios de igualdade, de liberdade moral.

Esta mesma fé inspirava também as práticas, as cerimónias funerárias bastante diferentes das nossas. Nós, modernos, temos para com o nosso corpo uma complacência infinita; os Gauleses, consideravam os cadáveres como instrumentos quebrados, apressavam-se em fazê-los desaparecer. Muitas vezes queimavam os corpos, recolhendo a cinza nas urnas. Nós levamos a credulidade ao ponto de crer com o catolicismo que a nossa alma permanece ligada a estes resíduos e que um dia ela resuscitará com eles!

Mas o tempo ri-se da nossa cegueira, quer os nossos restos sejam enterrados sob o mármore ou sob a pedra, chega sempre uma hora em que sendo poeira eles retornam à poeira, em que a grande lei circular dispersa os átomos.

Um dia próximo, melhor esclarecidos sobre os nossos destinos, nós não suportaremos mais este aparelho e estes cantos lúgubres, todas estas manifestações de um culto que responde tão pouco à realidade das coisas.

Imbuídos, como os nossos antepassados, da ideia de que a nossa vida é infinita, que ela se renova incessantemente em meios diversos, não veremos na morte senão uma transformação necessária, uma das fases da existência progressiva.

É dos Gauleses que nos vem a comemoração dos mortos, esta festa do 2 de Novembro que caracteriza o nosso povo entre todos. Apenas, em vez de a celebrar como nós nos campos fúnebres, entre os túmulos, era no lar doméstico que recordavam as lembranças dos amigos distantes, mas não perdidos, que evocavam a memória dos espíritos amados que, por vezes, se manifestavam por intermédio das mulheres Druidas e dos Bardos inspirados.

Henri Martin, na sua *História da França*, volume I, página 71, exprime-se assim:

“Tudo o que se refere à doutrina da morte e da renovação periódica do mundo e de todos os seres parece estar concentrado na crença e nos ritos do 1º de Novembro.

“Noite cheia de mistérios que o Druidismo legou ao Cristianismo e que o dobre dos mortos anuncia ainda hoje a todos os povos católicos esquecidos das origens desta antiga comemoração. Cada uma das grandes regiões do mundo *gallo-kimrique* tinha um centro ou *meio* sagrado ao qual pertenciam todas as partes do território confederado. Neste centro ardia um fogo perpétuo que se denominava o *fogo pai*. Na noite do 1º de Novembro, segundo as tradições irlandesas, os Druidas

reuniam-se em redor do fogo pai guardado por um pontífice ferreiro e apagavam-no. A este sinal, de próximo em próximo, apagavam-se todos os fogos; por toda a parte reinava um silêncio de morte, a natureza inteira parecia mergulhada numa noite primitiva. De repente o fogo saltava outra vez sobre a montanha santa e gritos de alegria eclodiam de todos os lados. A chama tomada ao *fogo pai* corria de lar em lar de uma extremidade à outra e reanimava por toda a parte a vida.»

*

* *

À questão do culto dos mortos entre os Celtas, liga-se a recordação de Carnac com os seus monumentos megalíticos.

Todos os celtas conhecem esta imensa nécropole que se estendia por várias milhas de comprimento desde lockmariaker até Erdeven. Os alinhamentos de menires, hoje em parte destruídos, contavam ainda milhares de pedras erguidas na Idade Média. É preciso ver estas longas filas sombrias como monumentos funerários? Colocou-se em dúvida, porque, nas escavações realizadas junto aos menires, foram encontrados raros fósseis humanos. O espírito de Allan Kardec assegura-nos que escavando mais profundamente ter-se-iam encontrado muito mais ossos. As cavernas sepulcrais de Lockmariaker, os dólmenes de Erdeven e outros lugares, não deixam nenhuma dúvida sobre o destino deste vasto campo fúnebre. Os menires eram tanto túmulos de chefes políticos como religiosos, enquanto que as cavernas e os dólmenes recebiam os restos de personagens menos elevadas na ordem social.

Na sua *História da Gália*, Camille Jullian escreve que comboios mortuários se encaminhavam para esta região de todos os pontos da Gália.

Qual era então o pensamento dominante que agrupava todos estes mortos na extremidade do continente? Muitos escritores procuraram discerni-lo sem êxito. Contudo a explicação parece ser a seguinte:

Perante os horizontes infinitos do mar e do céu, acreditava-se que o voo das almas era mais fácil para estes mundos que brilham lá no alto, no seio das noites, ou então para os que se esbatem ao largo à noite nas brumas do anoitecer; estas praias varridas pelas ondas, estas fronteiras de um vasto desconhecido tinham para os nossos antepassados um carácter misterioso e sagrado.

Camille Jullian e outros historiadores atribuem a erecção dos monumentos megalíticos a povos anteriores aos Celtas e particularmente aos Ligúrios, povo meridional de cabelos castanhos e de pequena estatura. Ora, estes escritores esquecem que estes monumentos se

erguem em todo o ocidente da Europa até às ilhas Orcades e Shetland, situadas na ponta extrema da Escócia, nas brumas do mar do Norte. Contam-se 145 em todo o arquipélago. O grupo de Stonehenge, em Cambrie, compreende 144 pedras erguidas formando um conjunto que parece ser o pendente dos alinhamentos de Carnac.

Poder-se-ia assinalar também “o túmulo de Taliésin”, situado na base do maciço do Plynlimmon, e cercado por dois círculos de pedras. O grande dólmen da península de Gower, no País de Gales. À entrada da Clyde todos os picos são coroados por megalitos. Mencionemos ainda os da Escócia chamados “Casa dos Pictes”[1]. E na Irlanda, em Donegal, 67 pedras erguidas formam um grupo comparável ao de Stonehenge.

[1] *antigo povo celta da Escócia- Nota de Tradução*

Nestas sepulturas: dólmens, cavernas funerárias e túmulos de todas as dimensões, encontram-se objectos diversos misturados a restos humanos calcinados ou a esqueletos inteiros. São sílex brutos ou polidos, urnas, armas e até foices de ouro servindo para o culto. Estes objectos pertencem pois a todas as épocas desde os tempos mais recuados: paleolíticos, neolíticos, idades do bronze e do ferro. É necessário portanto atribuir estes vestígios aos Celtas e não aos Ligúrios ou Pelágios, povos pouco conhecidos, dos quais se ignora a língua e mesmo o lugar exacto. Crer que estes monumentos são a sua obra seria pretender que os Gauleses, tão industriais e engenhosos noutras matérias não deixaram nenhum vestígio no país que eles habitaram durante séculos.

Os megalitos não consistem somente em sepulturas, mas também em monumentos consagrados ao culto. Os mais importantes são os *cromlechs* ou círculos de pedras no centro dos quais se erguia geralmente um grande menir. Alguns são duplos e triplos e representam então os três círculos da vida universal de acordo com a indicação das Tríades. Nestes recintos, praticavam-se os ritos divinos e evocavam-se as almas dos defuntos.

Entre estas pedras, algumas desempenhavam o mesmo papel que as mesas falantes dos nossos dias e respondiam pelos seus movimentos às perguntas dos assistentes. Assim, o *Manual para servir ao estudo da antiguidade céltica*, página 253, fala da pedra falante *cloch labhrais* que dava as respostas como a *lech lavar* dos gauleses.

Acrescentemos para memória que os autores antigos atribuíam aos Druidas um poder mágico completamente perdido hoje em dia e cujo vestígio se encontra apenas nas práticas do hipnotismo, do magnetismo e do faquiirismo. Plínio chamava os Druidas os *Magi*, nome que constantemente lhes é dado nos textos latinos e irlandeses, diz Dom Gougaud, beneditino inglês, no seu livro *as Crisandades célticas*[1]. De acordo com este autor, os Druidas gozavam dos poderes seguintes: “condensações de nevoeiro, precipitações atmosféricas, tempestades no mar e sobre a terra, etc.». Acrescenta que “o druida Fraechan Mac Tenuisain protegeu o exército do rei da Irlanda, Diarmait Mac Cerbaill, contra o inimigo por uma barreira mágica (*airbe druid*) que traçou à frente dela. Todos os que cruzavam esta muralha fluídica eram feridos de morte. Todos os antigos textos irlandeses estão recheados de factos semelhantes”.

[1] Gabalda, edit., Paris.

Quase sempre, os círculos de pedras dos quais acabamos de falar eram dispostos nas clareiras das florestas, porque, em matéria religiosa, a floresta mantém sempre para os Celtas o seu prestígio augusto e sagrado.

Na época druídica a natureza ainda não estava alterada pela influência nociva, pela corrente destrutiva das paixões. Ela era como o grande médium, o intermediário poderoso entre o céu e a terra. Os Druidas, sob a abóbada das árvores seculares, cujos cimos funcionavam como antenas que atraíam as radiações do espaço, recebiam mais facilmente as intuições, as inspirações, os ensinamentos do alto. Ainda hoje, apesar de tantas destruições sofridas, a floresta não nos oferta uma impressão salutar e reconfortante pelos seus eflúvios, uma espécie de dilatação da alma? É pelo menos o que eu próprio experimentei tantas vezes.

Certas pessoas, privadas de faculdades mediúnicas, interrogam-me às vezes como preparar-se para entrar em contacto com o invisível. A esta pergunta, respondo: “Afastem-se do barulho das cidades, embrenhem-se na floresta, é na solidão dos grandes bosques que melhor se julga a vaidade das coisas humanas e a loucura das paixões. Nestas horas de recolhimento, parece que um diálogo interno se estabele-se entre a alma humana e os poderes do Além. Todas as vozes da natureza se unem, os murmúrios que a terra e o espaço ciciam à orelha atenta, tudo nos fala das coisas divinas, nos ilumina com os conselhos da sabedoria e nos ensina o dever. Era o que dizia Joana d’ Arc aos seus interrogadores de

Rouen que lhe perguntavam se ela ouvia sempre as suas vozes: “O barulho das prisões impede-me de o perceber, mas se me conduzissem a qualquer floresta eu os ouviria bem.»

Passa-se o mesmo com a ciência dos mundos; é uma fonte incomparável de elevação, porque ela revela-nos todo o génio do Criador. No meio dos recintos sagrados, os Druidas entregavam-se a observações atentas e neste intento possuíam meios que faziam a admiração dos antigos.

É verdade que o desfile imponente dos astros durante as noites claras de inverno é um dos espectáculos mais impressionantes que a alma pode fruir. Uma paz serena desce dos espaços, sentimo-nos como num templo imenso, o pensamento eleva-se então num impulso mais rápido para estas regiões superiores, interroga estes milhares de mundos, parece-lhe que as suas subtis radiações respondem aos seus apelos. A aplicação das forças radiantes aos usos terrestres permite crer que uma transmissão, mesma física, não é impossível através dos abismos do espaço.

As vias do destino que nos são abertas vinculam-nos estreitamente a este esplêndido universo do qual nós somos como espíritos um elemento imperissível, o seu futuro é o nosso, prosseguiremos com ele e nele está a nossa evolução, participaremos na sua obra, na sua vida, numa medida sempre engrandecedora.

CAPÍTULO X

CONSIDERAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS. PAPEL DA MULHER. A INFLUÊNCIA CÉLTICA. AS ARTES. LIBERDADE E LIVRE ARBÍTRIO.

No início de esta obra, esboçámos a traços largos a organização social da Gália. Sublinhámos as usurpações da aristocracia, a divisão dos chefes, a rivalidade das tribos, as causas diversas que conduziram à perda da independência.

Os Druidas que, vimo-lo, viviam distantes das cidades ruidosas, nos santuários da natureza, tinham, por isso mesmo, mais facilidade de entrar em contacto com o mundo oculto e dele receber as inspirações. É o que os levava a dizer que não são as coisas visíveis que nos efectuam, mas antes as coisas invisíveis. Mas pelo mesmo motivo que procuravam estas, eles afastavam-se às vezes do mundo real e das contingências humanas. A sua influência nem sempre era suficiente para comprimir o entusiasmo das paixões nesta raça gaulesa, jovem, ardente, falha de experiência, levada pelo próprio excesso da sua vitalidade.

A liberdade e o direito eleitoral eram no entanto as próprias bases da ordem social, mas os chefes eleitos cercavam-se de uma clientela de homens armados, cavaleiros, escudeiros, que se ligavam à sua fortuna e, se fossem mortos, morriam com eles. Graças a esta força, a aristocracia gozava de uma autoridade que degenerava às vezes em opressão sobre as classes populares. Vimos acima como a discórdia, a indisciplina, conduziu irremediavelmente à queda da Gália. Resta-nos falar da mulher e do seu papel social que era grande.

Ela era honrada, respeitada entre os Gauleses; considerada como igual ao homem, ela podia escolher o seu cônjuge e gozava da metade dos bens comuns. A educação das crianças era-lhe confiada até que estas tivessem idade para pegar em armas. Às vezes, encarregada de funções oficiais, ela fazia trabalho de diplomacia e chegava a resolver problemas árdios, a regular graves conflitos, como a história gosta de relatá-lo. A sua castidade igualava a sua coragem; sabe-se que as mulheres gaulesas não hesitaram em matar-se após a derrota do Kimris em Pourrières afim de não caírem nas mãos dos soldados de Marius e de se tornarem vítimas dos seus deboches.

Mas o que prova realmente todo o respeito de que a mulher era cercada na Gália, é a parte que lhe era destinada no sacerdócio. As mulheres Druidas emitiam oráculos e presidiam às cerimónias do culto. Enquanto que a tal outra religião, pelo dogma do pecado original, desvirtuou a mulher durante séculos, tornando-a responsável pela degradação do género humano, os Druidas viam nela os seus dons de adivinhação e faziam dela o intérprete natural do mundo dos Espíritos[1].

As ilhas do Oceano eram santuários onde se praticava a evocação dos mortos. Foram necessários longos séculos para reabilitar a mulher e devolvê-la ao seu papel predestinado; Jeanne d' Arc e tantos outros ilustres inspirados tiveram de enfrentar a fogueira por terem recebido os dons do céu. Competia ao espiritualismo moderno reconhecer as faculdades psíquicas da mulher e - apesar de certos abusos inerentes às coisas humanas - a missão que ela pode desempenhar no domínio experimental e nas divulgações do mundo invisível.

[1] Ver a este respeito os certificados de Tácito, Diodoro de Sicília, Pomponius Méla, Strabon, Aristóteles, etc., citados por JEAN REYNAUD em *o Espírito da Gália*.

*

* *

Seria puéril atribuir à influência céltica os limites dos territórios habitados pelos homens desta raça. A questão da fronteira nada tem que ver para aqui, porque trata-se da irradiação de um grande pensamento através do mundo sob formas diversas, duma colaboração eficaz para a obra geral de civilização e de progresso.

Primeiro é uma doutrina poderosa susceptível de regenerar toda a filosofia resolvendo os problemas árdus da vida e da morte e abrindo à alma as perspectivas dum futuro sem limites. Mas o génio céltico manifesta-se também sob as formas da arte e sobretudo na poesia e na música. Neste último domínio os estrangeiros, e sobretudo os Alemães, dele receberam numerosas influências, como o estabeleceu o Sr. Le Goffic.

A música gaulesa exprime um sentimento profundo da natureza. É impregnada de uma melancolia penetrante que lhe dá uma originalidade, um sabor particular. Quanto à poesia, basta apenas consultar a obra volumosa do Sr. H. de la Villemarqué[1] para nos apercebermos da sua

riqueza e da sua variedade. Neste momento, reina outra-ordem toda uma floração de arte céltica que tem as suas repercussões sobre o continente.

Em poesia, os Gauleses parecem ter sido os inventores da rima, se nos reportarmos aos testemunhos irlandeses. Os seus cantos de guerra e de amor estão impregnados duma viril grandeza.

Bosc e Bonnemère, na sua *História dos Gauleses*, enumeram as obras teatrais e líricas que devem ser-lhes atribuídas. As suas cerâmicas, as suas armas, as suas jóias constituem uma arte real. Teve-se disso a prova no resultado das escavações e investigações feitas nos dólmenes e túmulos que revelaram um grande número de objectos de um trabalho delicado.

Quando se quiser investigar a influência do celtismo em tudo o que ilustrou a Inglaterra tanto no domínio do pensamento como no da acção, ser-se-á surpreendido pela importância dos seus contributos. Entre os Ingleses célebres, muitos não tiveram outra origem. Assegura-se que o seu maior génio, Shakespeare, estava fortemente impregnado de celtismo, tendo nascido e vivido muito tempo em Strafford-sur-Avon, ou seja nos confins da Cambria (País de Gales).

Se, apesar de todas as opressões e as perseguições sofridas, o génio céltico pôde expandir-se em tantas obras fortes ou graciosas, o que não se deve esperar dele quando, tendo recuperado a sua plena independência, ele puder dar livre desenvolvimento às suas esperanças e aos seus sonhos?

A maior glória do Celtismo será, após ter guardado silenciosamente, durante séculos, o contacto com o mundo invisível, o de revelar às nossas sociedades decadentes a existência deste imenso reservatório de força e de vida que nos cerca e os meios para daí recolher com sabedoria e medida. Porque é apenas pela conjugação dos recursos, dos poderes dos dois mundos, o visível e o invisível, que se abrirá uma nova era e que uma civilização mais elevada e mais bela brilhará para a humanidade!

[1] *Barzaz-Breiz. Cantos populares da Bretanha.* Perrin editor.

*

* *

Os nossos antepassados, dizíamos, tinham feito do princípio de liberdade a base das suas instituições sociais e, ao mesmo tempo, a coroação da sua filosofia, porque a liberdade social provoca logicamente

a liberdade moral, a da alma na terra e no espaço. Aqui coloca-se a questão, tão controversa, da liberdade e do livre arbítrio, duas palavras para uma mesma ideia, porque o livre arbítrio é simplesmente a aplicação individual do princípio de liberdade.

A liberdade é a condição essencial do desenvolvimento, do progresso, da evolução do homem. A lei da evolução, deixando-nos a responsabilidade de edificar nós, através dos tempos, a nossa personalidade, a nossa consciência e conseqüentemente o nosso destino, deve fornecer-nos os meios assegurando o exercício da nossa livre escolha entre o bem e o mal, dado que os méritos adquiridos são o preço da nossa elevação.

Trata-se da própria consequência dos actos, do encadeamento das causas e dos efeitos recaindo sobre nós. Daí a nossa responsabilidade inseparável do nosso livre arbítrio sem o qual o ser não seria mais que um brinquedo, uma espécie de marioneta nas mãos de um poder exterior, por consequência um ser desprovido de originalidade e sem grandeza.

Em vista da imensa trajectória que a alma deve efectuar através do tempo e do espaço, ela deve possuir o livre exercício das suas faculdades, a inteira disposição das energias que Deus colocou nela, com os meios para se desenvolver. Que confiança poderíamos nós ter no futuro, se nos sentíssemos meros brinquedos de uma força desconhecida, sem vontade, sem reserva moral?

É por isso que os Druidas afirmavam o princípio de liberdade desde a primeira Tríade e, mais explicitamente, nas Tríades 22, 23 e 24:

Três primeiras coisas simultaneamente criadas, o homem, a liberdade, a luz.

Três necessidades do homem, sofrer, renovar-se (progredir), escolher.

Três alternativas do homem: Abred e Gwynfyd, necessidade e liberdade, mal e bem, todas as coisas estando em equilíbrio e o homem tendo o poder de unir-se a um ou a outro consoante a sua vontade.

Objectar-me -ão, sem dúvida, com a diversidade dos seres humanos das faculdades, das vontades, dos caracteres, a força moral de uns e a fraqueza dos outros. Perante um acto desleal mas vantajoso, ou frente à luta das paixões um homem deixar-se-á seduzir enquanto outro permanecerá firme, inquebrantável. Como medir a parte de liberdade atribuída a cada um, como conciliar o problema do livre arbítrio com as teorias do determinismo?

Nesta matéria como para tudo o que respeita à natureza íntima do ser, é necessário elevar-se acima dos horizontes estreitos da vida presente e considerar as vastas perspectivas da evolução da alma. Foi isso que os Druidas souberam fazer pela sua doutrina e é o que repetem seguindo o seu exemplo os espiritualistas modernos, pelo menos os da escola de Allan Kardec.

O círculo estreito dos conhecimentos, a exiguidade do nosso campo de observação, a ignorância generalizada das origens e dos fins, são outros tantos obstáculos à solução dos grandes problemas. É necessário, para resolvê-los, erguer-se bem alto pelo pensamento e considerar o conjunto das existências da alma, a sua lenta ascensão através dos séculos; então tudo o que parecia confuso, obscuro, inexplicável, ilumina-se, funde-se.

Compreenderemos como a nossa personalidade cresce pouco a pouco pelas relações sucessivas das nossas vidas, como a experiência e o julgamento se desenvolvem, e como a nossa liberdade se afirma cada vez mais à medida que a nossa evolução se acentua e que nós participamos mais intimamente na comunhão universal.

No início da sua imensa trajectória, o ser ignorante, inexperiente, está submetido estreitamente às leis universais que comprimem e limitam a sua acção. É o período inferior. Mas, à medida que ascende na escala dos mundos, o seu livre arbítrio ganha uma amplitude sempre maior até que, tendo atingido as alturas celestes, o seu pensamento, a sua vontade, as suas vibrações fluídicas se encontram em harmonia perfeita, ou seja, aquilo que apelidamos de sincronismo com o pensamento e a vontade divinas; o seu livre arbítrio é definitivo, porque não pode mais falhar.

Aos que exigem axiomas ou fórmulas científicas poderíamos dizer: o livre arbítrio está para cada um de nós em relação directa com as perfeições conquistadas, o determinismo está na razão inversa do progresso de evolução.

Contestam-nos a previsão do futuro em certos sujeitos. Mergulhando nas causas do passado, é possível deduzir o futuro e predizer os acontecimentos futuros na medida em que eles são a resultante lógica dos actos livremente realizados, o feixe dos factos anteriores desenrolando-se através dos tempos na sua lógica implacável. Ora, a reconstituição do passado pode ser obtida nos fenómenos de exteriorização^[1] assim como pelas revelações dos Espíritos bastante evoluídos para reencontrar na memória subconsciente dos sujeitos, o encadeamento das suas vidas anteriores.

É assim que o espiritualismo experimental nos demonstra pelos factos a existência do livre arbítrio e a prova que, sobre este ponto como sobre tanto outros, os nossos antepassados não se enganaram.

É necessário reconhecer, no entanto, que o nosso planeta, ocupando um grau pouco elevado na escala de evolução, o ser humano, gozando por um lado de liberdade suficiente para assumir a responsabilidade dos seus actos, não saberia possuir um livre arbítrio absoluto. É o que os Druidas definiam nestes termos desde a primeira Tríade fazendo figurar entre as três unidades primitivas: “Um ponto de liberdade onde se equilibram todas as oposições.»

Esta fórmula exprime a acção das leis universais que comprimem e restringem os nossos meios de acção. Nenhum ser é deixado ao abandono, a influência providencial age sobre ele de duas maneiras; pela consciência ela comunica-nos as inspirações, as intuições necessárias tanto mais claras e mais precisas quanto nós estamos mais aptos a recebê-las pela orientação do nosso pensamento e da nossa vida. Depois, é a acção dos invisíveis que se estende sobre nós tão intensa por vezes que podemos dizer que são os mortos que governam os vivos.

Cada um de nós pertence a um grupo espiritual, a uma família de almas em que todos os membros são solidários e evoluem conjuntamente. Todos os espíritos, encarnados ou desencarnados, desempenham, uns relativamente aos outros, alternativamente o papel de protectores ou o de protegidos. Os que permaneceram no espaço ajudam, inspiram, apoiam os que vivem, e sofrem na terra. Se os homens soubessem a assistência que lhes vem do alto e que doce solicitude os envolve, teriam mais certeza, mais confiança na lei superior de justiça e de harmonia que rege os seres e os mundos. Eles prestariam mais atenção às sugestões benfazejas das quais são objecto em vez de permanecerem insensíveis e indiferentes pelo efeito duma liberdade mal empregue. Estas sugestões são tais que se pode afirmar que pelo fundo da nossa consciência tocamos as coisas divinas.

Cada grupo de almas é dirigido, inspirado por um ou vários espíritos eminentes cujos méritos os fizeram atingir as alturas celestes, no círculo de Gwynfyd donde a irradiação da sua sabedoria e da sua experiência se estende através das distâncias até aos membros da sua família ainda atrasados nos mundos da matéria.

Descrevemos noutra parte, de acordo com os ensinamentos dos nossos guias, as condições da vida celeste, as grandes tarefas, as nobres missões que ela comporta, o crescimento gradual das percepções e das sensações,

a participação sempre mais intensa na obra eterna de poder e de beleza que é o universo e as felicidades obtidas ao preço de numerosas existências de trabalho, de estudos e de provas.

Deus, dizem as Tríades, atribui a cada alma nova a *Awen*, uma parcela de génio que ela é chamada a desenvolver na sequência dos tempos de forma a fazer pouco a pouco desta centelha primitiva um lar radiante que dota o espírito de uma luz imperissível.

[1] Ver a minha obra *o Problema do ser e do Destino*, chap. XIV.

TERCEIRA PARTE

O MUNDO INVISÍVEL.

CAPÍTULO XI

A EXPERIMENTAÇÃO ESPÍRITA.

Vimos que os Druidas não davam a iniciação senão a alunos escolhidos, sujeitos a um treino intelectual e moral prolongado. Estes estudos podiam abarcar vários anos, se acreditarmos nas afirmações de antigos autores, dizendo que comportavam o conhecimento de 20.000 versos. Com efeito, o verso, pelo seu ritmo, fixa-se mais facilmente na memória, melhor que a prosa ele escapa às alterações, às deformações e guarda por muito mais tempo o seu sentido exacto, a sua originalidade inicial.

Era, pois, somente após uma longa e paciente preparação que os discípulos eram admitidos para participar nos ritos sagrados, as quais no fundo se traduziam na comunicação com os Espíritos superiores e na prática dos seus ensinamentos. Estes eram transmitidos ao povo sob uma forma, mais concreta e por vezes figurada, sempre aceite com respeito, porque o Druida era objecto de grande veneração.

Hoje, é tudo muito diferente, os primeiros vindos sem preparação, sem estudos, sem precauções, crendo poder entrar em contacto com os seres invisíveis que os cercam. Não temem aventurar-se sem guia, sem bússola neste oceano de forças e de vida que nos envolve. Ignora-se demasiado que uma multidão de espíritos inferiores plana no ambiente terrestre ao qual está vinculada pelos seus fluidos materiais. São eles quem respondem com mais vontade aos apelos dos humanos com o objectivo de divertimento e desde logo há pouco a esperar deste elemento onde reinam as influências mais diversas, às vezes más como as demasiado conhecidas dos mistificadores e dos obsessores. E daí o descrédito que recai em certos casos sobre as práticas desprovidas de regra, de método, de seriedade.

Sem dúvida não se deve ficar indiferente aos apelos misteriosos, aos ruídos, aos golpes que se fazem frequentemente ouvir à noite nas nossas

residências e que parecem ser promessas de uma assistência, de uma protecção às vezes bem necessária. Sim, devemos prestar-nos aos convites deste género, porque podem emanar de amigos invisíveis que nos pedem socorro, ou ser o prelúdio de conselhos, de revelações, de ensinamentos preciosos nos tempos de provas em que vivemos. Mas, tão logo que encontramos um meio de comunicação adaptando-se às nossas possibilidades psíquicas, não devemos hesitar em exigir dos manifestantes provas formais de identidade e manter em todos os contactos com o Além este rigoroso espírito de controlo e de exame escrupuloso que não deixa nenhum lugar às fraudes dos espíritos levianos[1].

[1] Ver o meu livro *No Invisível* (espiritismo e mediunidade) *passim*.

Os espíritas guardam uma ideia regeneradora bela e fecunda que não devem deixar encobrir, depreciar sob a acusação de credulidade que lhes é prodigalizada. As verdades elevadas não se adquirem sem sofrimento. É pelos nossos esforços repetidos para nos libertarmos das incertezas, das trevas que as cortinas da matéria se levantam e que os caminhos se abrem sobre a vida espiritual, a vida infinita!

O espiritismo, após três quartos de século de experimentação e de trabalhos, tornou-se uma fonte de luz e de ensinamento. A sua doutrina resulta de mensagens de espíritos obtidas por todos os processos mediúnicos em todos os países e completando-se, controlando-se umas pelas outras. Até agora as religiões e as filosofias não nos davam sobre as condições da vida no além, senão simples hipóteses. Hoje os que vivem esta vida descrevem-na eles próprios e nos revelam as leis da reencarnação. Com efeito, o que são algumas excepções assinaladas nos meios anglo-saxónicos, e cujo número se restringe a cada dia, na presença da massa enorme de documentos, de testemunhos concordantes recolhidos desde a América do Sul, até às Índias e ao Japão?

Não é mais, como no passado, um pensador isolado, ou mesmo um grupo de pensadores, que vem mostrar à humanidade a estrada que ele crê verdadeira; é todo o mundo invisível que se abala e se esforça para arrancar o pensamento humano às suas rotinas, aos seus erros e revelar-lhe, como no tempo dos Druidas, a lei divina de evolução. São os nossos próprios pais e amigos falecidos que nos expõem a sua situação boa ou má, e a consequência dos seus actos, no decurso de diálogos ricos em provas de identidade.

Acusa-se frequentemente os espíritas de darem mais importância à teoria que à prática experimental. No Congresso oficial de psicologia de 1900, um cientista contrapunha-nos: o espiritismo não é uma ciência, é uma doutrina. Certamente consideramos sempre o facto como a base, o fundamento mesmo do espiritismo.

Sabemos que a ciência vê na experimentação o meio mais seguro de chegar ao conhecimento das causas e das leis; mas estas permanecem obscuras, inacessíveis em muitos casos, sem uma teoria que as esclareça e as precise. Quantos experimentadores se extraviaram no dédalo dos factos, perdidos no labirinto dos fenómenos e terminaram por se desencorajar e renunciar a todas as investigações, pela ausência de um dado geral que liga e explica os factos. O eminente CH. Richet, após ter experimentado toda a sua vida, consignou os resultados das suas investigações num grosso volume, sem chegar a nenhuma conclusão.

Poder-se-ia chegar, pelo estudo dos infinitamente pequenos, a uma concepção geral do universo? Poder-se-ia, pelas manipulações de laboratório, chegar à compreensão da unidade substância? Se Newton não tivesse tido a ideia prévia da gravitação, teria ele atribuído alguma importância à queda de uma maçã? Se Galileu não tivesse tido a intuição do movimento da terra, teria ele prestado alguma atenção às oscilações da lâmpada de bronze da catedral de Pisa? A teoria parece-nos inseparável da experiência, deve mesmo precedê-la, a fim de guiar o observador para o que a experiência servirá de controlo.[D1]

Comentário (D1) : Página: 117

ideias sobre uma metodologia científica.

Acusam-nos de concluir demasiado apressadamente! Ora, eis os fenómenos que se produzem desde os primeiros séculos da história. Constatamo-los experimentalmente e cientificamente desde há quase cem anos e acham-se as nossas conclusões prematuras! Mas dentro de mil anos, ainda haverá alguns tradicionalistas que acharão que é demasiado cedo para concluir. Ora, a humanidade experimenta uma necessidade imperiosa de saber e a desordem moral que reina na nossa época deve-se, em grande parte, à incerteza que plana ainda sobre esta questão essencial da sobrevivência.

Quando, na minha antiga juventude, vi um dia, na montra de uma livraria, as duas primeiras obras de Allan Kardec, adquiri-as imediatamente e absorvi-lhes o conteúdo; aí encontrei uma solução

clara, completa, lógica, do problema universal, a minha convicção ficou reforçada.

Contudo, apesar da minha juventude, já tinha passado pelas alternativas da crença católica e do cepticismo materialista, mas em nenhuma parte tinha encontrado a chave do mistério da vida. A teoria espírita dissipou a minha indiferença e as minhas dúvidas. Como tantos outros, eu procurava provas, factos precisos, vindo apoiar a minha fé; mas estes factos tardaram em vir. Primeiro insignificantes, contraditórios, misturados de fraudes e mistificações, ficaram longe de me satisfazer e eu teria renunciado mais uma vez a qualquer investigação se não fosse apoiado por uma teoria sólida e por princípios elevados[D1].

Comentário (D1) : Página: 118

Idem metodologia e apreensão do espiritismo através do estudo.

Parece, com efeito, que o invisível quer experimentar-nos, medir o nosso grau de perseverança, exigir uma certa maturidade de espírito, antes de entregar-nos os seus segredos. Todo o bem moral, toda a conquista da alma e do coração parece dever ser precedida de uma iniciação dolorosa. Enfim, os fenómenos vieram, convincentes, incontestáveis. Foram as aparições materializadas, na presença de muitas testemunhas, cujas sensações concordavam; os apports de escrita directa, em plena luz, caindo no vazio fora do alcance dos assistentes e que continham predições que, desde então, se realizaram.

Depois, foram Entidades de valor que se manifestaram por todos os meios à sua disposição, primeiro pela mesa, pela escrita automática, por último e sobretudo pelas incorporações, processo pelo qual eu dialogava com os meus guias espirituais, como com os seres humanos. A sua colaboração foi-me preciosa para a redacção das minhas obras, pelas informações recolhidas sobre as condições da vida no Além e sobre todos os problemas que abordei.

Estes Espíritos comunicaram-se por diferentes médiuns, que não se conheciam. Qualquer que fosse o intermediário escolhido, eles apresentavam sempre caracteres pessoais muito distintos, alguns de uma originalidade impressionante, embora de uma grande elevação, com detalhes psicológicos, provas de identidade constituindo o critério de certeza mais absoluto. Como estes médiuns, que se ignoravam uns aos

outros, ou melhor os seus subconscientes, teriam podido dispôr-se para imitar e reproduzir carâcteres tão distintos e no entanto sempre idênticos a si próprios, com uma constância, uma fidelidade que persistem desde há cinquenta anos? Porque já há quase meio século que estes fenómenos se desenrolam à minha volta com uma regularidade matemática, excepto algumas lacunas, por exemplo, quando um dos médiuns desaparece e é necessário um certo tempo para reencontrar outro sujeito adequado.

Possuo sete grossos volumes de comunicações recebidas no grupo que há muito tempo tenho dirigido, e que respondem a todas as as questões que a inquietude humana coloca à sabedoria dos Invisíveis. Ora, todos os que, depois, consultaram estes arquivos, foram surpreendidos pela beleza do estilo bem como pela profundidade das ideias emitidas. Talvez estas mensagens sejam publicadas um dia. Então, ver-se-á que nas minhas obras, eu não sou inspirado apenas pelas minhas próprias visões, mas sobretudo pelas do Além. Reconhecer-se-á, sob a variedade das formas, uma grande unidade de princípios e uma perfeita analogia com os ensinamentos obtidos dos Espíritos guias em todos os lugares e nos quais Allan Kardec se inspirou para traçar as grandes linhas da sua doutrina.

Desde a guerra os nossos Instrutores continuaram a manifestar-se por diferentes médiuns. Através destes organismos diversos a personalidade de cada um deles afirmou-se pelo seu próprio carácter de forma a afastar qualquer possibilidade de simulação. Pode-se seguir ano após ano, na *Revista Espírita* a quintessência dos ensinamentos que nos foram dados sobre assuntos sempre substanciais e elevados.

Depois, nas abordagens do Congresso de 1925 foi o grande Iniciador ele próprio que veio certificar-nos do seu concurso e iluminar-nos com os seus conselhos. Hoje ainda, é ele, é Allan Kardec, que nos incita a publicar este estudo sobre o génio céltico e a reencarnação, tal como o confirmarão pelas mensagens publicadas mais adiante.

Desculpo-me junto dos leitores de fazer intervir durante tão longo tempo a minha própria personalidade, mas como poderia eu entregar-me a uma análise desta natureza, se isto não me implicasse a mim mesmo e aos meus trabalhos.

Tenho chegado actualmente quase a viver com os Espíritos tanto quanto com os humanos, a sentir a sua influência, a distinguir a sua presença pelas sensações fluídicas experimentadas. Sei que estas almas constituem a minha família espiritual. Laços bem antigos me unem a

elas, laços que se fortificam todos os dias, pela protecção com que me favorecem e o reconhecimento que lhes dediquei.

O peso dos anos faz-se sentir e a minha cabeça branca inclina-se para o túmulo, mas sei que a morte é apenas uma saída que se abre sobre a vida infinita. Cruzando este limiar, estou certo de reencontrar estas queridas almas protectoras, bem como os numerosos amigos com os quais lutei aqui embaixo por uma causa sagrada. Iremos juntos visitar esses mundos maravilhosos, que contemplei, admirados tantas vezes no silêncio das noites e que são para mim outros tantos testemunhos do poder, da sabedoria e do génio do Criador.

Na sua *Evolução biológica e espiritual do homem* (p. 126), Oliver Lodge fala com entusiasmo de “estas estrelas gigantes que são um milhão de vezes maiores do que o sol, teatros de fenómenos prodigiosos”.

Mais tarde, reviveremos juntos nesses mundos, a fim de prosseguir os nossos trabalhos, a nossa ascensão comum às regiões serenas da paz e da luz.

E quando recordo todas as belezas desta divulgação, todas as promessas dum futuro sem fim, sinto-me invadido por uma imensa piedade por todos os que, nas suas provas, não são sustentados pela perspectiva das vidas futuras, e cujo estreito horizonte se limita ao nosso mundo de sangue, de lama e de lágrimas.

*

* *

Devemos surpreender-nos se o número de cientistas oficiais que admitem a realidade dos factos espíritas é restrito? Não, se se considera que a opção tomada e o espírito de rotina desempenham um grande papel na grande maioria deles. Todos os que souberam libertar-se reconheceram a intervenção dos espíritos nos fenómenos e a existência de um mundo invisível. Tal como William Crookes, Russell Wallace, Myers, Oliver Lodge, o professor Barrett, Lombroso, etc.

Os espíritos não científicos possuem uma preciosa vantagem sobre os cientistas de carreira. Se são, às vezes, desprovidos de conhecimentos técnicos, em contrapartida mantiveram essa liberdade de pensamento, essa independência de espírito tão necessárias na interpretação dos factos. Porque estes factos, consideram-nos em si mesmos e não à luz difusa de teorias pré-concebidas. Se experimentaram algumas decepções nas suas investigações, foi destas decepções que a sua experiência se

formou. Não podemos ignorar o seu mérito já que, desde o princípio, exploraram os domínios da vida, que outros, impregnados de fórmulas e de teorias, declaravam inexistentes. Dessa forma aqueles abriam o caminho às descobertas que conduzem a uma verdadeira revolução em todas as áreas da ciência.

Quando a história investigar as origens do movimento espírita, após ter glorificado os cientistas cujos nomes citamos com respeito, ela renderá justiça a esta multidão anónima, a esses investigadores obscuros que, no mundo inteiro, exploraram os caminhos da vida invisível e restabeleceram o contacto entre duas humanidades, contacto que estava perdido desde há séculos. É o trabalho paciente e desinteressado destes observadores desconhecidos, que forçou os oficiais a ocupar-se de uma questão tão capital como a prova da sobrevivência e a colaboração do visível e do invisível. São eles que procuram nos técnicos os intermediários necessários, médiuns e temas, sem os quais nada conseguiriam, porque não é nunca entre eles que encontramos as faculdades psíquicas, os sentidos especiais que abrem estes vastos domínios às nossas investigações.

Compreender-se-á as nossas reservas a respeito do movimento psíquico oficial na França. Após anos de tentativas e a criação de centros, de institutos especiais, constatamos a mediocridade dos resultados obtidos. Ainda não podemos citar actualmente, no nosso país, um só nome de cientista oficial que tenha aderido às elevadas verdades psíquicas, enquanto que na Inglaterra e na América se contam às dezenas.

Certos psíquicos e metapsíquicos esforçam-se por atribuir o conjunto dos fenómenos espíritas a uma extensão anormal das faculdades medianímicas. Essa é uma explicação arbitrária, tão abusiva como a teoria espírita que consistiria em atribuir todos os factos de ordem oculta à intervenção dos Espíritos. Há exagero tanto de um lado como do outro e a verdade encontra-se num meio termo. Para todos os que aprofundaram a questão, os factos de animismo, assim como as manifestações dos defuntos, interligam-se e completam-se uns nos outros e lançam uma luz igual sobre os lados obscuros e misteriosos da natureza humana.

A teoria do subconsciente, da qual tanto se usou e abusou em certos meios, não é senão um domínio mais vasto da memória, abraçando as lembranças das anterioridades da alma e as aquisições das suas vidas passadas, tal como o demonstramos amplamente em outras páginas[1].

No decorrer dos séculos, a ciência inspirou-se durante muito tempo nos princípios superiores do conhecimento que a dominavam e a dirigiam. As contingências não a interessavam senão na medida em que viessem confirmar estes princípios. Hoje, a ciência prefere estudar o fenómeno em si mesmo de uma maneira terra à terra e material. Não é mais pelas elevadas faculdades do ser que ela procura adquirir a verdade, ou seja pelo que há de mais nobre em nós: a razão, a intuição, o raciocínio, mas pelo testemunho dos sentidos, ou seja pelo que há de mais inferior, porque o testemunho dos sentidos é enganoso, como o provaram tantas descobertas do génio.

[1]. Ver No Invisível (Espiritismo e Mediunidade), Capítulo XXIII

*

* *

A força do espiritismo está simultaneamente no seu ensino e nas provas que lhe servem de apoio. Mostra a todos os homens o objectivo da vida terrestre, os meios para preparar a vida espiritual que se lhe segue. Este objectivo, estes meios são comuns a todos os habitantes da terra e isso será um novo laço que os unirá, laço mais poderoso que todos os outros, porque a solidariedade, a paz e a harmonia entre os povos não poderão estabelecer-se senão pela solidariedade das ideias, das crenças, das aspirações. Os homens são, em primeiro lugar, espíritos e só o espiritismo lhes revela as leis superiores do espírito: o seu ensinamento resume os princípios essenciais de todas as religiões, esclarece-os, completa-os e adapta-os às necessidades dos tempos modernos.

Pela cooperação do mundo invisível que se manifesta por toda a terra, ele oferece uma base moral, uma base comum à educação universal. A Sociedade das Nações está qualificada para colocar os primeiros marcos desta imensa renovação. Ela criou sob o nome de Escritório da cooperação intelectual internacional, uma obra completamente adequada para a realização deste vasto programa, obra que dirigem ou dirigiram espiritualistas eminentes como os Srs. Bergson, Jouvenel e a Sra Curie.

Se por razões políticas estas duas instituições não pudessem ou não quisessem unir-se nesta obra grandiosa de reedificação moral, o que elas não conseguissem fazer, os espíritas saberiam realizá-lo.

Um Congresso espírita internacional composto por um milhar de pessoas representando numerosos grupos e sociedades entre as quais, os

delegados de cerca de trinta nações estrangeiras, reuniu-se em Paris, em 1925, de 6 a 12 de Setembro, sala das Sociedades doulas, para constituir a Federação espírita e espiritualista internacional. Esta, que possui representantes em todos os pontos do globo, é já uma organização que se desenvolverá com o tempo e se tornará uma alavanca capaz de erguer o mundo do pensamento e da ciência.[D1]

PAGE:
Citação pelo CSI

123

Era um espectáculo impressionante ver desfilarem na tribuna homens de todas as raças e de todas as cores: Índus de turbante, negros, um dos quais era doutor em direito, Ingleses, porta-vozes de uma centena de assistentes da sua nação; americanos do Norte e do Sul, representando as associações espiritualistas que contam com centenas de milhares de aderentes, Espanhóis, Gregos, Romanos, etc. Todos vinham afirmá-lo em diversas línguas, a mesma fé na sobrevivência e na evolução indefinida do ser, na existência de uma causa suprema cujo pensamento radiante anima o universo. Homens eminentes nas ciências e nas letras como o Exmo. Senhor Oliver Lodge, o Exmo. Senhor Conan Doyle, o procurador geral Maxwell, juntaram as suas adesões formais aos vibrantes discursos dos oradores. Sentia-se passar sobre a assistência o sopro inspirador de uma multidão invisível, e os videntes atestavam a presença de defuntos ilustres que tomavam parte activa na elaboração de uma grande obra.

Esta cooperação oculta torna-se geral. Mesmo nos meios mais refractários, o mundo invisível está em trabalho. Apesar do cuidado que tem o Vaticano em abafar o barulho que fazem as aparições de Pio X, as indiscrições dos eclesiásticos demonstram que estes fenómenos não cessaram. A Igreja retornará a esta concepção mais justa da mediunidade que a levava a colocar, em plena capela sixtina, as sibilas no mesmo plano dos profetas sob o pincel prestigioso de Miguel Ângelo? Um grande escritor católico: Maurice Barrès, dizia: “As sibilas vivem ainda, porque representam a faculdade eterna e ignorada de atingir o invisível e de unir-nos a ele[1]. »

Por toda a parte, a ideia está em marcha e a comunhão estreita-se pouco a pouco entre os dois mundos, entre as duas humanidades: a da terra e a do espaço. Um dia virá em que as inteligências e os corações vibrarão sob a acção de uma fé comum. As três grandes correntes do pensamento superior espalhadas sobre a terra: budismo, cristianismo,

druidismo, vão reencontrar-se e fundir-se no seio do espiritualismo moderno.

Somente então a onda das paixões e dos interesses materiais será comprimida, uma liga de fraternidade estabelecer-se-á entre os povos. A paz e a harmonia reinarão sem divisão sobre a terra regenerada.

[1] Ver o «Mystere en plein lumière», p. 21, obra postuma. Livraria Plon.

CAPÍTULO XII

RESUMO E CONCLUSÃO.

Em resumo podemos dizer que, sob o seu duplo aspecto filosófico e experimental, o espiritismo ou espiritualismo responde às duas tendências que caracterizam o homem moderno: idealismo ou realismo. Uns, ou seja todos os que sabem que o objectivo da vida é a melhoria, o aperfeiçoamento do ser, aderem preferencialmente à doutrina, porque ela lhes oferece consolações, esperança e força moral. Os outros preferem a experimentação; mas esta, como vimos, necessita de condições múltiplas e de qualidades raras: ou seja um ambiente fluídico favorável, a paciência e a perseverança, o hábito do controlo e sobretudo um conhecimento antecipado das forças e das causas em acção nos fenómenos; conhecimento que não se adquire senão através de estudos sérios e exaustivos.

Através destes estudos, obtêm-se grandes esclarecimentos sobre as condições da existência no além. Estabelece-se a certeza de que o ser humano não é somente um agregado de átomos que se dispersam no momento da morte, mas sobretudo um espírito imortal dotado de uma forma invisível aos nossos sentidos, dum invólucro fluídico que é o modelo do corpo material chamado a evoluir e a aperfeiçoar-se através das suas vidas sucessivas e reencarnatórias. O ensinamento dos Espíritos, alargando os nossos horizontes, conduz-nos à compreensão da ordem e do equilíbrio perfeitos que reinam em todas as coisas. A vida visível e a vida invisível formam um todo inseparável e uma não se explica sem a outra. A nova divulgação transporta consigo por conseguinte um elemento poderoso, uma extensão ilimitada no domínio dos conhecimentos humanos. Todos os pensadores que queiram reflectir seriamente, sentirão a importância e a necessidade da nova concepção.

Na ordem experimental não se obtêm resultados importantes senão com a assistência e a protecção de Espíritos elevados. Ora, estes intervêm apenas voluntariamente e somente quando lhes apresentamos disposições que lhes convêm.

Está demonstrado agora^[1], que cada um de nós está envolvido por uma atmosfera fluídica formada pelas radiações dos nossos pensamentos e da nossa vontade e que varia de natureza e de intensidade de forma a

representar exactamente o nosso grau de evolução e o nosso valor de alma. Estas radiações escapam aos nossos sentidos, mas os videntes percebem-nas e a fotografia reproduz-lhe os eflúvios.

A comunicação não é possível e a acção dos Espíritos não é realizável senão na medida em que o nosso estado fluídico vibra em harmonia com o dos manifestantes invisíveis.

É necessário um treino espiritual, longo e perseverante esforço de vontade, para pôr as nossas radiações psíquicas nas condições de sincronismo que permitem entrar em contacto com as Entidades duma certa ordem e obter os fenómenos intelectuais que são a quintessência do espiritismo.

Foi assim para as mulheres e homens Druidas, os bardos, cuja fé ardente facilitava as relações com os mundos superiores e lhes procurava as divulgações que serviam de base aos seus ensinamentos.

Hoje em dia, já nada é o mesmo. Os séculos de criticismo, de cepticismo, retiraram ao pensamento o seu poder de radiação. A fé recolheu-se sobre si própria. No meio do caos das ideias e das contradições, passou a ser mais difícil encontrar um ponto de apoio a qualquer crença.

A maior parte dos investigadores da psíque parece apenas conjecturar sobre o seu estado de espírito, frequentemente impregnado de cepticismo, de desconfiança, de negação que é uma causa essencial de esterilidade nas experiências. Como obteriam a assistência, a protecção dos Invisíveis se começam por negar a sua existência e se entregam a esse respeito a críticas pouco oportunas?

Sem dúvida que não se pode negligenciar os fenómenos de ordem inferior, nada do que concorre para estabelecer a realidade da sobrevivência e as diversas condições da vida no além; devemos incentivar todas as investigações feitas com este objectivo.

Na confusão das teorias e dos sistemas que impera na nossa época, o facto permanece, no entender de muitos investigadores, a única base sólida de qualquer certeza.

[1] Ver o meu livro, *No Invisível* (espiritismo e mediunidade), *passim*.

*

* *

Chegados ao termo desta obra, recordaremos o objectivo essencial. Desde a guerra, o pensamento francês explora o horizonte intelectual,

geralmente vê apenas incertezas, obscuridade, contradições, e, na sua angústia, interrogou-se donde virá a luz que deve iluminar o caminho e mostrar o objectivo da vida? Quem, por conseguinte, nos dará a fé elevada que sustem, consola e soergue, a força de alma que faz suportar com coragem as provas e os males, e permite triunfar na luta pela existência?

Nem a cultura universitária, nem a Igreja conseguiram até agora dar à França a plena consciência do seu papel e do seu destino, o ideal moral que oferece um objectivo aos esforços de todos. Em muitos casos, elas pararam o seu desenvolvimento, reprimiram o seu génio. A nossa nação deverá naufragar na anarquia e na confusão? Não! O que os vivos não puderam fazer, os pretensos mortos realizá-lo-ão. As suas vozes erguem-se por todo o lado para nos reavivarem o sentimento das nossas origens, das nossas tradições sagradas.

Os Espíritos dos antigos Druidas, com Allan Kardec à cabeça, vêm afirmar-nos que o espiritismo é somente uma ressurreição das suas doutrinas e que eles vão trabalhar para as expandir em todos os meios, e acrescentam que, na sua intervenção, serão seguidos por todas as grandes e nobres almas que, através dos séculos, na literatura, conseguiram perpetuar a ideia a fim de que ela não perecesse inteiramente.

Daquilo que ficou dito não se deverá deduzir que abandonamos os princípios do Cristo e renunciamos ao nosso título de Cristãos. Não, certamente, tal como nos assegura Allan Kardec, as três grandes revelações: oriental, cristã e druídica emanam de uma mesma fonte e reúnem-se no seu lar inicial.

O ensinamento de Jesus foi mais ou menos velado e desnaturado pelos homens e, reconstituindo-o na sua pura essência, reencontramo-lo idêntico às doutrinas dos Druidas, com mais doçura e caridade. A sua semelhança não pode surpreender-nos quando sabemos que eles têm uma origem comum sobre-humana; mas hoje, para o soerguimento do nosso país, as doçuras do Evangelho já não são suficientes, e é preciso acrescentar-lhe a virilidade céltica.

Respeitando simultaneamente as doutrinas oriental, budista e cristã, e apropriando-nos do que elas têm de belo e de grandioso, devemos ligar-nos, de preferência, às nossas verdadeiras tradições nacionais, porque elas respondem à nossa natureza, ao nosso carácter, às nossas necessidades intelectuais. Elas inspiraram tudo o que a nossa raça produziu de nobre e de generoso no passado e elas permanecem o móbil

essencial da nossa evolução no futuro. É retornando aí que reencontraremos a plena consciência de nós mesmos, o nosso equilíbrio moral, a alegria de nos sentirmos na via verdadeira que nos traçam as leis superiores.

Após as terríveis provas da guerra, no meio da exaltação das paixões e dos interesses, a voz dos antepassados faz-se ouvir e a verdade surge da sombra. Diz-nos: “Morrer para renascer , renascer para crescer , para te elevares pela luta e pelo sofrimento. A morte deve cessar de ser um motivo de pavor, porque por detrás dela vemos a ascensão na luz.»

Do mesmo modo que acima da camada sombria das nuvens que envolvem às vezes a terra o céu continua a ser eternamente azul, assim também para além das vidas terrestres agitadas, dolorosas, reina a vida calma e serena de Gwynfyd, a vida radiante do espaço.

CAPÍTULO XIII

MENSAGENS DEVIDAS AOS INVISÍVEIS.

Publicamos a seguir a série de mensagens ditadas através da incorporação mediúnica pelos grandes e generosos Espíritos que quiseram colaborar na nossa obra. A autenticidade destes documentos reside não somente em si mesmos, pelo facto de ultrapassarem em muitos pontos o alcance das inteligências humanas, mas também nas provas de identidade que aí se reúnem. É assim que durante as nossas entrevistas com o Espírito de Allan Kardec, este entrou em certos detalhes precisos sobre a sua sucessão e os diferendos que surgiram, a este respeito, entre duas famílias espíritas, com particularidades que o médium não podia de forma alguma conhecer, sendo apenas uma pequena criança procedente de pais modestos, tudo ignorando sobre o espiritismo. Estes detalhes tinham-se apagado da minha própria memória e só pude reconstitui-los após investigações e inquérito.

Quanto ao seu valor científico e moral, ver-se-á que os assuntos tratados nestas mensagens atingem o mais elevado grau da compreensão humana actual. Excedem-no mesmo em certos casos, mas permitem-nos contudo entrever a génese da vida universal. Considerando esta obra sob o seu ponto de vista, os autores dizem-nos que se poderá daí extrair uma nova orientação que, no estágio de evolução que atingimos, é somente compatível “com o grau de compreensão e de resistência do cérebro humano”.

Recordamos contudo aos que o terão esquecido, que os Espíritos experimentam por vezes grandes dificuldades para se exprimir através de um organismo, um cérebro estranho, noções, ideias pouco familiares a este último. Ora, é precisamente o caso no que respeita ao nosso médium e à questão céltica. Allan Kardec constatou-o ele próprio durante as suas mensagens, como o veremos seguidamente. São necessários esforços persistentes da vontade, para criar, no cérebro de um médium, as expressões, as imagens inusitadas. Isto explica as críticas que puderam ser dirigidas a certos defuntos célebres a propósito das diferenças de estilo assinaladas nas suas comunicações.

Uma outra objecção consiste em pretender que Allan Kardec se encontra reencarnado no Havre desde 1897. Por conseguinte teria chegado ao trigésimo ano da sua nova existência terrestre. Ora, pode-se admitir que um espírito deste valor tenha esperado tanto tempo para revelar-se pelas obras ou acções adequadas? De resto, Allan Kardec não se comunica somente em Tours, mas igualmente nos muitos outros círculos espíritas de França e da Bélgica. Em todos estes meios ele afirma-se pela autoridade da sua palavra e pela sabedoria das suas observações.

Veja-se de seguida a apresentação do Espírito de Allan Kardec pelo Guia director do nosso grupo.

“ Anuncio-vos a visita do Espírito de Allan Kardec. Constatei o ambiente puro e a bela cor fluídica que cercam este Espírito, o esplendor da sua fé na força divina superior. Foi o que lhe permitiu, no decurso das suas existências, prosseguir uma evolução que lhe dá, em cada passagem, conhecimentos, intuições mais precisas sobre as formas e as leis da vida universal.

Uniu-se particularmente à França e à chama céltica, dito doutra forma, a primeira fé natural, sempre brilhou nele.

Allan Kardec empenha-se em reanimar esta fé na consciência e na subconsciência dos Franceses, a fim de os ajudar a elevar o seu espírito e a reaproximarem-se do brilho celta.

O médium, ignorando completamente a questão céltica, oferece-nos uma garantia perfeita contra a auto-sugestão.

O celtismo representa a fé ardente emanada das correntes superiores e transmitida na vossa região por uma radiação que ajudou poderosamente ao desenvolvimento da consciência francesa. É uma das mais vivazes ligações ao culto divino, ao culto da sobrevivência e ao da pátria. Assim nas vossas orações, a pequena chama celta que ilumina as vossas consciências de Franceses, eleva-se, jorra à medida que a sinceridade se exalta.

Devem, na vossa obra, apelar às reminiscências célticas para reanimar esta fé ardente na divindade que facilita no nosso mundo o envio de correntes regeneradoras e benfazejas. Esta elevada aspiração, possuem-na os corações puros. Como antigamente os Celtas, as almas que têm sede de ideal procuram nas fontes da natureza esta luz salutar que simboliza a grandeza divina. Allan Kardec dir-vos-á como e porquê este raio céltico se ligou ao solo armórico (bretão).

Se eu estivesse ainda na terra servir-me-ia deste tema para demonstrar que é na luz transmitida pelos Celtas que devemos, em graus diversos, a necessidade de crença no Além, a satisfação no florescimento da alma, e a percepção da luz espiritual que nos prova que todas as criaturas são a obra de Deus.

Concluo afirmando-vos que o raio céltico é o guia que vos dirige para o lugar supremo de luz. É através desta luz que chegareis a compreender a marcha da vida universal. Nas vossas vidas, à medida que subirdes para Deus, bebereis destas fontes poderosas, aprendereis a conhecer as forças insuspeitadas do éter, as vibrações criadoras que provam a existência do lar divino.

15 de Janeiro de 1926.

Nº 1 - FONTE ÚNICA DAS TRÊS GRANDES DIVULGAÇÕES: BUDISTA, CRISTÃ E CELTICA.

Estou feliz de descer até vós, porque experimento uma satisfação moral, um prazer real, sentindo-me bem adaptado a seres que desenvolvem radiações sensivelmente idênticas às do meu *perespírito*. Isto mostra-nos que é necessária a adaptação fluídica para podermos compreender-nos, trocar pensamentos e pontos de vista de acordo com os meios nos quais se quer descer. Cada indivíduo projecta uma radiação em relação com o número das suas existências; e a riqueza molecular dos fluidos que compõem o seu eu psíquico está igualmente em relação directa com os trabalhos, as provas ultrapassadas, o esforço continuado através das suas existências, quer num mundo, quer no espaço. Acrescento que me é particularmente agradável descer neste país de França, o qual amei, habitei materialmente desde o Armórico até ao Maurienne.*

Cada território desenvolveu em mim perspectivas que não se perderão nunca. Celta, impregnei-me desta mística que havia trazido estremecidamente do espaço. Seguidamente, na minha penúltima existência, em Savóia, adquiri uma resistência moral que me foi necessária para pregar a doutrina que conheceis. Mas primeiro, falemos da existência que iniciei na Bretanha, e que funcionou como a existência iniciadora projectando no meu ser a faúlha da vida universal. Esta centelha brilhou mais ou menos ao longo das minhas diferentes vidas, consoante procurava adquirir tal ou tal qualidade aproximada, mais ou menos, da matéria ou do espírito.

* Nota de tradução: Vale dos Alpes franceses (Savoie)

Há seres que não conseguem admitir as existências sucessivas. Neles, a faúlha inicial continua oculta, porque a luta material os absorve totalmente. Há existências de fé, há existências de trabalho, porque é uma lei imutável, um dos princípios fundamentais é o de que o ser se desenvolve através de alternativas para recolher os germes salutareos que devem ajudá-lo a progredir nos espaços.

Deus projectou a parcela de luz que é a alma, e esta radiação de pensamento divino deve chegar, por transformações e crescimentos sucessivos, a formar um foco radiante que contribuirá para a manutenção e para o equilíbrio da atmosfera dos mundos. Esse é um preceito de ordem geral que indica a necessidade da pluralidade das vidas.

As primeiras sociedades humanas que povoaram a vossa terra trouxeram o esboço das civilizações futuras; em certos pontos, a iniciação espiritual avançou bastante, os Egípcios, os Celtas, os Gregos, por exemplo, traziam em si focos brilhantes que paralisavam as forças materiais. Elementos do progresso estavam já, por eles, implantados no vosso globo. O vai e vem dos seres que viverão alternativamente à sua superfície, depois no espaço, poderá a partir daí prosseguir com regularidade.

Os novos habitantes, de acordo com o seu grau de evolução, provirão de grupos pertencentes a mundos inferiores, quer existentes, quer desaparecidos. Estas considerações de ordem geral eram necessárias antes de falar mais particularmente da França, da sua influência fluídica e da sua influência no mundo.

A ideia céltica sendo a própria essência, emanante da fonte divina e representante do espírito de pureza na raça, deve iluminar, através dos séculos, a alma nacional. É a ascensão para as esferas superiores, o conhecimento inicial do foco divino, a sobrevivência do pensamento, a correlação das almas e dos mundos, a orientação para um objectivo que deve iluminar-se e precisar-se na medida da nossa evolução.

O celtismo é o raio que mostra o caminho aos estudos psíquicos futuros. Foi nele que se enxertou, no vosso país, o pensamento do cristianismo, tal como o próprio cristianismo se impregnou desse outro raio, o misticismo oriental.

Existem no vosso mundo certos pontos privilegiados fluidicamente que são como espelhos, condensadores e reflectores de fluidos, destinados a fazer vibrar os cérebros e os corações dos povos do planeta. Nestes pontos, três focos se acenderam: o foco oriental nas Índias; o foco cristão na Palestina; o foco céltico no Ocidente e no Norte.

Se estudarmos a génese dos fenómenos que concretizaram as doutrinas, vê-se que a causa superior continua a mesma e que o vosso planeta é tocado por estas correntes, ou feixes de ondas superiores, que são as verdadeiras artérias da vida universal.

Pela vossa evolução, produz-se agora um novo foco radiante de pensamento que mostrará à humanidade toda a beleza, a grandeza, o poder da obra divina.

ALLAN KARDEC.
12 de Junho de 1926.

Nº 2. - EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS.

Na nossa última conversação falei-vos dos três grandes focos espiritualistas surgidos na terra para iluminar a marcha da humanidade. O foco oriental foi colocado em acção por Espíritos das esferas superiores cuja missão era escolher os seres que mais se aproximavam da natureza. Queriam demonstrar que o ser carnal, libertando-se das paixões, podia entrar em contacto directo com as grandes correntes superiores que devem ajudar à evolução das sociedades terrestres. Teríeis a prova disso no estudo da existência dos grandes padres Indus, dos Lamas que tomavam Buda como exemplo e procuravam, sobretudo, imunizar-se contra os fluídos materiais que percorriam a terra.

Os Espíritos superiores tinham actuado numa região onde a humanidade está menos sujeita aos desejos da paixão. Quero falar dos monjes do Tibete, e em seguida de certos seres da Índia. Vejamos então um facto adquirido: o ser humano, em certas condições de isolamento, de ascetismo e de aspirações elevadas, pode sentir-se em constante relação com os mundos superiores. Os antepassados dos médiuns estão lá; chegarão a provar a sua existência à humanidade, mas não deverão dividir-se, desperdiçar as suas forças, é por isso que permanecerão no círculo oriental.

Para que o pensamento humano fosse tocado duma forma mais concreta, foi necessária a vinda do Cristo que, ele se misturasse

intimamente com as multidões. O Cristo, tal como os iniciados da Índia, transportava em si inúmeras centelhas da força divina. Esta força divina transmitia-se pela sua palavra e pela acção dos apóstolos. Mas em certos pontos da terra, e particularmente na vossa Gália, os padres celtas, os Druidas transmitiam igualmente os raios do foco divino simbolizando-os à sua maneira, ou seja, inspirando-se mais particularmente junto à natureza.

Os Druidas, como o Lama, retiravam das fontes geradoras do espaço as forças que despertavam a sua fé e dirigiam-nas para o foco superior. As formas podem variar, mas no círculo do Oriente, no cristianismo e nos Druidas, há um ponto absolutamente idêntico: é que o ser humano, quando sabe distanciar-se das atracções materiais, vibra o suficiente para perceber as emissões dos grandes lares celestes. Os padres do Oriente, o Cristo e os Druidas estavam impregnados destas ondas poderosas e, por conseguinte, podiam produzir os fenómenos que impressionavam as multidões.

Nos vossos tempos modernos, o magnetismo, que é uma das formas do dinamismo universal, desempenha um papel importante para todos os que constituem pólos atractivos e sabem usar da oração.

É necessário reconhecer que entre os Druidas, se produziam abusos, por exemplo os sacrifícios humanos, últimos vestígios de uma grosseira barbárie e destinados a chocar as massas.

Desde a origem destes três grandes focos de divulgação espiritualista, a fé e o ideal sofreram alternadamente paragens e retornos; o élan do misticismo despertou aqui e ali, sob a acção das vagas correspondentes ao estado de evolução da nossa humanidade.

Por outro lado, a ciência positiva avançou obscurecendo a fé. O dia em que um novo foco se acenderá sobre a terra suscitará uma curiosidade muito natural. Na hora presente, os centros parecem deslocar-se. Não ficarei surpreendido de ver um dia, na América, constituir-se um pólo capaz de travar o positivismo do povo americano. Este povo é, como a sua composição étnica, bastante variado, para uma perspectiva ideal. É do lado da Índia que é necessário esperar-se para ver brotar um dia fenómenos que vos interessarão ao mais elevado grau. Esta região da terra está sempre impregnada de misticismo como, na França, a vossa Bretanha conserva sempre uma fé ardente no espírito do Além.

Recentemente, realizaram-se experiências com o concurso dum ser que parecia possuir belas qualidades de transmissão fluídica; mas ele rodeou-se de apóstolos demasiado realistas, no entanto há lá uma indicação, uma direcção, uma simples linha de união que se religa aos feixes espirituais. É um ser evoluído, mas não comparável a Buda e a Cristo!

A espiritualidade deve evoluir, e em certas épocas reavivar a fé que se diluiria no materialismo. Buda, o Cristo e os Espíritos dos Druidas representam as forças superiores religadas ao foco divino e eles trabalham para manter a terra num grau de equilíbrio necessário para prosseguir a sua evolução, porque, se a espiritualidade se apagasse no vosso planeta a matéria invadi-lo-ia e terminaria por desgastá-la e dissolvê-la. A matéria deve ser mantida em suspensão pela acção superior do espírito. Na realidade, ela é apenas o ecrã sobre o qual vem reflectir-se o raio da vida universal.

ALLAN KARDEC.
12 de Março de 1926.

Nº 3. - MESMO ASSUNTO.

Já falei das três fés: budista, cristã e druídica. Sabeis que a fé cristã que, em suma, é uma emanção das doutrinas orientais, se expandiu avançando em direcção à Itália, seguidamente deparou-se com uma esfera independente que representava um pólo de igual atractivo, constituído pelo mundo céltico. Mesmo em épocas remotas criaram-se grandes focos atractivos, seres vieram em missão após terem habitado planetas mais avançados, mais antigos do que o vosso, a fim de aí lançar, ao lado do trabalho material, a semente que alimentava a chama das consciências humanas.

O tempo não existe; o destino e a vida universal desenvolvem-se eternamente. Quando as moléculas gasosas de calor, de vapor e de água que formaram a vossa terra se condensaram para formar o protoplasma da matéria, era necessário que nos seres que deviam povoar este novo mundo, iniciados superiores viessem transmitir às consciências muito primitivas a aceitação de uma lei de ordem superior.

É por isso que no Oriente, na Palestina e na Gália se formaram focos atractivos. Se o princípio fundamental que os inspirava era o mesmo, a forma pôde variar nas suas aplicações; mas analisando estes princípios vê-se que a tese da sobrevivência eterna é aí aceite de igual modo. Os

Druidas, estabelecidos nas costas, inspiraram-se junto aos elementos directos externos pela concepção dos três círculos que sintetizam as forças naturais e morais. Existia uma iniciação em muitos graus e reencontramo-la nas formas do culto, é no cristianismo que a iniciação foi menos cultivada. Considero que a doutrina do Cristo era mais pura que outras, porque mais simples.

Os Druidas eram tanto mais iniciados quanto o seu grau pessoal de mediunidade era mais acentuado. Neles, o sacerdote, a sacerdotisa vivendo no meio da natureza, recebiam a iniciação pela intuição de uma maneira mais directa do que no culto cristão. Se analisarmos o druidismo nele reencontramos um ensinamento esotérico muito desenvolvido. Contudo o cristianismo é-lhe superior do ponto de vista humano porque se adapta mais particularmente às fraquezas humanas, enquanto que o druidismo com as suas doutrinas de ordem elevada, considerava a raça humana como inferior. O seu ensino, melhor compreendido pelos privilegiados, conduzia as massas a certas superstições.

Em resumo, no celtismo basta reter apenas o princípio inicial; os seus sacerdotes, vivendo em contacto com a natureza, comunicavam intimamente com as forças invisíveis, mas, tendo conservado apesa de tudo moléculas materiais, daí resultava que a transmissão do seu ensinamento se deformava, negligenciando demasiado as noções de justiça e de amor, no seio duma população ainda bárbara nessa época.

Vê-se assim que as três fés budistas, cristãs e druídicas se completam. Jesus Cristo personifica a luz das esferas quase divinas, luz que, pelas suas ondas salutaras, deve iluminar, vivificar a consciência. O druidismo, extraído das fontes vivas da natureza, percebia as vibrações dos mundos e as emanções da vida universal. O que o Cristo recebia directamente dos seres superiores, o druida obtinha-o através das correntes transmissoras do pensamento dos seres desencarnados.

Produzem-se na hora actual novas associações fluídicas, que não se condensam ainda, mas destinadas a formar um foco atractivo que será o quarto ciclo. Este aceitará a realidade da vida superior susceptível, em certas condições, de comunicar com os seres humanos dotados de conhecimentos científicos combinados com um ideal elevado. As suas convicções ajudarão a restabelecer o equilíbrio necessário entre a existência material e a inspiração espiritual.

ALLAN KARDEC.
23 de Abril de 1926.

Nº 4. - CELTAS E ATLANTAS.

O vosso grupo está imunizado, porque permanece longe das paixões humanas. Vós sois verdadeiramente Celtas graças à vossa vontade de permanecer na consciência primitiva da vossa raça.

Uma das formas do celtismo puro é o amor pela natureza. Esta não é o reflexo da beleza e da grandeza divina? Ela procura nos humanos as mais puras alegrias do espírito e dos sentidos; ela estabelece uma comunicação através das esferas de azul e das correntes extraterrestres.

O celtismo, é ainda o amor da família, o conhecimento intuitivo das anterioridades e das afinidades; a fixação ao solo cujas radiações geológicas se assimilam às radiações individuais.

Pergunta. Há, como alguns o pretendem, uma diferença entre Celtas e Gauleses?

Resposta. Há no Celta do ponto de vista humano duas origens: a origem normanda e anglo-normanda.

Há na Bretanha indivíduos de raça mais bronzada, de pigmento mais vermelho, talvez vindos da Atlantida, mas são espécimes isolados e raros.

Parece que teria havido entre a Atlantida e a Bretanha francesa uma ilha na qual teriam vivido estas povoações. Do país da Gasconha uma colónia teria emigrado para a ilha de Oléron.

Recordem que a chama céltica é o elemento primordial que deve manter o nacionalismo francês actual, porque a centelha vital da consciência do Francês saiu do Celta.

ALLAN KARDEC.

22 de Maio de 1926.

Nº 5. - SOBRE A ORIGEM DA CORRENTE CÉLTICA

A vida dos planetas, como a dos indivíduos, deve sofrer fases sucessivas, e, de acordo com estas fases, a homogeneidade dos líquidos é mais ou menos destruída ou respeitada. A vossa Terra entrou na sua rota em contacto com uma das grandes correntes que constitui as artérias da vida universal. Esta corrente é extremamente poderosa e vai produzir efeitos diferentes consoante a natureza dos seres. Os Espíritos de ordem inferior que vagueiam entre o vosso planeta e esta corrente não podem suportar a atracção fluídica que se liberta, donde a revulsão automática destes seres para a matéria. A sua influência conduzirá a um recrudescimento das baixas paixões.

Quanto aos terrestres que se comprazem na meditação e apelam às forças, às aspirações superiores, os eflúvios desta corrente atingi-los-ão e é daí que eles receberão intuições e comunicações.

Acrescentarei que esta corrente vital tem a propriedade de manter no espaço a vida peri-espiritual e espiritual, e na terra de iluminar as consciências evoluídas.

Podeis por conseguinte constatar na vossa terra, no momento actual, por um lado, uma diminuição de todas as crenças elevadas, e por outro lado, um afluxo de misticismo. É por isso que o vosso estudo sobre o celtismo vem na hora exacta e espero que a corrente da qual falo possa ajudar, reanimando as consciências, fazendo brilhar a chama das anterioridades.

Sabeis que um dos principais elementos da vossa raça é o celtismo, que se formou aquando da constituição da terra, quando os primeiros seres aí surgiram. O celtismo é na realidade uma projecção de faíscas provenientes de um dos feixes da vida universal.

Cada raça é influenciada por um feixe diferente, feixe cujas radiações se adaptam a certas partes do solo consoante a sua natureza.

Quando o vosso planeta estava ainda no estado de formação as suas diferentes camadas estavam já em relação directa, por vibrações, com certos feixes das artérias que animam o grande Todo.

É por isso que cada raça conservou basicamente no fundo do seu subconsciente a faúlha geradora que animou as primeiras manifestações da vida. Cada raça possui pois qualidades diferentes. O ser deve adquiri-las todas na sequência dos tempos, numa ordem sucessiva e, para isso, ele deve passar pelos meios dominados por tal virtude, ou tal paixão. Observemos que a paixão não é mais uma virtude e que a virtude se altera, logo que o jacto fluídico é contaminado por ondas que podem ofuscar-lhe o brilho.

Não vos falarei da composição química das ondas que engendraram a faísca primária que anima cada povo e cada indivíduo. A França sempre guardou a sua chama primitiva. De acordo com o estudo da vossa história e da vossa pré-história a França, apesar de certas deformações, viu persistir através dos séculos, as virtudes da raça. São elas:

1° Actividade cerebral sustentada; 2° consciência no indivíduo do seu automatismo integral; 3° necessidade de misticismo e de ideal, mesmo quando a consciência do indivíduo se desviou; 4° luta constante entre a paixão e o ideal. Tais são as características da vossa raça. Em todo o território reencontramos estas qualidades fundamentais, as paixões são

aí mais ou menos idênticas. Na origem foram radiações vindas do oeste que afectaram o vosso país.

Se, do espaço, tivésseis seguido a génese de um mundo, veríeis que antes de ser entregue a si mesmo, uma espécie de rede fluídica levando-lhe o suco alimentador o cercava. O pólo vibratório que alimenta a vossa raça ligou-se ao vosso planeta no Sul da Bretanha. Nesta época é verdade, não havia nem a Bretanha, nem a Gália, mas apenas uma cobertura gasosa homogénea, as vibrações estenderam-se do Sul ao norte na forma de leque, e tomaram contacto nesta direcção com a cobertura gasosa. Este estado de coisas durou durante todo o período de transformação da crosta, e, quando os primeiros seres humanos apareceram, foram impregnados destas radiações.

Esta radiação primária que tocou o vosso país transmitiu-se através das gerações e das existências, porque cada ser transporta consigo no seu subconsciente a faísca vital produzida pela primeira propulsão.

Quer seja nos nossos dias, na Bretanha ou sobre as costas inglesas do sudoeste, reencontramos as mesmas características de aspirações, de ligação ao solo, que provam que as vibrações foram as mesmas em toda esta região, enquanto que quanto mais nos afastamos do centro-oeste, mais constatamos que a pureza do sentimento céltico se enfraquece.

Em resumo, o celtismo corresponde pois ao ponto de chegada de uma corrente, extraída das artérias da vida universal, e que penetrou o envoltório terrestre desde a sua formação, até ao centro-oeste. Daí provêm as faúlhas vitais sempre latentes na consciência francesa.

ALLAN KARDEC.

Nº 6. - A CORRENTE CÉLTICA E O CARÁCTER FRANCÊS.

A raça céltica que, dum modo geral, tinha surgido no vosso globo no oeste da França, estendendo-se para o noroeste, aproveitou as radiações transmitidas pelo feixe vibratório do qual já falámos. Todo o Celta puro devia pois estar impregnado das virtudes e pensamentos, provenientes directamente dos focos superiores. Eles traduziam-se, para os inspirados, Druidas e bardos, por um élan e um regresso à luz do espaço numa erupção de amor, de reconhecimento das alegrias experimentadas nas esferas vibratórias do astral.

À medida que nos afastamos do ponto de encontro deste raio vibratório, as virtudes primárias transmitidas por este raio enfraquecem-se; mas os seres que vão suceder-se sobre a crosta terrestre continuarão a

receber, através dos feixes complementares e intermitentes, ainda que com menos intensidade, as radiações do pensamento superior.

Quanto mais o ser humano se tiver libertado da influência material, do ponto de vista vibratório, mais a sua compreensão se aproximará intuitivamente da vida extraterrestre. Tentemos reconhecer o que permanece através dos séculos da faúlha primitiva, transmitida por reflexo aquando da criação do vosso globo.

Na vossa raça francesa o misticismo deriva da chama céltica com a generosidade particular a esta raça; depois, à medida que subimos do centro para o norte, ele ganha um sentido cada vez mais reflectido, mais moderado.

Através dos séculos, estas diversas qualidades fundiram-se para formar a vossa raça francesa. Analisando-o de perto, esta raça tem subdivisões e, se pudesseis ver ao microscópio o que permanece da faísca individual, de essência divina, poderíeis constatar que, do que ela ficou mais fortemente impregnada, foi do misticismo.

Há causas e leis que governam cada indivíduo. Todo o ser humano deve possuir as suas qualidades próprias, as suas vibrações específicas, a fim de receber e de trocar as intuições com os mundos superiores. Se lêsseis na alma de um Bretão, quando ele está em oração, veríeis a pequena chama da sua consciência vibrar de uma maneira intensa sob o efeito dos raios refractários do solo e que devem alimentar a crença mística.

Se este Bretão, saído do seu ambiente, for colocado em contacto com um médium sincero, a sua educação esotérica tornar-se-á fácil e um grande número deles reencontraria em pouco tempo no seu subconsciente a crença pura das existências passadas.

25 de Junho de 1926.

Nº 7. - ANALOGIA DO IDEAL JAPONÊS COM O CELTISMO.

O meu país é distante do vosso. Escrevi na minha língua maternalmente humana. Não me compreendestes, os caracteres estavam de cima para baixo, são fonéticos. (O espírito antes de falar tinha traçado sobre a mesa sinais incompreensíveis para nós.) Isso vai dizer-vos um pouco sobre a minha origem. Fui enviado por Allan Kardec para vos dizer que a essência espiritual que anima o povo japonês é idêntica à que impressionou os primeiros Celtas. A espiritualidade é extraída das

próprias fontes da luz do espaço. Assim como haveis recebido um raio que juntou o planeta na Bretanha, como vos explicámos, um raio da mesma essência uniu-se na parte do globo que compreende o Japão e irradiou-se até à Manchuria. Nós, Japoneses, adquirimos deste facto a impressão indelével da vida do espaço. A vida terrestre é um sonho, e a grande, elevada, luminosa vida está no meio do éter.

O Japonês, que se preocupa com a sua elevação moral, conserva sempre no fundo da sua consciência a recordação íntima da relação que o une à vida superior. Daí, o nosso culto por Deus e pelos seres evoluídos que povoam o universo sob formas diferentes. Daí, o nosso culto do pensamento, em homenagem aos desencarnados que, de perto ou de longe, formaram a nossa família espiritual e humana.

Quando o espírito vai directamente, e sem recuos de pensamento, para os focos eminentemente espiritualizados, ele capta noutros pensamentos que são a mudança de perspectivas que devem gerar a evolução moral, e preservar da influência do materialismo. É por isso que os Orientais conservaram o culto dos mortos. É por isso que, do vosso lado, os Druidas evocavam sempre, nos círculos de pedra, os seres que vivem nos diversos planos. Daí, instintivamente a coragem perante a morte, o espírito de sacrifício e o amor da natureza.

A natureza japonesa parece, actualmente, ter perdido a flama mística dos séculos passados. Isso deve-se às trevas que envolvem a vossa terra. Como na origem, as grandes correntes penetravam a nebulosa na sua formação, na hora presente, esta terra, que já não é nebulosa, limita as radiações do espaço e, conseqüentemente, dá lugar à materialidade sobrepondo-se à iniciação e à fé mística. Eis o que me é permitido dizer-vos hoje para a vossa documentação pessoal. Tenho dificuldade em expressar o meu pensamento, porque não conheço a vossa língua. Foi necessário a ajuda de um espírito assistente para que as minhas formas-pensamento se apresentem claras no cérebro do médium e sejam traduzidas por ele.

Retorno ao espaço livre e satisfeito por ter podido regressar à terra para vos comunicar um pensamento que possa iluminar a flor cujo perfume vai espalhar-se através das páginas do vosso futuro livro.

KASULI.

Antigo preceptor no Tribunal imperial do Japão.

25 de Junho de 1926.

Nº 8. - MÉTODOS ESPIRITUAIS DOS DRUIDAS.

Seria interessante dar-vos a conhecer o ponto de contacto e as diferenças que existem entre as religiões orientais e o celtismo. Reencontramos no Japão os pontos fundamentais idênticos às correntes vibratórias lançadas na Bretanha.

Tendes noções precisas sobre o celtismo e sabeis que os Druidas e certos iniciados captavam estas vibrações que, menos analisadas que hoje, se traduziam neles por simples intuições.

Durante as cerimónias druídicas, os sacerdotes e as sacerdotisas caíam no estado de transe. A sacerdotisa era o médium dos druidas, melhor preservado, habitando no meio da natureza. Em geral ela era casta.

As populações desta época estavam ao abrigo do materialismo e é por isso que era necessário suscitar a sua imaginação através dos sacrifícios. Os sacrifícios, quer de seres humanos, quer de animais, eram a base das cerimónias druídicas, e eram precedidos de cantos que constituíam outros tantos apelos vibratórios próprios paraa facilitar as intuições. Certos druidas tinham o poder de provocar a exteriorização dos sujeitos de modo que estes, sob a influência do sono magnético, caminhavam voluntariamente para a morte.

A atmosfera terrestre nesta época e neste canto da França, sob a radiação vibratória da qual vos falei, era mais fluida que a atmosfera dos nossos dias.

Vibrações mais fortes vieram atingir a vossa terra, à medida que a sua carapaça se tornava mais espessa a natureza das vibrações transformou-se. Não podemos sempre, do ponto de vista vibratório, agir sobre o solo como o fazíamos no tempo dos Druidas, devemos limitarmo-nos a influenciar certos temperamentos susceptíveis de armazenar as forças fluídicas veículos do pensamento. Seguindo a evolução do vosso planeta constatareis que os eflúvios perdem o seu carácter volátil para emprestar mais forças vibratórias e é por aí que o cérebro humano chegará, por adaptação científica, a descobrir as fontes da alma universal.

Digo a adaptação científica, e não a ciência pura, porque a ciência deve colocar-se no caminho da orientação espiritualista, e é a consciência, iluminada pela fé, que a guiará para um maior e mais vasto conhecimento.

Para retornar aos Druidas, diremos que recorriam às invocações à natureza para colocar-se num estado de equilíbrio, capaz de fazer-lhes captar as vibrações dos pensamentos superiores. Era certo para eles que

o sopro superior existe, que a terra está cercada de forças criadoras, e que a vida não se confinava aos limites das florestas bretãs. Certamente, estas forças não desenvolviam nos cérebros dos habitantes de então geniais invenções que teriam podido conduzir a uma civilização material quase espontânea. Mas o que os Druidas ensinavam já, é que a terra é uma estação que se formou fluidicamente e que deve evoluir, para depois desaparecer.

Os pensamentos dos Espíritos que tocavam os Druidas eram os das individualidades que habitam quer o espaço, quer os mundos já formados. Quando uma terra está em formação e que seres conscientes a devem povoar o primeiro afluxo que recebem é o que lhes dará de maneira imperissível a crença na vida superior e invisível. Esta crença deve transmitir através das gerações a luz da consciência que, do ponto de vista carnal, é necessária para a evolução e o *transfert* na pluralidade das existências.

Somos levados a falar das raças. Deixamos o druida proceder à iniciação espiritual dos habitantes de uma parte da França. O camponês bretão desta época é naturalmente um primitivo do ponto de vista da civilização humana. Através da história reencontramo-lo, sempre imutavelmente areigado a três grandes princípios: amor pelo sobrenatural, amor pela sua terra, amor pela sua raça. O amor do sobrenatural veio-lhe por este afluxo das radiações transmitidas pelos médiuns dos druidas, que, do ponto de vista humano, impregnou a matéria carnal dum misticismo cultivado por uma imaginação religiosa e uma fé ardente por tudo o que é oculto. Daí um temor da vida futura no caso de impiedade para com o Criador. Daí derivam a ingenuidade mística das multidões e também a elevação sincera que inspira a abnegação nos marinheiros e a resignação de quase todos os habitantes da península de Armor.

A piedade é para o Bretão o laço que sustém o elo da cadeia das vidas. O envoltório carnal do Bretão aspira os eflúvios nutricionais transmitidos pelo solo. Se na sua consciência ele conserva sempre o misticismo e a confiança na força divina ele experimenta uma espécie de gozo em absorver a atmosfera que se liberta do solo da sua Bretanha. Este fenómeno dar-lhe-á o equilíbrio forçando-o instintivamente a permanecer neste solo. A natureza da sua terra-mãe assemelha-se aos braços de uma mãe terna, cujo coração é representado pela fé mística transmitida pelos raios do espaço.

Em resumo, o amor do sobrenatural e o amor do solo natal são os dois principais factores que constituem a raça bretã. Neste meio no solo ardente e misterioso, rodeado pelo mar, o habitante adquirirá as qualidades superiores do ponto de vista da sensibilidade mística.

A raça bretã é ao mesmo tempo sensível e robusta. A sensibilidade vibratória brotou-lhe do espírito e é do seu solo que lhe vêm um ardor e um misto de selvajaria que se reflectirão no seu temperamento.

A natureza armórica cultiva na sua imaginação o culto da lenda, o dos antigos ritos e, apesar das existências sucessivas e das deformações inerentes à civilização, quando chega a morte, o desencarnado bretão transporta consigo os mesmos estigmas impressos há séculos.

A marca do celtismo ficou impressa na raça bretã, como já o disse, por capilaridade através do solo e, através das migrações humanas, a chama céltica é, e permanecerá um dos focos que anima e ilumina toda a França.

ALLAN KARDEC.
9 de Julho de 1926.

Nº 9. - VARIEDADE DAS RAÇAS HUMANAS.

Os Celtas foram os primeiros pais da espiritualidade. São as palavras de um dos grandes dignitários da Igreja, Léon XIII, que tive ocasião de encontrar no espaço e que comunicou este pensamento; dou muita importância a esta palavra, ela prova que a visão do espaço é mais clara que a da terra.

A respeito das pretensas origens orientais dos Celtas, certos historiadores enganaram-se. Disse-vos que um raio fluídico tinha atingido o Ocidente na vizinhança da Bretanha, aquando da formação da terra, raio que transmite os elementos necessários da vida universal. Mais do que um raio semelhante atinge o vosso planeta.

Muitas destas correntes tinham fundamentais distintos embora a velocidade[D1] das vibrações fosse a mesma. Observem que, se do lado ocidental *tem ele* a bela luz espiritual céltica, não podemos deixar de constatar que no Oriente, e mesmo no Extremo-Oriente, existe um misticismo muito elevado que pode assemelhar-se nos Japoneses, por exemplo, a certas crenças célticas.

Do ponto de vista da raça há elementos terrestres que estão unidos aos da Bretanha. Consequentemente trata-se de um duplo fenómeno de

radiações, os seres humanos, igualmente tocados pelas radiações do espaço e pelas do seu solo natal, podem apresentar as mesmas características, em graus diferentes dos de outras raças. É por isso que existem entre o camponês bretão e o camponês do Sul da Rússia, na Ucrânia, por exemplo, características análogas. Veneração da natureza, fixação ao solo, confiança nativa no sobrenatural. Não há pois nada de surpreendente no facto de certos escritores, que não conhecem os fenómenos da vida magnética e extraterrestre, tendo reparado simplesmente nestas analogias, tenham sido levados a reunir muitas raças num tipo único.

Comentário [D1] : Página: 145
frequência?

Mas pode acontecer que entre dois raios elevados haja o nascimento de seres quase selvagens ou rudimentarmente organizados. Tendes disso uma prova pela presença de raças selvagens, como os Hunos fixados na Hungria; mais ao norte, os povos germânicos, no início estas povoações encontravam-se colocadas a igual distância do raio celta e do raio oriental. Cada raça evoluída encontra-se sob a acção do raio regenerador, seguidamente estende-se em ondas humanas em redor deste raio até que este encontra as ondas vindas de um outro raio. E isso explica as diferenças de raças, porque o raio céltico (cito-o porque está mais perto de vocês) sendo de uma ordem espiritual muito elevada, e o raio oriental sendo-o igualmente, está longe deles, outros raios, tendo uma outra característica, cuja luminosidade é rica em número de cores e cujas vibrações são mais rudes. Estes raios representam a coragem brutal, a força dominadora, tendes disso o testemunho nos Germânicos e nos Húngaros. Daí os choques entre as correntes e conseqüentemente as lutas de raça. Estas correntes existem sempre, mas transformam-se no decurso dos séculos, dão aos humanos o alimento e a assimilação do pensamento de acordo com o seu grau de evolução e a natureza do seu solo. Certamente os seres humanos colocados entre dois raios superiores podem chegar, quer individualmente, quer em grupo a afirmar-se, e a assimilar mais elementos vibratórios superiores do que no início. É uma questão de consciência no sentido absoluto da palavra e também de elevação pessoal. A natureza dos raios evoluiu muito desde os inícios da vida autónoma do vosso planeta. Os grandes raios espirituais elevados não têm mais a força regeneradora de então e do mesmo modo os raios

primários menos espiritualizados transformaram-se; daí as flutuações em cada raça. Encontrais em cada povo eras de elevação espiritual alternando com períodos de acções materiais. É a lei do trabalho absoluto e sem constrangimento.

A França actualmente parece-nos, do espaço, sempre envolvida por raios vindos das esferas muito elevadas, mas que parecem encobertos por uma espécie de vapor originário das emanações terrestres materiais. É por isso que tendes, actualmente, no vosso país, choques que não se produziam nos Celtas que se impregnavam e retiravam as suas directivas das próprias fontes da natureza. Os dois grandes raios, dos quais falei, continuam a enviar os seus fluidos vitais que devem conservar nas consciências humanas a crença no invisível, na sobrevivência e também na força divina criadora da vida maior.

Na Inglaterra, existe uma dupla corrente que nos indica sempre a proximidade do raio que gerou o celtismo.

1º Confiança da sociedade cultivada na existência do ser invisível; 2º misticismo na classe popular. Os seres refractários a esta dupla corrente permanecem ligados aos gozos materiais e rejeitam a doutrina superior.

Tenho encontrado ultimamente na Inglaterra famílias que possuem ainda uma fé sincera e profunda na bondade divina, aceitando a sobrevivência superior e rezando no silêncio da natureza. Esta família mantinha ainda vivaz a chama céltica, não maculada pelas gerações. Fiquei vivamente impressionado pelos Espíritos vindos junto destas pessoas para preservar a chama da sua consciência. Na Bretanha francesa, a pequena chama existe também, mas é mais vacilante, porque o ambiente das radiações vizinhas muda o seu movimento para o azul. No Centro da França subsistem nos vossos camponeses parcelas da fé céltica, incrustadas no subconsciente; revelam-se em certos sujeitos por uma expressão de candura e de sinceridade na oração, único elemento que permaneceu das radiações célticas. Nas vossas cidades este elemento desapareceu devido à influência materialista.

O raio celta e o raio oriental não são os únicos raios elevados que devem transmitir a alta espiritualidade aos humanos. Há um muito belo raio na Escandinávia, um outro no Egipto, vindo do golfo Pérsico, e que se prolonga do Norte de África até ao Atlântico. Os raios celtas, escandinavos e orientais são os mais puros. O raio celta é mais etéreo mas o raio escandinavo possui mais cor. O raio oriental é simultaneamente composto pela cor azulada celta e pelo sol de ouro que representa a força na crença mística.

Os vossos filósofos, os vossos historiadores foram influenciados pelas analogias que existem entre as influências das diversas correntes e colocaram o berço dos Celtas em diferentes pontos.

ALLAN KARDEC.
23 de Julho de 1926.

Nº 10. - O RAI0 CÉLTICO. (*Sequência.*)

O raio céltico, do qual vos falei, conservou-se através das eras na vossa consciência francesa sob a forma do amor ao solo. Os Druidas possuíam num alto grau esta radiação que fazia deles pólos magnéticos que, por refacção podiam transmitir aos seres circundantes a chama mística e superior que tivessem recebido. O seu poder sobre as massas ignorantes foi grande. Num dado momento, por intuição, um certo número de Druidas recebeu a missão de avançar nas terras. Munidos de poderes ocultos impressionaram os bárbaros e transmitiram o seu magnetismo pelo seu encantamento sob a forma do culto, e, conseqüentemente, a cobertura fluídica expandiu-se mais na Gália.

A passagem dos Druidas é incontestável no Centro da França e em Lorraine. Pode-se dizer que o celtismo é o foco radiante donde saiu a raça nacional gaulesa. Sob a acção dos ritos célticos o homem impregnou-se de misticismo, o seu corpo ficou mais flexível e pôde receber certas vibrações do espaço. Estas vibrações não puderam desenvolver-se gradualmente, porque as gerações não possuíam todas as qualidades de absorção necessária à assimilação dos fluidos.

As vibrações primárias célticas ficaram impressas nas almas. Adormecidas durante a vida de uns despertando nos descendentes de acordo com as suas aptidões.

É por isso que podeis constatar na vossa história impulsos ou retrocessos traduzindo-se na ascensão para o ideal ou na descida para a matéria.

Seres chegados ao mesmo grau de evolução tendo armazenado este mesmo número de vibrações célticas não o exteriorizaram no mesmo momento, nos mesmos lugares. Um Bretão tendo recebido directamente dos Druidas, no país natal, a fásca céltica transmiti-la-á às suas crianças que a conservarão em estado de ignição até ao momento em que ela se reacenderá sob a forma duma chama unsuspeita.

Este momento aproxima-se. Em breve ireis constatar um movimento de espiritualidade constante e duradouro. Deus tem projectos para a terra. Pressentimos grandes coisas, porque o espiritual deve fazer evoluir a humanidade.

ALLAN KARDEC.
20 de Agosto de 1926

Nº 11. - MÉTODO DE COMUNICAÇÃO ENTRE ESPÍRITOS E HUMANOS.

Desde a nossa última conversa faltou-me procurar o método mais fácil para infundir num cérebro de médium e aos seres humanos a solução dos problemas que me colocais. Entrei em contacto com Espíritos das esferas superiores que me falaram da transmigração dos seres desde a sua origem.

No espaço nós estacionamos numa esfera de média densidade e, de lá chamamos os seres superiores. Eles não vêm sempre porque o seu raio não pode ser suportado por nós, mas o seu pensamento atinge-nos como as ondas da terra atingem o ressoador telefónico.

Assim que a chamada foi ouvida e que os dois seres desencarnados entram em contacto, os pensamentos trocam-se sob a forma de cores transmitidas pelas vibrações. Mas, quando pedimos soluções para problemas de uma elevação superior à compreensão dos humanos, nós, desencarnados, assemelhamo-nos aos encarnados correspondendo ao último plano da sua evolução terrestre.

Na terra, tomai dois indivíduos de inteligência e de compreensão diferentes e abordai uma questão desconhecida deles. Ela será compreendida imediatamente por um e não pelo outro e um esforço de adaptação tornar-se-á necessário. Acontece de igual modo no espaço. Por isso eu resolvi o problema da vida psíquica do ponto de vista das reencarnações, a correlação entre a vida humana planetária e a vida dos encarnados.

Mas, o que vós pedis, é a maior precisão possível sobre a molécula primária, ou seja o ponto inicial da vida. Agora é necessário que eu conduza a vós o raio superior que ensina o mistério. Quando este raio chegar até vós terei a possibilidade de vos informar.

Os mistérios da criação não podem ser revelados a toda a criatura humana. Por isso os seres devem colocar-se em disposições especiais afim de que as suas vibrações sintonizem com as vibrações superiores.

Será necessário reuni-vos numa câmara fechada, as portadas fechadas. Tomar as instruções à luz de uma lâmpada protegida por um paravento. Antes da sessão banhareis a fronte do médium com o algodão embebido de um pouco de água fresca. Penetrando no médium eu magnitizarei a camada de água e isso servirá de fuído amortecedor.

Receberei então do espaço as vibrações que me farão compreender os problemas. Prometi-vos uma ajuda séria do espaço, tereis a documentação que desejais, se reunirdes os meios para isso. Dado que haveis consagrado a vossa vida à divulgação de uma crença tal como eu mesmo o fiz, tornaste-vos o meu colaborador na terra. Dou-vos toda a minha personalidade fluídica para obter a chave de um problema misterioso. Mas, para isso, é necessário que os raios das grandes esferas vos venham tocar directamente.

A humanidade não deve transgredir do ponto de vista evolutivo as regras colocadas como bases da vida universal. Para compreender a mínima parte desta vida universal é preciso desenvolver a sua vontade, o seu desejo de ascender para o ideal, penetrar-se de um banho fluídico puro e regenerador.

Há grandes Espíritos que são incapazes de compreender donde e como vieram e para onde vão. Mesmo, se eles o compreendem no espaço, esquecê-lo-iam incorporando-se num médium e por maioria de razão ao reencarnarem na terra para uma nova vida.

Quando penso e reflecto no espaço, as vibrações psíquicas de todo o meu ser podem realizar a plenitude das minhas faculdades, mas, logo que eu penetro no médium, estas vibrações diminuem e o meu poder perde muita da sua extensão. Há mundos fluídicos onde a compreensão é mais nítida do que junto de que vós. À medida que a matéria perde o seu poder, o estado psíquico torna-se mais subtil e impregna-se mais facilmente com as radiações da vida universal.

No seu período de formação, a vossa terra foi impregnada com grandes correntes das quais vos falei, e, se os Celtas e os Druidas captaram as vibrações directas, é porque o vosso planeta estava ainda todo envolvido por vibrações provindas de uma acção superior que se foi se atenuando no decorrer dos tempos.

ALLAN KARDEC.

3 de Setembro de 1926.

Nº 12. - ORIGEM E EVOLUÇÃO DA VIDA UNIVERSAL.

Pedistes esclarecimentos sobre certos pontos obscuros da doutrina Druídica. Neste aspecto pus-me em contacto com as esferas elevadas afim de obter alguns indícios sobre o foco superior regenerador da vida e do amor. Três círculos, vós o sabeis, formam as bases da doutrina Céltica por consequência o mais elevado corresponde ao foco divino.

Das explicações fornecidas pelos Espíritos superiores resulta que a inteligência humana não deve conhecer o segredo da fonte suprema da vida. Eis o que vos posso dizer segundo as radiações que me chegam. Existe para além dos planos formados pelas criaturas, de acordo com a sua evolução através da sua vida pura, uma esfera totalmente vibratória, sem limites, que mergulha na imensidade do universo, mas que não é sentida senão a partir de certa evolução. Esta esfera vibra e a criatura terrestre que a alcançou percebe-a ainda sob a forma de vibrações da consciência no seu eu interior.

As vibrações do grande foco estão em comunhão com a consciência, e, assim que esta está desenvolvida, o sentido místico também o está igualmente. Ele está em relação directa com a evolução da consciência.

O grande foco vibratório anima todo o universo e de grau em grau cada ser recebe as inspirações e as impressões directas da fonte à qual chamais Deus sobre a terra.

Tereis um dia a definição exacta da palavra Eterna e compreenderéis a célula viva inicial deste grande círculo superior vibratório. Mas o vosso cérebro humano explodiria se a chave do mistério aí fosse introduzida. Agora eis o cerne da questão e a admissão do grande círculo superior em que reside o poder criador. As moléculas que daí emanam espalham-se através do espaço como um ramo de fogo de artifício. Espalham-se em ondas que vão formar as centelhas criadoras dos seres. Em redor destas moléculas fundamentais circulam as vibrações que vão formar os focos que representam os mundos. E tudo isto é constantemente recriado.

Todo o sistema criado tem a sua vida própria e subdivide-se ele próprio num sistema específico. Os planetas têm a sua vida, as suas transformações. Os sóis emitem ondas à sua volta. O sistema gasoso forma-se primeiro, seguidamente o mineral, o vegetal, para chegar à criatura humana. Esta, ser pensante, é dirigida pela centelha vinda da

grande fonte enquanto que os sistemas minerais e vegetais são criados pelos reflexos de geração secundária.

Tal é a evolução da matéria terminando no envoltório carnal, ao qual se adaptará a vibração inicial da consciência em conexão directa com a centelha suprema. É assim que a projecção se estabelece.

As vibrações do grande Todo não são especiais a uma região como se crê geralmente, mas preenchem todas as regiões do universo. Elas não são perceptíveis para os seres senão na medida do crescimento da sua sensibilidade. As religiões, nas suas concepções de Paraíso e de regiões celestes, apresentam apenas pálidas imagens, enquanto que de certeza as vibrações do pensamento divino animam todo o universo.

Os Espíritos não estão todos em condições de penetrar no azul vibratório porque é necessário um grau suficiente de aperfeiçoamento para perceber e apreciar a beleza e a grandeza da vida superior. Cada sistema planetário tem o seu grau de elevação e, chega um momento em que os seres evoluídos, vivendo nos planetas em vias de progresso, são mergulhados mais directamente no azul. Os Espíritos comuns roçam os Espíritos luminosos sem os ver; mas em certas condições os Espíritos superiores podem tornar-se visíveis afim de iluminar os Espíritos menos evoluídos.

Assim que o espírito em vias de evolução pode, pelos seus méritos, entrar em contacto com o mundo superior e receber a luz vibratória da fonte suprema, ele recebe uma impressão de força, de poder, e tão depressa o impulso cessa, permanece com a percepção da luz que se junta ao seu grau de evolução. Esta luz traduz-se em milhões de centelhas vibratórias, dotadas de uma radiação intraduzível aos sentidos humanos e que enriquecem o seu *perispírito*.

*

* *

Regressemos à molécula vibratória procedente do círculo de Ceugant, criadora de vida. Ela é toda pureza e luz, é a fonte das criações inferiores, a animadora das vidas sucessivas, são esses os elementos que constituem a vida superior.

Os Druidas foram colocados no vosso globo para aí levarem quanta luz fosse possível deste plano superior que reflectia a sua consciência. Nos primeiros tempos a iniciação foi directa dado que a referida consciência era pura.

Esta palavra consciência significa para nós, centro vibratório ainda não maculado e podendo comunicar com o plano divino. É por isso que, no estudo de vossos semelhantes, ainda que os seus actos vos pareçam repreensíveis, se a sua consciência não está destruída, permanece neles um pequeno centro vibratório susceptível de reabilitação.

No início da sua religião, os Druidas gozaram dos benefícios duma comunhão vibratória muito intensa, o que lhes valia o título de Iniciados. Mas, ao contacto da matéria, por refacção, os ensinamentos druidicos foram deformados pelos homens. As consciências obscureceram-se e as intuições encobriram-se, as iniciações fecharam-se.

Por conseguinte, em graus diversos, a consciência humana está muito impregnada do divino. Conservará ela este património? Ao desencarnar, a alma humana coloca-se na luz que ela pode assimilar, consoante o seu grau de recepção e de conservação das vibrações divinas.

Se, na sequência de uma vida terrestre, a molécula divina é paralisada pela matéria, a progressão é suspensa, a lembrança das paixões materiais perturba a consciência e transporta uma espécie de enturpecimento do ser espiritual. É o que os Druidas chamavam o *princípio de destruição*, dado que a evolução parou.

Para que a evolução retome o seu curso, é necessário que os Espíritos luminosos dissolvam esta espécie de casca passional fluídica para reavivar a centelha consciente, e, o ser espiritual reanimado, retomará a sua marcha através das suas existências. Numerosos são os espíritos desencarnados que se encontram estacionados na sua evolução.

Assim como a luz perde a sua chama logo que é coberta com cinza, a consciência espiritual retorna ao nada quando está demasiado carregada de matéria, esta não sendo do ponto de vista vital mais do que o apoio da essência espiritual.

Sabeis que esta matéria é produzida pela velocidade[^{D1}]mais ou menos grande das vibrações entre as diferentes camadas de ondas que emanam de um ponto vibratório. Logo que emanam deste ponto ondas espirituais para a formação de um mundo que deverá conter centelhas conscientes, é necessário como consequência, que as moléculas vibratórias mais pesadas, se transformem em matéria.

No decurso da evolução, chega um momento em que a molécula material se refina suficientemente para tornar-se por sua vez uma molécula vital consciente, e isso produz-se quando esta matéria se liberta de um mundo inferior para voltar ao espaço, unir-se às moléculas

vitais de luz. Os Druidas tinham disso a intuição dado que dedicaram um culto a certos objectos materiais.

[D1] Página: 152
frequência?

Terminarei dizendo que a centelha vital consciente, uma vez lançada na imensa arena, deve percorrer um ciclo de existências sucessivas através de mundos e de espaços variados porque, tudo o que muda de forma, muda de meio. A marcha da sua evolução está em relação directa com a conservação e o desenvolvimento da molécula vital consciente. Assim que esta forneceu um certo número de etapas num sistema planetário, ela refina-se e continua a subir na escala dos mundos em paralelo com as outras centelhas vitais conscientes.

Há pois duas criações paralelas. A criação da centelha vital consciente, que corresponde ao ser humano, e a evolução da matéria constitutiva dos mundos.

ALLAN KARDEC.
15 de Outubro de 1926.

Nº 13. FORÇAS RADIANTES DO ESPAÇO; O CAMPO MAGNÉTICO VIBRATÓRIO.

A propósito de uma questão a respeito de um artigo do jornal *Matin* (3 de Outubro de 1926) anunciando a descoberta de certas radiações do espaço.

Esta descoberta ou experiência é apenas uma orientação, porque deveis, do ponto de vista psíquico, receber os ensinamentos gradualmente a fim de não ficardes perturbados.

Já os Druídas conheciam estas ondas. No meio da natureza as paixões materiais não exerciam uma influência parasitária.

O Druída era iniciado com vista a deixar à história futura documentos que se aproximariam um dia das doutrinas científicas. Podiam assim servir para a elaboração de fórmulas, constituindo no seu conjunto, um ensino superior idealista (alusão às Tríades).

O Druída recebia intuitivamente eflúvios vindos de seres e de origens superiores, e isso através das ondas. Mas seriam necessários séculos para que o ser humano, pelo seu trabalho pessoal, pela sua adaptação científica, pudesse assimilar todas as consequências de fenómenos que não teriam podido ser admitidos na época druídica. Era necessário

entretanto que a doutrina pura fosse registada pelo ser humano vivendo nessa época no meio da natureza, e conservada através das eras, afim de que, num certo momento, comparando a doutrina idéo-céltica e a doutrina idéo-científica moderna encontrássemos entre elas uma ligação imperpassível.

Cedo veremos produzirem-se fenómenos extremamente curiosos para os não-iniciados e fascinantes para os iniciados. Se os diferentes ciclos da doutrina Céltica representam diferentes escalões na ascensão da vida espiritual, a descoberta das diversas espécies de ondas concretizar-vos-á a composição dos diferentes meios e chegará um dia em que recebereis, por uma linguagem conveniente, gamas de cores semelhantes à dos pensamentos.

Quanto mais o meio vibratório for estudado e analisado, mais tereis a possibilidade de conhecer e de captar as forças exteriores ao vosso globo.

Nós mesmos, que estamos no espaço, concebemos a marcha da vida de uma maneira muito diferente da vossa. Sabemos que as vibrações vos são transmitidas, que o vosso ser humano as recebe, armazena algumas, mas que os vossos sentidos específicos são demasiado inferiores para permitir-vos exteriorizá-las. O campo magnético vibratório vai revelar-se-vos pouco a pouco. Não é necessário que procureis apreender a chave do problema de só um golpe, porque o vosso cérebro físico desagregar-se-ia. O Druida, imunizado até certo ponto, estava em relação quase directa com as forças superiores que, nessa época, tinham um afluxo maior do que nos tempos modernos. Era preciso que nesse momento a vida fosse simples, rústica e que a base espiritual se estabelecesse firmemente afim de que gradualmente a arte e a ciência viessem ajudar-vos a desenvolver a matriz que vos mostra alguns lados da organização universal.

A ciência não podia existir sem que a centelha geradora tombasse do alto já que todo o problema artístico ou científico, tem como base uma parte de intuição, sendo esta última de ordem divina.

O Druída respirou a atmosfera pura no meio da floresta, o cimo das árvores atraía as camadas vibratórias que cercavam e cercam o vosso planeta. Em frente da floresta, havia o mar que servia de condutor ao outro pólo magnético, ou seja do ponto de vista psíquico para reforçar e estabilizar o conjunto. Era necessário por outro lado que a grande massa fluídica encontrasse o seu equilíbrio sobre a terra e sobre as águas.

O Druída, quando olhava o mar, era por sua vez banhado pelas ondas vindas da floresta e reflectindo-se como um espelho sobre a toalha líquida. É assim que a intuição lhe veio da existência dos ciclos que conheceis. Resumindo, sabeis que a onda é uma sucessão de círculos do ponto de vista vibratório.

Ser-vos-á dito um dia porque razão o Druída tinha esta intuição e porque na obra divina ela não se concretizou senão vários milhares de anos mais tarde. Podereis observar que o movimento céltico por um lado, os movimentos cristão e budista-índu por outro surgiram em países ao mesmo tempo montanhosos, arborizados e vizinhos do mar.

Se o Druída amava a floresta, o Cristo amava a colina. Por isso, podeis daí deduzir o fenómeno científico real de que a onda se presta melhor à captação num meio elevado que nos baixios, e, que a vizinhança do mar ajuda fortemente à sensação das camadas vibratórias. A água capta o pensamento e depois transmite-o, é necessária à fecundação da terra, é um facto que considerais do ponto de vista material e nós, do ponto de vista espiritual.

As forças vindas dos espaços são absorvidas pela vossa terra graças aos lençóis de água, a à vegetação luxuriante, as montanhas, as colinas, as planícies e cada ser humano pode ser impressionado por estas ondas. Haveis tido disso o testemunho estudando de perto a doutrina céltica. Falei-vos dos raios que vieram banhar a lande e a floresta bretã, raios, toalhas de ondas que igualmente se espalharam sobre diferentes partes da vossa terra. Mas devo acrescentar que a vossa raça francesa deve em grande parte a sua orientação às camadas de ondas recebidas no oeste do vosso país.

O Druida pelos seus encantamentos, pela forma do seu culto atraía as forças invisíveis e sentia os seus efeitos sob a forma de toques fluídicos. Hoje, esta sensibilidade desapareceu para a maioria dos humanos. É necessário encontrar-se, em condições especiais para poder, como o Druída, sentir o afluxo exterior.

Podeis dizer que a palavra Celtismo representa, para o homem moderno, a forma concreta de uma doutrina tendo por base a assimilação, a concentração, o desenvolvimento e a erupção de forças, formando parte integral do movimento cósmico.

Vivi nessa época e posso afirmar-vos que nos tempos druídicos o ser humano sentia esta força radiante que na sequência dos séculos foi preciso adaptar cientificamente – só possuo esta palavra - ao seu envoltório carnal. Podia assim aprender a ler, a analisar e a dissociar as

partes impalpáveis e vibratórias susceptíveis de dar-lhe alguns esclarecimentos sobre o mistério da criação. O Druida, pela sua iniciação era capaz de compreender o papel das camadas de ondas, mas, tinha em redor dele uma massa humana primitiva muito pouco evoluída para perceber a sua acção. De acordo com a vontade superior convinha nessa época depositar uma centelha que, nos Druidas, se traduzia pela compreensão da evolução universal. E gravando-se inicialmente e com profundidade a majestade desta evolução, a essência da doutrina permaneceria latente através dos séculos. Esse era o objectivo do Druidismo que devia ser o detentor do conhecimento das forças superiores.

Restava propagar, por entre o maior número possível de humanos, a autenticidade desta revelação. Dois factores ajudaram à sua difusão: a teoria das existências sucessivas e as perturbações materiais e morais que se repartem através da vida dos seres e dos mundos.

Actualmente, haveis visto no decurso da história as paixões nascerem, crescerem e diminuírem consoante as alternativas de progressão e de regressão e através dela o ser humano elevar-se do estado selvagem ao estado actual.

As artes floresceram, mas o seu desenvolvimento foi obstruído pela atrocidade das guerras. Resumidamente, após os inúmeros fluxos e refluxos conseguis hoje fazer penetrar em certos cérebros a ideia de que a natureza e o ser humano são campos de observação magnética que, em certas condições, vibram e comandam no sentido em que são as máquinas estáticas da ordem universal.

O homem moderno evoluído retirará as suas conclusões partindo da acção das forças superiores e tornar-se-á comparável à antena das vossas telegrafias sem fios. Não está longe o dia em que ficareis convencidos de que o infinito é o próprio Deus e de que a vida universal circula por toda a parte, sendo os espaços unicamente campos vibratórios radiantes.

ALLAN KARDEC.
29 de Outubro de 1926.

Nº 14. - O CELTISMO E A NATUREZA. A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO.

O Celtismo é o símbolo de um pensamento emanado do infinito e transmitido por correntes oriundas das artérias da vida universal. É uma

das formas evolutivas da vida vibratória do espaço. As árvores ajudaram enormemente à aspiração destas vibrações. O solo e as plantas que aí se encontram trabalharam no mesmo sentido.

O ser humano irá também aspirar-lhe estas vibrações? O Druida vivendo no meio da natureza, adaptando-se, pelas suas aspirações, à vida do espaço, é um dos primeiros seres que registou as vibrações sob a forma de intuições. Mas o Druida era um ser ligeiramente especial, animado de uma fé ardente. Afastava-se em larga medida da vida material, ambiental. Era um ser evoluído mas os seres rudimentares vivendo à sua volta precisarão de séculos antes de ser capazes de aspirar as ondas do espaço.

Percorrendo a história, podereis constatar que as flutuações morais alternaram com as flutuações materiais. Assim como os Druidas tinham em consideração o fluxo e o refluxo do mar, as civilizações humanas inspiram-se do fluxo e do refluxo do pensamento.

Pela lei das reencarnações as hordas humanas não estão n mesmo estágio evolutivo, por isso não aspiram a um mesmo nível as ondas do espaço.

Houve por isso retrocessos desde os Druidas. Foi necessário vigiar o ser humano, infundindo-lhe primeiramente o Cristianismo em seguida o culto da beleza pelas Artes e pelas Letras. Enfim, o ponto de vista científico desenvolveu-se e o Celtismo e a ciência vão fatalmente conseguir reunir-se.

A doutrina céltica, na sua pureza e na sua beleza, é como a essência do ensino inspirado pela fé na vida superior. Através da história o ser humano foi tocado em diferentes épocas, por inspirações geniais e, se aproximardes do ensinamento do Druida a recepção intuitiva de pensamentos superiores mais ou menos modernos, podereis encontrar aí uma correlação.

Fazendo caminhar a par a civilização humana e a elevação do pensamento, tomando como ponto de partida o ponto de vista céltico, vereis que em todos os grandes momentos da história, a centelha mais ou menos genial da vossa raça se alimentou nas fontes puras do Celtismo. Mas, com o fluxo e o refluxo do pensamento, esta centelha foi encoberta em diferentes momentos pela falta de homogeneidade dos seres que vivem em certas épocas. Há uma lei que quer que a progressão na encarnação não seja sempre constante. Mas na criação de um mundo há sempre elementos imperessíveis emanados da vida universal.

Os primeiros Druidas inculcaram nas populações uma fé bastante viva através de exemplos retirados da natureza mas, num dado momento, a fé obscureceu-se e foi contestada. A sua forma alterou-se ao longo das épocas, mas, se analisardes todas as religiões, aí encontrareis sempre a essência do divino que anima incontestavelmente a pura doutrina céltica.

A partir daí, o Celtismo reconhece a existência de uma fonte superior que influenciará em condições racionais o ser humano habitando o vosso globo. Como o Druida foi tocado pelas ondas do espaço, a fé, sob múltiplas formas, tocou os indivíduos através das épocas e agora, a fé e a ciência devem encontrar-se.

Agora posso dizer-vos que o ser humano, após um certo número de encarnações, e assim que possui uma sensibilidade constante e equilibrada, recebe directamente os pensamentos transmitidos por ondas do espaço e completando o seu livre arbítrio, mas é preciso que ele tenha atingido um desenvolvimento superior para receber estas vibrações. Ele deve desembaraçar-se das emanações materiais que se libertarão do seu ser e paralisam a marcha do fenómeno de recepção. Se o Druida recebia quase directamente as intuições, é porque ele as retirava das próprias fontes da natureza.

Era por destinação um iniciado. Através das épocas estes iniciados reencontraram-se. Poderíamos chamá-los os néo-druidas. Não avanço demasiado dizendo-vos que nos anos que se vão seguir, se a fé ardente não penetra em certos indivíduos, pelo menos registareis com a ajuda do vosso trabalho científico, fenómenos surpreendentes. Actualizareis a marcha ascendente e descendente dos rastos de ondas extra-planetárias.

Os Druidas ensinaram a existência destas forças desconhecidas. As vibrações de amor para a fonte divina, a figuração da natureza sempre animada foram os primeiros indícios de que tudo no universo é regido pelas leis superiores. As vibrações harmónicas mantêm a vida e fazem derramar através dos seus elos a luz que iluminará o mistério da vida superior e divina.

A doutrina materialista baseada unicamente na ciência naufragará. A doutrina espiritualista baseada na fé e na experiência deve ajudar à iniciação progressiva. É preciso que a inspiração gradual dada pela fé espiritualista caminhe em conjunto com a ciência. A ciência é o farol e a fé é a luz que o ilumina.

ALLAN KARDEC.

26 de Novembro de 1926.

Nº 15. - JEANNE D'ARC, ESPÍRITO CELTICO, ANUNCIADO POUR JULES MICHELET.

Amei a França, a minha alma iluminou-se com um ideal superior. Consignei as minhas observações na minha *História da França*. Com a ajuda de Jeanne d'Arc que eu tinha glorificado, este ideal ajudou-me a desencarnar, a reencontrar o meu caminho na luz celeste. Este espírito que, até agora, apelidáveis de “o espírito Azul” é sinónimo para vós, de espírito de luz, de patriotismo e de amor. Pronunciando o seu nome senti os eflúvios radiantes que indicam que Jeanne d'Arc tinha a possibilidade de descer até vós e de intervir na vossa próxima sessão.

O Celtismo, do meu ponto de vista, é a faúlha embrionária absolutamente necessária à radiação da vida nacional francesa. É graças à esta radiação de essência divina que a molécula que se transmite através das gerações francesas não é destruída. A alternância dos regressos de cepticismo e de materialismo com as efusões de luz idealista constitui um jogo das leis da reencarnação.

Jeanne d'Arc encarna ao mais alto grau esta alma céltica que, de uma maneira fundamental, se inspira em três grandes elementos: a fé na força divina, a fé na vida que renasce através dos espaços e a sensação dos seus reflexos na criatura francesa. O que se traduz pelo patriotismo nacional e o amor do Deus criador. Jeanne d'Arc recebeu durante toda a sua vida de missionária a radiação emanante das moléculas de ordem divina. Se os olhos da sua carne recusavam ver a luz astral, o seu subconsciente estava iluminado pela vida celeste. É por isso que ela teve uma força genial e que transformou a inspiração num ideal de beleza e de amor. Jeanne como missionária e como francesa veio dar às massas bárbaras, desorientadas e desagregadas, a iniciação que devia servir-lhes de viático. Através das épocas e das gerações é necessário, de longe em longe, que um pólo tão poderoso como puro receba as vibrações que formam a corrente da vida universal. Desde os tempos mais recuados, grandes Iniciados vieram aos mundos; tivestes na vossa terra Buda, o Cristo e Jeanne d'Arc.

O Celtismo é uma das formas da vontade divina dado que a sua doutrina emana directamente dos focos superiores e que os Druidas foram, no vosso solo, os primeiros seres capazes de compreender e de transmitir as impressões e os ensinamentos recebidos pela iniciação,

capazes também, pela radiação, de espalhar um ensino salutar sobre as massas populares.

Jeanne d'Arc foi inspirada pelas suas vozes do Bois Chenu. Ela recebeu de Espíritos superiores os ensinamentos que fizeram dela a heroína sagrada. O Druida, com o seu foicinho de ouro na mão, não via os anjos do Bois Chenu, mas recebia o pensamento através da luz divina, ou seja, era a impressão sentida pelo Druida. Ele entrava em extase inspirando-se na natureza, e via num dado momento todo o seu ser entrar em vibração. Sentia-se como erguido da terra e a sua personalidade física era envolvida por um círculo de eflúvios ao mesmo tempo quentes, suaves e fortes, o que podeis traduzir em linguagem moderna por atracção extáctica, vibração constante e recepção de ondas radiantes em todo o ser humano. O Druida em realidade não era senão um médium dotado de faculdades psíquicas e morais muito desenvolvidas.

Em certos momentos o Druida, não só sentia a influência astral, como via também as luzes, os vapores e as condensações fluídicas. Vivendo na vossa época actual, devido ao avanço da ciência, poderia melhor explicar-se e assimilar-se todos estes fenómenos, mas no seu tempo tudo lhe pareceu maravilhoso. Como não via senão condensações de vapores, ele tinha a impressão que um primeiro círculo lhe escondia outras luzes. E logo que sentia uma transmissão do ponto de vista da iniciação, parecia-lhe que um ciclo escondido ocultava a presença da força das forças e que devia inclinar-se perante esta vontade desconhecida. Após estas impressões dissipadas, uma espécie de torpor, de abatimento, de entorpecimento sucedia ao extase e a vontade do ser humano, animada por um desejo formado antes do nascimento, procurava no Druida a força para continuar o ensinamento e para espalhar em seu redor a fé nascente. Além disso, em geral, o Druida tinha o dom de exteriorizar radiações que influenciavam os seres que o cercavam. Jeanne d'Arc recebeu as mesmas impressões que o Druida, mas num sentido ainda mais elevado.

O reconhecimento dos três ciclos alterou-se em planos bem distintos, o plano de ordem divino que espalha a sua luz e anima os grandes Espíritos, o todo envolvido de uma luz mais ou menos viva que toca as criaturas sob a forma da graça; o terceiro plano perto da terra é mais humano. Jeanne d'Arc foi pois na sua época a grande iniciadora Celta, dado que veio em missão para espalhar em seu redor a fé que deve salvar na abnegação, a dor e a renúncia; a sua radiação humana foi

grande, a sua radiação espiritual é imensa. Cada parcela fluídica que emana da sua alma tem o dom de reter através dos espaços os raios de luz superior que representam o astral divino e, quando o pensamento de Jeanne toca um ser humano, assemelha-se a uma lantejoula de ouro esmaltado sobre a qual brilha uma gota de luz divina.

Jeanne veio na sua hora para revivificar uma atmosfera viciada pela indolência, pelo gozo e pelo materialismo. Se o Druida deu o piparote inicial, Jeanne d'Arc revivificou, no seu tempo, a fenda de uma luz que se escurecia, filtrada por vitrais, obscurecida pela franja de paixão e de matéria.

É necessário pois associar a luz de Domrémy às luzes do Armórico. De resto os Druidas não residiram somente na Bretanha, mas chegaram até às vertentes do Vosges.

Concluo inclinando-me profundamente perante Jeanne já que ela extraiu do seu solo regional a herança céltica transmitida pelas gerações.

A fé divina está acima de tudo; grandes missionários vos farão compreendê-lo, o amor por Deus, o amor pela humanidade e o amor pelo país são as essências das vibrações célticas.

JULES MICHELET.

10 de Dezembro de 1926.

Nº 16. - O CELTISMO NA CONSCIÊNCIA FRANCESA.

Não é sem de emoção que volto a esta terra onde vivi desgastando-me em prol da minha pátria e donde parti para as esferas de Deus. Fazeis um livro sobre o Celtismo e eu tenho de dar-vos o meu parecer sobre este assunto, porque, vos devo um pouco de reconhecimento por terdes escrito a minha modesta vida. Grata, rogo a Deus e seus eleitos, de todo o meu coração que vos abençoe e que vos dê as intuições que permitem à alma desabrochar na beleza e na luz dos céus.

O Celtismo é a centelha animadora da fé superior no ser colocado sob a sua acção; neste acontecimento, esse ser é o Francês. O Celtismo representa pois a molécula inicial que fez nascer nos nossos antepassados o conhecimento do infinito. Foi um dos raios trazendo para a terra a lembrança do passado criador. Fé religiosa, ardor na evolução do ser, trabalho da consciência através da história. Tais são os princípios recebidos pelos Druidas e transmitidos pela palavra às famílias que os cercavam.

Descendo ao fundo das nossas consciências aí encontraremos a raiz do bem e o mal, e é ainda ao Celtismo que devemos o livre arbítrio na evolução francesa. Devemos-lhe o livre arbítrio no sentido em que, recebendo a iniciação superior, e não podendo mais negar o conhecimento de Deus, o nosso ser ficará impregnado deste fluido supra-vital que tocou o Druida e espalhar-se-á sobre as criaturas. Seguindo a marcha da história houve deformação da primeira iniciação, mas não podemos negar que foi o Druida que transmitiu o raio superior na parte do planeta que nos interessa. Cantando a glória das esferas invisíveis, recebendo a luz, revelou-se o duplo sentimento do amor de Deus e do patriotismo integral.

Se o Celtismo nos revelou a luz divina, se esta luz faz vibrar as nossas consciências e os nossos corações, é porque estes corações regados de uma fé mística, devem espalhar à sua volta, as virtudes e os benefícios recebidos. O raio céltico ensina-nos também a amar o solo natal e um sentimento que os resume a todos nasceu desde esse tempo; ele só se desenvolverá mais tarde e de acordo com os acontecimentos: o amor do país, o patriotismo.

Luz divina descida sobre nós pelo mesmo raio que tocou os Druidas, tu conseguiste fazer agir o ser humano no sentido mais brilhante. Os corações sentiram um élan maravilhoso para mergulharem no éter astral. Entre primeiro raio que tocou o Druida e os impulsos desinteressados e generosos que animam a criatura há uma correlação muito estreita.

Era necessário que o solo da França fosse banhado pelas vibrações cósmicas. O raio céltico deu a impulsão e forma como que uma das malhas da rede que cerca a terra e deve manter entre ela e o espaço uma comunhão inter-vibratória que é a prova da vida universal.

Luz de Deus, vinde tocar o solo da França, tu que foste transmitida pelo antigo Druida, derrama-te sobre a criatura e infunde no seu coração as nobres virtudes; liberta dos seus sentidos as moléculas materiais que obscurecem o seu espírito e paralisam o seu desenvolvimento em direcção ao infinito. Do ponto de vista idealista, luz do espaço, flocos de amor saídos do coração do mais Alto, o Druida recolheu-te, que as tuas radiações permaneçam intimamente ligadas à criatura de França. Desde esta época de primeiro contacto o raio céltico continua a vibrar, mas a matéria infelizmente obscureceu-o. Virá certamente um dia em que as consciências se libertarão da roupagem material. O Celtismo como no tempo dos Druidas retomará então toda a sua actividade, mas, enquanto esperamos, é preciso socorreremo-nos das almas generosas que, bem

intuídas, espalham em seu redor o amor de Deus transmitido pelas vibrações do espírito céltico. Ó minha França bem amada, respira este azul fecundo. Que Deus não te abandone nunca; que as naturezas de elite te dêem a sua alma e o seu coração. Que um movimento de generoso desinteresse abra ao ser humano os horizontes de luz sem limites. As ondas que, a cada segundo, invadem o planeta, emanam do raio que, em todo o território da França se pode chamar Céltico. Que o maná divino, que as ondulações criadas pelas esferas de luz se espalhem sobre todos os corações franceses. Muitas consciências o sentem, mas eu desejaria que o número se generalizasse e que Deus commungasse pelas vibrações do seu coração com o coração dos meus irmãos amados que serão um dia os iniciados no reino de Deus.

Abençoado seja o Druida, primeiro sacerdote, primeiro apóstolo do país de França. Graças à sua inspiração os espíritos desencarnados puderam banhar-se nas taças que difundem a luz de Deus. Que as vibrações do espírito céltico não parem nunca. Que o horizonte se ilumine sobre o nosso belo país; que as almas mais doces, mais ligeiras sejam mais impulsionadas para vós, ó meu Deus.

Que este livro, escrito com sinceridade e uma elevação de consciência absolutas, permita a todos os Franceses dirigir as suas almas para o Infinito. Que a luz céltica se alie à fé em Deus, todo-poderoso, e na Mãe terra, símbolo da pátria que representa o reino de Deus, sobre a terra.

Deus é a luz superior, a vida inicial, a grandeza eterna. Estudando, analisando o Celtismo, esta força crescerá; um desejo de compreender as leis da vida universal apoderar-se-á da criatura humana. Desejo de todo o meu coração que a fé celtica reavive a esperança em cada coração humano e, se o autor deste livro conseguiu fazer compreender que a fé é um dos mistérios da criação, uma centelha de luz divina terá tocado o leitor e ter-lhe-á feito compreender que Deus não o abandonará jamais.

JEHANNE DE DOMREMY (*Espírito Azul*).

FIM